

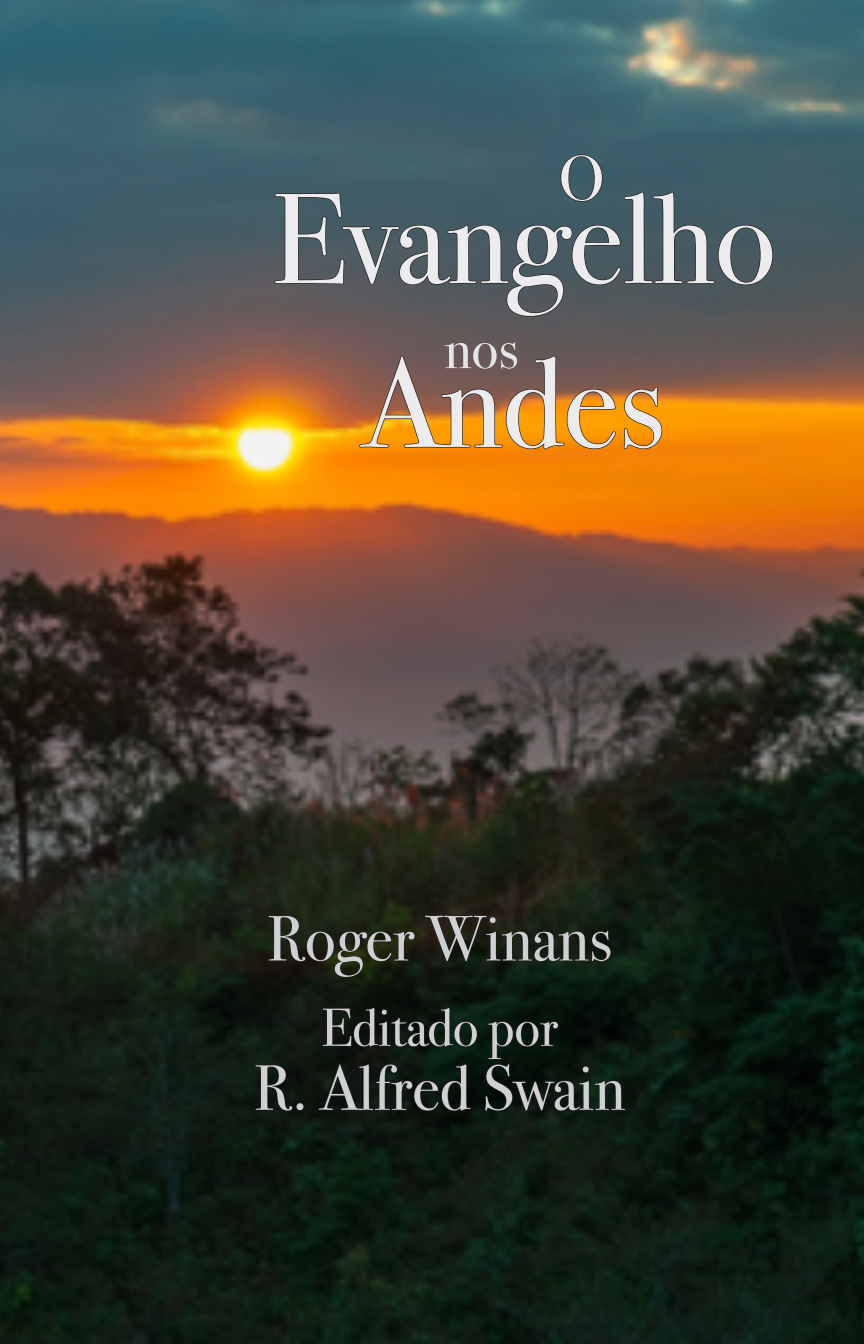
O Evangelho nos Andes, originalmente escrito por Roger Winans, é uma história comovente de um missionário que não abandonou seu chamado.

Este livro é uma ampliação da história da Igreja do Nazareno no Peru, atualizada por R. Alfred Swain, missionário que seguiu os passos de Roger Winans. Swain traz a história da Igreja do Nazareno até os dias de hoje e mostra que Cristo nos Andes continua a ser o chamado e prática da Igreja do Nazareno no Peru.



ISBN: 978-0-8341-4021-9





O Evangelho nos Andes

Roger Winans

Editado por
R. Alfred Swain

O EVANGELHO NOS ANDES

Roger Winans
Edição de
R. Alfred Swain

2021

Missões Nazarenas Internacionais

LIVROS

O EVANGELHO NOS ANDES

CEM ANOS DA IGREJA DO NAZARENO NO PERU

Roger Winans

Editado e Revisado por R. Alfred Swain

O AVIVAMENTO DA COMPAIXÃO

R. Franklin Cook e Steve Weber

**EU NC (FACULDADE NAZARENA
EUROPEIA) EM MISSÃO**

Klaus Arnold

O EVANGELHO NOS ANDES

Roger Winans
Edição de
R. Alfred Swain



**NAZARENE MISSIONS
INTERNATIONAL**

Copyright © 2021 de
Nazarene Publishing House

ISBN: 978-0-8341-4021-9

Título do original: Gospel Over the Andes
Copyright © 1955 de
Nazarene Publishing House

Citações das Escrituras retiradas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, Copyright © 1993, 2000 pela International Bible Society. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Impresso nos
Estados Unidos da América

Capa: John Haines
Diagramação: John Haines

INTRODUÇÃO GERAL DO EDITOR ORIGINAL

O Evangelho nos Andes, escrito por Roger Winans em 1955, editado e relançado por Helen Temple em 1990, é um livro da “Série de Clássicos” das Missões Nazarenas Internacionais (MNI) que conta a fascinante história do missionário Roger Winans, pioneiro no Peru e na Amazônia. Essa última edição é o trabalho de R. Alfred Swain, missionário no Peru, hoje aposentado, que atualiza a história.

A parte 1 deste livro é uma retrospectiva autobiográfica da história de Roger Winans, que se apresenta como um diário de sua vida e ministério, repleto de emoções que marcaram sua jornada: a perda de entes queridos que não sobreviveram à missão e a alegria de ver a missão florescer como reflexo de sua fiel obediência ao chamado de Deus.

A parte 2 do livro foi escrita recentemente por R. Alfred Swain, missionário no Peru. Nascido em um lar cristão na área rural da Irlanda do Norte, no Reino Unido, Alfred emigrou para Connecticut com sua família em

1952. Ele se formou na Faculdade Nazarena do Leste, em Quincy, Massachusetts, EUA, e no Seminário Teológico Nazareno, em Kansas City, Missouri, nos EUA. Ele e sua esposa, Arlene, foram nomeados missionários no Peru em 1965, e após concluírem o estudo da língua espanhola na Cidade do México, estabeleceram-se em Lima, no Peru. A primeira tarefa do casal era plantar igrejas, e após cinco anos de trabalho frutífero no Peru, foram enviados para iniciar a obra no Equador. Dez anos e treze igrejas depois, foram transferidos para La Paz, na Bolívia, onde Alfred serviu como diretor de seminário. Pouco depois, foi nomeado diretor de missões para a Bolívia. Em 1986, o Dr. Louie Bustle, diretor regional para a América do Sul, o nomeou para o cargo de coordenador de estratégia da Área Andina do Sul, que incluía Bolívia, Chile e Peru. Alfred coordenou os ministérios de superintendentes regionais nacionais, diretores de seminários e missionários em serviço nos três países. Ele também ofereceu treinamento em administração e liderança para pastores e líderes de igrejas. Em 1998, a Área Andina do Sul se tornou Área Andina Central de Bolívia e Peru, com escritório de campo em Lima, no Peru. Alfredo, como é chamado pelos amigos, e Arlene continuaram seu serviço missionário no Peru até se aposentarem em 2003. Hoje vivem em Sarasota, na Flórida.

Alfred seguiu os passos de Roger Winans e dos missionários e pastores que continuaram a obra. Ele conhece bem a missão nas tribos Aguaruna e Huambiza

e participou da expansão da Igreja do Nazareno no Peru. Essa é uma extensa continuação da história da obra da Igreja do Nazareno no Peru e constitui um relato histórico dos acontecimentos ocorridos desde que Winans deixou o país e do trabalho dos missionários que vieram para dar continuidade à sua obra pioneira. Novos ministérios floresceram e a Igreja do Nazareno cresceu significativamente através do trabalho fiel de missionários e líderes nacionais da igreja, produzindo uma colheita que Roger Winans talvez tenha imaginado, mas cujo fruto não chegou a ver.

Você será abençoado ao ver como Deus usa vidas dedicadas para tirar Seus filhos das trevas e levá-los para Sua gloriosa luz. A fidelidade de suas contribuições para o Fundo de Evangelismo Mundial e para as Ofertas de Alabastro, assim como suas orações pelos que servem na linha de frente de missões, é o que possibilita essas histórias de transformação, bênção e crescimento. Desse modo, você também faz parte dessa magnífica história. Obrigado!

ÍNDICE

PARTE UM: 10

O Evangelho nos Andes

O relato autobiográfico do ministério do missionário
pioneiro no Peru: Rev. Roger Winans

Capítulo

1	Primeiros anos	15
2	Rumo ao Peru	27
3	Mudança para Monsefú	35
4	Expandindo horizontes	41
5	Vem a perseguição	45
6	Para o interior	53
7	A vida em Pomará	61
8	Os Carson chegam a Pomará	71
9	Esther vai para casa	77
10	Os Carson voltam para casa	81
11	Primeira licença e retorno	89
12	Batalhas e vitórias	97
13	Segunda licença e retorno	101
14	Supervisionando a obra	107

PARTE DOIS:

O desenvolvimento da Igreja no Peru,
de 1948 a 2018: Rev. R. Alfred Swain

15	A estratégia para o estabelecimento da Igreja do Nazareno no Peru	121
16	Mais missionários chegam ao Peru	
17	O primeiro superintendente distrital peruano	135
18	A continuação do trabalho missionário com os aguarunas	141
19	Novos missionários substituem Roger e Mabel Winans	145
20	O ministério de Elvin e Jane Douglass na Montaña	153
21	O ministério do Dr. Larry Garman e sua esposa	159
22	O programa Trabalho e Testemunho contribuiu para o crescimento das igrejas	169
23	O ministério do filme JESUS no Peru	177
24	Desenvolvendo uma estratégia para o crescimento	181
25	A criação de novos distritos no Peru	185
26	O desenvolvimento da educação teológica no Peru	191
27	A comemoração do Centenário	201
	Apêndice	210
	Sua Hora de Agir	212

PARTE UM: O EVANGELHO NOS ANDES

O relato autobiográfico do ministério do missionário pioneiro no Peru: Rev. Roger Winans

Introdução à Igreja do Nazareno no Peru **R. Alfred Swain**

A República do Peru foi uma das primeiras áreas de missão da Igreja do Nazareno. Os primeiros missionários nazarenos, Roger e Mary Winans, chegaram a Pacasmayo, no Peru, em 1914. Três anos depois, a missão no Peru foi reconhecida oficialmente pelos líderes da igreja. Em 2014, a Igreja do Nazareno no Peru comemorou o Centenário com uma grande celebração repleta de emoções em Chiclayo, no Peru.



Mapa do Peru

A República do Peru está localizada na costa do Pacífico, na América do Sul. É o terceiro maior país do continente, com uma população de mais de 32 milhões de habitantes. A área litorânea (chamada neste livro de “o

litoral”) é uma região desértica que se eleva gradualmente com a magnífica cordilheira dos Andes, que se estende de norte a sul. A maioria das grandes cidades do Peru está localizada na região litorânea.

A região montanhosa dos Andes (chamada de *Sierra*) foi altamente desenvolvida pelo império inca e ainda abriga os descendentes dos povos indígenas Quíchua e Aimará. O espanhol é a língua predominante, mas o quíchua também é falado na região central andina. Nas montanhas meridionais, o aimará é a língua de muitas comunidades.

A região leste do Peru desce da alta cordilheira e se torna a fértil bacia hidrográfica dos grandes rios que deságuam no imenso rio Amazonas, que atravessa densas áreas de selva. Essa região é muitas vezes chamada de *Montaña* ou a *Selva*. As planícies férteis atraíram milhões de colonos, que plantam café, frutas tropicais e cacau, e transformam as florestas em madeira para consumo interno e exportação. A bacia amazônica é o lar de muitas tribos, incluindo os aguarunas e huambisas, que Roger Winans começou a evangelizar.

O propósito deste livro é contar a história da expansão da Igreja do Nazareno durante os últimos 100 anos. A história começa com o heroico e pioneiro ministério de Roger Winans e sua família, durante os primeiros trinta anos. Essa história foi contada pelo próprio Roger Winans em seu primeiro livro, “Gospel over the Andes” (O Evangelho nos Andes). Incluímos essa história para dar uma base contextual ao presente livro. Partindo dessa

base, o livro conta o desenvolvimento e expansão da Igreja do Nazareno no Peru, mais recentemente.

Roger Winans, missionário pioneiro no Peru, era movido por um sonho — uma visão e um chamado de Deus para uma comunidade indígena desconhecida nas florestas peruanas. Seus amigos e parentes o achavam tolo. Seus colegas de escola o chamavam de louco. Roger, teimosamente, decidiu encontrar seu povo, sendo o primeiro missionário nazareno no Peru. Por vários anos, após seu chamado para o Peru, ele pediu à liderança da Igreja do Nazareno que o enviasse ao país, sempre recebendo a resposta de que a igreja não poderia fazer isso. Como conta em sua história, ele e sua esposa, Mary, trabalharam de várias maneiras para economizar dinheiro para a viagem. Finalmente, decidiram que não podiam esperar mais e pagaram por suas passagens em um navio que ia para o Peru.

Em 1 de novembro de 1914, Roger e Mary Winans chegaram a Pacasmayo, para servir como missionários da Igreja do Nazareno, três anos antes de receberem permissão oficial para começarem a fundar Igrejas do Nazareno no Peru. Esse início humilde foi o começo de uma das maiores histórias de serviço missionário, que levaria à atual expansão da Igreja do Nazareno no Peru.

Em seu livro autobiográfico, “Gospel Over the Andes” (O Evangelho nos Andes), vemos o trabalho das missões pioneiras através dos olhos e do coração de um missionário que era movido por um sonho dado por Deus. Ele e sua família permaneceram fiéis ao chamado de Deus, pagando

um preço muito mais alto do que a maioria dos homens pode pagar. Duas esposas e dois filhos estão enterrados no Peru. E seu sonho nunca foi abalado. No entanto, não vemos em nenhum momento qualquer questionamento sobre a sabedoria de Deus ou seu chamado. No fim da vida, Roger conseguia identificar alguns poucos convertidos e missões entre os aguarunas. Contudo, a Missão Nazarena que ele tinha iniciado já havia plantado muitas igrejas no litoral, nas montanhas e nas regiões do ao leste. Roger deixou o Peru convencido de que havia sido obediente ao chamado de Deus. Ele conseguiu passar a obra missionária e as igrejas para as mãos capacitadas de missionários e pastores peruanos. Ele havia feito o seu melhor para plantar sementes nas áreas tribais ao longo do rio Marañón e sabia que a colheita estava apenas começando. Em 1948, ele e Mabel¹ entregaram a obra na floresta ao Pastor Elvin Douglass e sua esposa, Jane, e viajaram pelos rios Marañón e Amazonas para retornar aos Estados Unidos e desfrutar de uma merecida aposentadoria.

Agora, seguimos com a história, nas palavras de Roger.

¹ Roger Winans casou-se três vezes. Ele foi ao Peru com sua primeira esposa, Mary, que faleceu em agosto de 1918, durante o trabalho de parto. Em dezembro de 1919, Roger se casou com Esther Carson. Infelizmente, ela faleceu em novembro de 1928 devido a complicações da malária e trabalho de parto. Em dezembro de 1929, Roger se casou com Mabel Park. Eles se aposentaram em 1947.

Capítulo 1

Primeiros anos

Meus antepassados foram pioneiros no Kentucky e depois no Kansas. Meu avô estabeleceu-se na Reserva Indígena de Delaware. O relacionamento que tinha com os indígenas era amigável e agradável. Por dezoito meses, minha avó não viu outra mulher branca. Meu pai chegou ao Kansas pouco antes da Guerra Civil. Ele era ferreiro de profissão e não adquiriu terras. Ele arrendou, mas ficou endividado e nossa família era uma das mais pobres entre os pobres.

Eu nasci em 15 de dezembro de 1886, em uma fazenda a cerca de 3 quilômetros de Osawkie, no estado do Kansas, nos EUA.² O córrego perto de nossa casa se tornou nossa principal fonte de entretenimento. Sempre tínhamos o suficiente para comer. Molho engrossado e batatas, mingau e leite eram os alimentos comuns,

² Osawkie, Kansas, é uma cidade incorporada com uma população de 660 habitantes. Acredita-se que essa aldeia indígena, originalmente chamada de Osawkee, recebeu seu apelido em homenagem ao chefe da tribo, Sak (Sauk). A ortografia do nome mudou duas vezes — para Osawkie em 1883, quando o depósito ferroviário foi construído, e 17 anos depois para Ozawkie. (City of Ozawkie, “History of Ozawkie” [<https://ozawkie.org>] e Paula Smith, mensagens de e-mail para Gail Sawrie, 12 fevereiro 2020).

com porco na maior parte do ano, e frango e ovos para ajudar. Conforme crescemos, colhíamos comida da Mãe Natureza. Havia verduras e uma erva chamada azeda na primavera, e frutas silvestres e nozes no verão e no outono.

Meus irmãos e minha irmã, mais velhos que eu, frequentavam a escola de forma irregular, porque não tínhamos roupas aquedadas. Como eu não era tão sensível, ia à escola mesmo que as crianças zombassem de minhas roupas. Às vezes, compartilhávamos as roupas e nos revezávamos para ir à escola dominical.

Pouco depois de completar sete anos, um velho louco realizou alguns cultos em nossa escola. Pelo menos todos diziam que ele era louco. Na única noite em que fui ouvi-lo, ele desenhou uma linha no quadro negro e disse: “A parte de baixo representa os perdidos a caminho do inferno, e a parte de cima representa os que foram salvos e estão a caminho do céu. Cada um de vocês sabe em que lado da linha está”.

Então pensei: “Eu não sei, mas gostaria de saber”.

Alguns dias depois, fui sozinho andar na floresta e perguntei a Deus de que lado da linha eu estava. A resposta veio rápida: eu estava no ponto decisivo e poderia escolher por mim mesmo de que lado gostaria de estar. Havia, porém, uma condição. Se eu escolhesse a parte de cima da linha, teria que revelar publicamente que pertencia ao Senhor, e meus irmãos mais velhos ririam de mim e diriam que eu era louco como aquele velho. Eu queria tomar a decisão certa, mas o medo que tinha dos meus irmãos foi maior. Eu era covarde e pecador.

Quando tinha cerca de 14 anos, me senti sob condenação pela segunda vez. Um cristão sincero mudou-se para nossa comunidade. No inverno, ele começou a fazer longas reuniões de oração. No início, apenas três ou quatro pessoas compareceram. Um dia, um valentão da nossa escola foi a uma reunião e foi profundamente convertido. Muitos dos alunos compareceram na noite seguinte. O novo convertido veio pedir ao meu irmão para ir e orar. Se ele tivesse ido, eu também teria ido. Mas ninguém se mexeu e, depois de algumas noites, as reuniões acabaram.

Meu pai morreu quando eu tinha 15 anos. Meus irmãos mais velhos assumiram as dívidas da família e pagaram todas. Minha mãe ganhava dinheiro criando galinhas, e nós, os meninos mais novos, cuidávamos da fazenda.

Era costume em nossa zona escolar que os alunos continuassem no ensino fundamental até os 18 a 20 anos. Quando tinha 18 anos, não passei na prova do condado para o certificado da terceira série. Decidi, então, ir para o Oeste ganhar dinheiro e deixar a juventude do Condado de Jefferson crescer na ignorância!

A morte de meu irmão às duas horas da madrugada foi um choque para todos nós. Ele e minha mãe eram os únicos cristãos da família. Se eu tivesse sido chamado para a eternidade no lugar dele, sabia que não tinha nenhuma esperança.

Com os primeiros raios de sol, segui para o vilarejo e sede do condado, a mais de três quilômetros de distância, para procurar ajuda. Eu queria buscar a religião, mas não

sabia que passos tomar. Ajoelhei-me no leito seco de um riacho e pedi a Deus que me desse um ano para ser salvo.

Alguns meses depois, ouvimos que alguns estranhos estavam na cidade, pregando que as pessoas podiam ser santas nesta vida. Meu irmão achava que eles deveriam ser expulsos do país, mas eu queria ouvi-los. Fiquei impressionado com o entusiasmo deles e os convidei para jantar na nossa casa.

Havia sido decidido que eu trabalharia longe de casa naquele verão, no Colorado, onde os salários eram um pouco mais altos. Como partiria na manhã seguinte, não fui à reunião ouvir o jovem pregador que se juntou aos outros. Minha irmã mais nova foi à reunião e foi salva. Ela chegou em casa depois de eu ter ido dormir, mas me chamou:

- Roger, eu fui salva.

Ainda meio dormindo, me virei e respondi:

- Bom, Nettie, fico feliz que você tenha se juntado à igreja.

Parti para o Colorado de manhã cedo, enquanto minha irmã ainda dormia, e não a vi por meses. Trabalhei em vários empregos temporários, um deles com um grupo de mexicanos, e aprendi algumas palavras em espanhol.

As cartas que recebi de casa, contando a conversão de meus irmãos e irmãs mais novos, trouxeram lágrimas aos meus olhos. Minha consciência me condenou durante o verão inteiro. Mais cedo do que planejava, estava a caminho do Kansas e de casa. Tudo havia mudado, orações pela manhã, à noite e antes de cada refeição, com todo o tipo

de reuniões. Eu era o único pecador na família e objeto das orações de todos. Uma tarde, vi minha irmã orando atrás de um monte de feno. Não tive dúvida de quem era a pessoa por quem ela estava orando. Mais tarde, ela afirmou que eu seria convertido naquela noite. Achei que ela estava indo um pouco longe demais em sua profecia e decidi ver quem estava certo.

Antes das orações naquela noite, tirei os sapatos, preparando-me para ir dormir. A família reuniu-se ao meu redor e insistiu que eu não deveria ir para cama antes das orações. Por respeito a Deus, ajoelhei-me com eles, mas me recusei a orar. De repente percebi que estava lutando contra Deus, e não contra meus irmãos e irmãs.

Convencido de que essa era minha última chance, decidi render-me a Deus, mas achei difícil encontrar as palavras. Minha mãe me aconselhou a pedir por misericórdia. Pedi a Deus que tivesse misericórdia e me perdoasse. Tive uma clara sensação de alívio e paz, mas o claro testemunho do Espírito não ocorreu.

Eu tinha decidido ser um cristão, mas acreditava poder escolher que tipo de cristão seria. Será que eu não poderia viver minha vida e deixar o testemunho e a oração para os outros?

Uma noite, um grupo de desordeiros estava no fundo da casa de reuniões. Eu estava sentado mais ou menos na metade do caminho entre eles e as pessoas que estavam dando testemunho. Durante as orações, os desordeiros se ajoelharam e, zombando, fizeram barulhos imitando porcos. Percebi minha posição entre os porcos e os cristãos.

Alguns passos para trás e seria um porco como eles. Um passo para frente e eu seria registrado como um seguidor de Cristo. Eu selaria minha fé com meu testemunho público perante os três mundos.

Quando chegou o momento dos testemunhos, minhas pernas estavam tremendo. Segurei o assento à minha frente e me levantei. Enquanto confessava a Cristo diante dos desordeiros, veio sobre mim o testemunho claro e categórico de que Ele, naquele momento, me confessava diante do Pai. Que alegria, paz e segurança eu senti!

Uma questão de restituição ainda precisava ser resolvida. Alguns garotos tinham roubado e assado um peru da fazenda de um homem. Eles insistiram para que eu comesse um pedaço, e assim não os entregasse. Escrevi uma carta e coloquei uma moeda dentro do envelope, e assim o episódio do peru deixou de me incomodar. Fui até o monte de palha para orar e buscar a bênção de santidade que ouvi sendo pregada. A glória desceu sobre mim e tive certeza de que era sobre isso que o pregador tinha falado. Eu disse: “Como eu queria que o pregador estivesse aqui para perguntar-lhe se isso é santificação!” Deus não se agradou da minha falta de fé, e a glória deixou-me.

Alguns meses depois, em um encontro de avivamento, eu era o único que buscava a Deus. Era a última noite de encontro e o evangelista já tinha ido para seu hotel quando orei. Foi uma transação direta com o Senhor.

Alguém me enviou um catálogo da Escola Bíblica de Hutchinson.³ Peguei o catálogo, ajoelhei atrás de um pé de erva-sabão e disse: “Senhor, se queres que eu vá para a Escola Bíblica, estou pronto”.

Em Hutchinson, lavei pratos em um hotel barato em troca de moradia e três dólares por semana. Depois consegui um emprego escalando árvores altas e cortando galhos por 25 centavos a hora. Não durou muito tempo, e logo eu estava desempregado novamente. Apenas com trabalhos ocasionais, o inverno foi difícil. Amigos insistiram para que eu fosse embora, dizendo que eu não tinha sido feito para a cidade. Finalmente, em desespero, saí da cidade com minha Bíblia em mãos e fui para as dunas. Passei o dia em oração e fui grandemente abençoado pelo Senhor, mas não tive nenhuma indicação clara sobre meu futuro. Retornei pela segunda e pela terceira vez.

No terceiro dia, no meio da tarde, vi tão claro como Paulo viu o homem da Macedônia, uma tribo indígena no rio Amazonas. Uma mão parecia apontar para eles e soube que aquele era o meu campo. Voltei para a cidade em completa paz. No momento de testemunhos daquela noite, falei sobre meu chamado. Não houve améns e as pessoas acharam que eu estava enganado. Um homem

³ A Escola Bíblica de Hutchinson, na cidade de Hutchinson, Kansas, teve vários nomes, incluindo Faculdade Bresee, seu último nome. Roger Winans frequentou a escola em seus primeiros anos, assim como sua irmã, Nettie Winans Soltero, que se tornou uma missionária da igreja Pilgrim Holiness na América Central. A escola foi incorporada à Faculdade Bethany-Peniel (hoje Universidade Nazarena do Sul, em Bethany, Oklahoma) em 1939.

apertou minha mão e disse: “É um longo caminho até a América do Sul, irmão Winans”.

Entrei na Escola Bíblia quando tinha 23 anos. Aprendi tanto por associação com os professores e alunos mais espirituais quanto com os livros durante os dois que passei na escola.

Enquanto estava na escola, o pastor C. B. Jernigan⁴ visitou Hutchinson, e a Igreja da Santidade de Hutchinson foi incorporada à Igreja Pentecostal do Nazareno.⁵ Senti-me incentivado a juntar-me a essa igreja e fui recebido como membro. Algumas semanas depois, um dos meus colegas disse que eles nos dariam permissão para pregar. Fiquei surpreso, mas logo fomos chamados diante da diretoria da igreja. Quando me perguntaram se tinha um chamado para ser pregador respondi que não sabia. Perguntaram se tinha um chamado para o campo missionário e disse-lhes que tinha certeza que sim. Perguntaram-me o que pretendia fazer quando chegasse ao campo missionário, e respondi:

“Pregar o evangelho”.

Eles concluíram que meu chamado missionário constituía um chamado para pregar e me deram permissão

⁴ O pastor C. B. Jernigan nasceu nos EUA, em 4 de setembro de 1863, e entregou a vida a Cristo, foi santificado e sentiu o chamado de Deus para pregar ainda muito jovem. Jernigan organizou a primeira Igreja da Santidade Independente em 1901, que mais tarde tornou-se parte da Igreja do Nazareno. Em 1908, Jernigan foi nomeado superintendente distrital de Oklahoma/Kansas. Posteriormente, fundou uma faculdade perto da Cidade de Oklahoma que acabou se tornando a Universidade Nazarena do Sul.

⁵ A Igreja Pentecostal do Nazareno foi o nome original daquela que hoje é a Igreja do Nazareno.

para fazê-lo. Sempre senti que meu chamado ao campo missionário era central e que meu chamado de pregador dependia desse chamado principal.

Em outubro de 1911, fui para El Paso, no Texas, para trabalhar. Por nove meses, Santos Elizondo foi minha colega de trabalho. Ela me colocava para pregar em todas as ocasiões possíveis, e eu massacrava a língua espanhola horivelmente.

Um dia, uma esbelta jovem entrou na missão e se apresentou como Mary Hunt, irmã de Ed Hunt, um missionário nazareno no sul do México. Ela pretendia juntar-se a ele, mas a revolução mexicana manteve a ferrovia bloqueada, de modo que ela não pôde ir.

A irmã Elizondo colocou-a à frente de uma escola diurna, e me designou como seu intérprete. O espanhol de Mary era limitado, e ela dependia de mim completamente.

Por muitas vezes, orei por uma companhia na obra, mas sempre pensei que seria um homem, forte e robusto, com quem poderia dividir as dificuldades que nos esperavam. Será que aquela garota magra poderia suportar as dificuldades de uma vida missionária pioneira? Eu não tinha dinheiro e sabia que um homem da minha situação não tinha o direito de pensar em casamento.

No entanto, recebi um pouco de dinheiro e, apesar de nosso sentimento de cautela, decidimos nos casar em 7 de junho de 1912. Alugamos um apartamento de um quarto e o arrumamos da melhor maneira que pudemos. A alimentação nos custava quatro dólares por mês. Por um dólar comprávamos mais de onze quilos de farinha de

trigo integral, que era usada para o café da manhã, jantar e o mingau da ceia. Feijões eram baratos, e um osso para sopa podia ser comprado por apenas dez centavos.

O doutor H. F. Reynolds⁶ foi a El Paso para planejar a obra. Nós o convidamos para jantar conosco. O prato principal era feijão, mas não estava bem cozido. Mais tarde, na mesma semana, ele disse: “Irmão Winans, não podemos enviá-lo para a América do Sul, mas se Deus o chamou, você irá ou se perderá”.

Ele influenciou minha vida mais que qualquer outro indivíduo que conheci.

Em um dia quente, em meados de 1912, nos mudamos para Deming, no Novo México, para trabalhar com o rev. Hackley, pastor da Igreja do Nazareno. Seu ajudante, o irmão Thompson, contou-nos sobre um grupo de mexicanos que precisava de um pregador. No começo, eles não nos receberam, mas quando dissemos que gostaríamos de visitar sua escola dominical, acabaram cedendo. Eles me convidaram para pregar naquela noite. Depois de uma assembleia privada, deram-me pouco mais de três dólares. “Não viemos pelo seu dinheiro” — disse eu —, viemos pelas suas almas”.

⁶ Hiram F. Reynolds (1854-1938) foi um presbítero ordenado da Igreja do Nazareno e eleito como segundo superintendente geral da denominação. Ao aceitar Cristo como seu Salvador ainda jovem, ele foi chamado para pregar e frequentou o Seminário Teológico Montpelier, em Vermont, tornando-se, mais tarde, um evangelista. Após a criação da denominação, Reynolds serviu em duas capacidades: superintendente geral (1907-1932) e diretor executivo da Junta Geral de Missões Estrangeiras (1908-922, 1925-1927). H.F. Reynolds era apaixonado por missões e viajou o mundo promovendo missões na nova denominação.

Eles responderam: “Por isso queremos que aceite nosso dinheiro”.

O irmão Thompson nos deu uma casa de dois cômodos com um fogão, uma mesa, uma cama e duas ou três cadeiras. Trabalhamos entre os mexicanos por muitos meses e finalmente plantamos uma Igreja do Nazareno. Durante esse tempo, enviei meu pedido anual de indicação missionária e recebi a decisão negativa da Junta Geral.

Capítulo 2

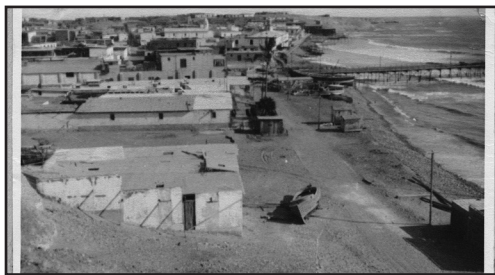
Rumo ao Peru

A vontade de alcançar outros tornou-se quase uma agonia. Pedi à igreja mexicana para me liberar e mandei minha esposa para o Kansas, enquanto eu fui para a Califórnia para tentar despertar algum interesse pelo Peru. Em São Francisco, um pastor nazareno me deu encorajamento e bons conselhos: “Deposite o dinheiro que você tem em um banco, arranje um emprego em uma fazenda de frutas e escreva a seus amigos, dizendo que irá para o Peru assim que tiver o dinheiro da passagem”.

Segui o conselho dele, e todo mês depositávamos um pouco na nossa poupança. Finalmente, a quantia era suficiente para pagar o que a companhia de navios a vapor cobrava pelas passagens de terceira classe para nossa família; assim, estávamos a caminho. Muitas vezes li sobre as despedidas de missionários no cais, mas os mendigos que carregaram nossa bagagem foram as únicas pessoas que nos viram partir.

Uma ou duas horas antes da meia-noite do dia primeiro de novembro de 1914, desembarcamos em Pacasmayo, no Peru, sem conhecer ninguém e sem nada que se pudesse

chamar de um documento. E, pior de tudo, quase sem dinheiro. Ficamos em um hotel durante a noite e, na manhã seguinte, antes do café da manhã, um menino que trabalhava no hotel estava batendo à nossa porta exigindo pagamento pela nossa hospedagem noturna. Estávamos definitivamente em uma enrascada.



O cais onde a família Winans desembarcou em Pacasmayo, em 1 de novembro de 1919

Saí para andar e parei um jovem bem-vestido, disse-lhe que estava ali para abrir uma escola de inglês. Ele já era um estudante de inglês e trabalhava para um empresário americano. Ele me apresentou a alguns de seus amigos que também queriam aprender inglês e, por último, levou-me para conhecer seu chefe. Eu lhe disse que tinha três de seus funcionários matriculados em minhas aulas de inglês, haviam concordado em pagar-me cinco soles⁷ por mês cada um, mas eu precisava de um empréstimo para ajudar-

⁷ O *sol* (plural: *soles*) era a moeda nacional do Peru de 1863-1985. Foi substituída pelo *inti* em 1985, que foi substituída em 1991 pelo *nuevo sol*. As notas e moedas de *sol* não têm mais valor no Peru, nem podem ser trocadas por notas e moedas da atual divisa. Em fevereiro de 2020, a taxa de câmbio do *nuevo sol* peruano era de 3,38 por dólar americano.

me na atual situação. Após consultar seus funcionários, ele me deu 30 soles, que seriam descontados dos salários de seus funcionários. Consegui pagar a conta do hotel, o transporte de nossa bagagem e um mês de aluguel de uma casa nova na periferia da cidade, e ainda sobrou um pouco para a comida.

Logo, tínhamos mais estudantes, resultando em mais renda. Compramos madeira para fazer bancos para nossa sala da frente, assim poderíamos realizar cultos. No entanto, cometemos o erro de organizar os bancos em fileiras, como fazíamos em casa. Nenhum peruano queria sentar-se à frente de outro, pois isso seria um sinal de orgulho. Aprendemos que em suas casas ou salões, eles organizam as cadeiras ou bancos ao longo das quatro paredes, para que todos sejam iguais.

Passamos três anos como colportores⁸ e subagentes da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Durante esse tempo, fiz minha primeira viagem à região das montanhas altas.

Continuamos a esperar por notícias da Junta Geral. Um membro tinha dito: “Talvez um dia possamos expandir nossa obra até a Guatemala, mas nunca tão longe como o Peru”.

Imagine nossa surpresa e alegria quando soubemos que havíamos sido nomeados como missionários para iniciar a obra de campo no Peru!

⁸ Um colportor é um vendedor ambulante, principalmente de livros.

Sem demora, entregamos o trabalho da Sociedade Bíblica ao nosso sucessor. Escolhemos a cidade de Pacasmayo como nossa base porque pensamos que seria uma porta de entrada para as montanhas e o distante interior do país. Em 11 de março de 1917, realizamos o primeiro culto público sob os auspícios de nossa própria igreja em Pacasmayo. Combinamos o ensino de inglês e o trabalho de colportor com o nosso trabalho missionário e tentamos alcançar o maior número possível de cidades e fazendas na província de Pacasmayo.

Comprei de um advogado, por um preço baixo, uma pequena égua. Depois, descobri que ele havia recebido a égua como pagamento por defender um indivíduo de caráter duvidoso que tinha sido preso. A égua era rápida e disposta, e me levou a muitos vilarejos e fazendas.

Um dia, programei minha chegada ao vilarejo de Chocofán às cinco da tarde, hora em que os trabalhadores estariam voltando dos campos. Para minha surpresa, encontrei o vilarejo deserto e todas as portas fechadas. Tinha certeza de que algumas pessoas chegariam antes do anoitecer, então amarrei minha égua, peguei um prego do meu bolso e, com uma pedra, preguei meu cartaz de figuras⁹ em um poste alto. Nessa hora, um menino saiu de uma das casas e, ao passar por mim, parou para olhar o cartaz. “¡Ven a ver!” (Venham ver!), gritou ele. Portas se abriram e as pessoas saíram de suas casas, ansiosas para ver do que se tratava. Elas tinham voltado para casa

⁹ Um cartaz ilustrado com desenhos, ou principalmente composto de desenhos, especialmente um registro histórico ou crônica.

pelas portas dos fundos, e não tinham me visto chegar, assim como eu não as vi. Nesses vilarejos, onde as casas são geminadas e não há janelas, as famílias ficam bastante isoladas quando a porta da frente está fechada. Comecei a transmitir-lhes uma mensagem evangelística de um dos livros que tinha para vender, e vendi uma boa quantidade de Evangelhos e Testamentos. Ninguém questionou se o vendedor tinha o direito de explicar os livros que vendia.

Pouco depois da chegada de duas missionárias, Mabel Park e Esther Carson, em agosto de 1918, dois homens das montanhas visitaram a missão. Eles me falaram de um pequeno grupo de nove convertidos no distrito de Santa Cruz que oravam pela visita de um missionário. Algumas semanas depois, consegui fazer a viagem de três dias até aquela comunidade. Minha chegada causou uma grande comoção, e tínhamos reuniões que duravam quase um dia inteiro, com um pequeno intervalo ao meio-dia, mas não tínhamos reuniões à noite. Outras nove pessoas se converteram durante os três dias, um bom começo para a obra naquele local. No último dia, dois homens vieram das terras altas. O mais jovem fez perguntas que mostravam que ele era um estudante da Bíblia. Perguntei-lhe onde ele conseguiu uma Bíblia e ele respondeu: “Você vendeu para mim”. Ele foi uma das pessoas que compraram uma Bíblia naquela segunda-feira, quando nossas circunstâncias eram tão difíceis. Concordamos em nos encontrar no dia seguinte e ele se tornou meu guia e companheiro na viagem de volta até Llapa. Ali, conheci o

notável idealista Victoriano Castañeda, que passou muitos anos como pregador itinerante de nossa missão.

A adaptação às condições de vida no Peru, especialmente à comida, foi difícil para nós. A *yuca*, ou mandioca,¹⁰ vendida no mercado ou feira nos parecia um tubérculo amiláceo e sem gosto. O arroz era o prato básico em todas as casas, menos na nossa. Sonhávamos com frutas e vegetais com os quais estávamos acostumados. As casas mal ventiladas eram um desafio ainda maior do que a comida.

Nosso filho mais velho, Joel, estava com malária quando visitamos Callao. Com o tratamento de um médico inglês, ele foi completamente curado e nunca mais sofreu de malária. Nosso segundo filho, John, era resistente e robusto, e teve apenas as doenças passageiras comuns na infância. Nossa terceira criança, uma doce menina, sofria de uma doença que o médico diagnosticou como malária hereditária. Ela não ficou conosco por muito tempo, e levamos seu corpinho para o descanso no lado de fora do cemitério católico de Pacasmayo.

Pouco mais de um ano depois, nasceu um menino, Pablito. Minha esposa, Mary, não se recuperou e desenvolveu uma febre alta. O médico a tratou se tivesse pneumonia, mas na certidão de óbito escreveu "*Pulmonia galopante*", ou tuberculose fulminante. Durante suas últimas horas, eu estava em agonizante oração. Poderia eu, pela oração da fé, deter a mão da morte? Por fim, ela ficou

¹⁰ A *yuca*, também conhecida como mandioca ou aipim, é cultivada nos trópicos por suas raízes tuberosas, que produzem um amido nutritivo.

mais fraca e esvaiu-se para ficar com Jesus. Seus restos mortais descansam ao lado de nossa preciosa filha, que a precedeu.

Os meses que se seguiram foram realmente difíceis para mim. Percebi que algumas mudanças deveriam ser feitas, mas era difícil decidir o que fazer. Esther Carson queria adotar Pablito, mas recusei, dizendo: “Neste momento, ele precisa de uma mãe, mas, se viver, chegará o dia em que precisará de um pai”.



Igreja católica em Pacasmayo. No cemitério próximo, estão enterrados os corpos de Mary Winans e dois de seus filhos pequenos.

Conseguimos uma ama de leite para o bebê por um tempo e depois tentamos vários alimentos para bebês, mas nada parecia fazer bem a ele. Enquanto isso, eu tentava encontrar uma solução para o cuidado de meus meninos mais velhos, sem sobrecarregar as missionárias.

Capítulo 3

Mudança para Monsefú

Uma carta, escrita por missionários independentes localizados em Monsefú informou-nos que eles gostariam de vender sua propriedade e se aposentarem do campo missionário. Eu os visitei e chegamos a um acordo sobre o preço. No fim do ano de 1918, tomamos posse do local.

A casa principal era construída com uma combinação de madeira e barro e nunca havia sido terminada. Fazíamos os cultos na sala de estar. Um trabalhador peruano tinha uma casa de barro nos fundos da propriedade e ganhava a vida vendendo flores. A maior parte do terreno em volta da casa era para o cultivo de flores, especialmente rosas. A propriedade era cercada de um lado por arame farpado, que precisava de reparos, e os outros lados eram ladeados por cercas vivas, que também precisavam de reparos.

Substituímos o arame farpado por um muro de tijolos de barro. Encontrei suficiente madeira usada para terminar um salão de reuniões que estava em construção.

Enquanto eu pastoreava a congregação, aprendi que cada família tinha problemas domésticos ou pessoais que dificultavam a vida espiritual da congregação. Todas

as manhãs, eu separava um tempo para ajoelhar-me e interceder pelos problemas até que fossem resolvidos.

Um padrão muito rigoroso havia sido estabelecido e parecia até haver uma limitação sobre quem poderia buscar a salvação. Uma noite, um homem e uma mulher que nunca tinham ouvido falar do evangelho antes vieram para o culto. Havia um nó em suas vidas, e alguns dos convertidos mais antigos me perguntaram se essas pessoas poderiam ser salvas. Respondi que eu não era Deus para decidir quem poderia se converter. “Vamos orar com eles e, se encontrarmos um obstáculo, saberemos o que os está impedindo, mas se Deus nos der liberdade, e eles orarem, não limitaremos a Deus”. Naquela noite, eles oraram por vitória, e em uma semana havíamos desatado o nó.

Em 1918 e 1919, devido às conexões insuficientes dos barcos a vapor entre Pacasmayo e Éten, fiz várias viagens a cavalo entre Monsefú e Pacasmayo. Na primeira viagem que fiz, segui pela praia, que serviu como um guia na maior parte do caminho. Para evitar o sol forte, fiz uma parte da viagem à noite. No caminho de volta, decidi aproveitar a lua cheia e fiz toda a viagem durante a noite. Após alguns quilômetros, cheguei a um lugar onde só havia uma estreita crista de pedra que separava o oceano de uma lagoa. Essa lagoa, com outras semelhantes, deu nome ao pequeno vilarejo de Lagunas, situado a cerca de três quilômetros para o interior. A menos de um quilômetro do oceano, havia um prédio solitário, meio enterrado na areia do deserto, que marcava o antigo local do vilarejo. Os residentes desse vilarejo eram famosos por suas tendências

ao roubo, e minha pequena égua demonstrou uma grande afinidade pelo lugar, tentando afastar-se da trilha.

Eu mal havia ultrapassado a estreita crista de cascalho e entrado nas dunas quando avistei três homens a cavalo, vestidos com roupas claras, conduzindo uma manada de cavalos, mulas e jumentos. Rapidamente virei-me para uma das pequenas cavidades esculpidas pelo vento na areia e parei minha égua. Como estava vestido com roupas escuras e meio escondido, esperava que eles não me vissem. Depois que passaram, descobri que tinha saído da trilha, mas decidi simplesmente seguir uma direção contra o vento, até chegar ao oceano. Vi figuras escuras se movendo e concluí serem do mesmo bando que acabara de evitar.

Mudando de caminho, em direção ao oceano, encontrei uma cavidade longa e reta criada pelo vento. De início, pensei que não haviam me visto, mas depois de alguns minutos olhei para trás e percebi três homens a cavalo vindo atrás de mim a galope.

Minha égua era rápida, mas já estávamos viajando havia cinco horas, e os outros cavalos estavam mais descansados. Tentar fugir a galope seria inútil, então continuei meu caminho com um trote rápido, às vezes olhando para trás para ver o quão rápido eles se aproximavam. Sobre minhas roupas, eu usava um grande poncho de lã, então era impossível eles enxergarem se eu estava armado ou não. Quando eles se aproximaram, parei a égua e, desmontando, a coloquei atravessada na trilha, entre mim e eles. Reuni toda a minha coragem e gritei para que parassem.

Eles se deitaram sobre os cavalos, mas continuaram. A julgar pela sua atitude defensiva, deduzi que estavam tão assustados quanto eu. Gritei mais uma vez para que parassem. Eles pararam os cavalos e esperaram. Saí de trás da égua e os chamei para se aproximarem. Disseram-me que estavam a caminho de Pueblo Nuevo, uma cidade distante 16 a 24 quilômetros do oceano, em busca de alguns jumentos perdidos. Contei-lhes quem eu era e fiz questão de incluir o fato de que era muito pobre, uma reputação boa de se ter quando se viaja com ladrões.

Alguns quilômetros adiante, nossos caminhos se separaram e eles seguiram para Pueblo Nuevo. Quando eles ultrapassaram a primeira crista, segui-os para ver se falavam a verdade ou se eu deveria esperar uma segunda surpresa antes do amanhecer. Quando minha cabeça alcançou o topo do cume, parei a égua. Olhando para a trilha lá embaixo, vi que eles haviam parado para discutir a situação. Meia hora depois, me pareceu ver objetos escuros se movendo nos lados das encostas das dunas, a uma distância do oceano. Seriam pássaros ou homens?

Chegando a uma pequena casa perto de um riacho que desaguava no oceano, chamei o dono para saber o melhor lugar para atravessar o riacho. “Com a maré nessa altura, o melhor lugar é bem à frente, onde as ondas se quebram e onde três homens acabaram de atravessar antes de você”, disse ele.

Meus conhecidos estariam esperando por mim do outro lado, pensei. Como eu já esperava, os cavalos deles pastavam em um pequeno pedaço gramado perto do

riacho, enquanto os homens descansavam, aparentemente dormindo. Eles provavelmente esperavam que eu passasse correndo, mas cavalguei entre eles e, desmontando da égua, falei: “Meus amigos, vamos comer, tenho um almoço aqui comigo”.

Eles me explicaram que tinham chegado à conclusão de que os jumentos poderiam estar em La Boca del Rio, perto de Pacasmayo, em vez de Pueblo Nuevo. Quando amanheceu, vi que um deles era apenas um garoto, de 18 ou 20 anos, e os outros dois eram homens maduros. O mais velho confessou ter sido ferido pela polícia na cidade de Guadalupe, quando expulsaram o padre da cidade. Seus cavalos estavam ficando cansados, enquanto minha égua ainda estava forte, após quase 80 quilômetros de viagem pela areia. Separamo-nos perto de La Boca del Rio, e continuei sozinho minha viagem até Pacasmayo. Quando contei essa história aos peruanos que conheciam a região, disseram-me: “Fueron ladrones” (“Eram ladrões”).

Durante o ano de 1919, fiz três viagens às montanhas: uma a Santa Cruz, uma a San Miguel e uma longa viagem até Jaén. A viagem a Santa Cruz foi a mais produtiva, a de Jaén, a que chegou mais longe na abertura do caminho para a futura missão aos índios aguarunas. Voltando de San Miguel, enquanto cavalgava pela trilha da montanha, tive um grande sentimento de solidão e senti que Pablito, meu bebê, havia morrido. O sentimento passou e continuei minha jornada. Ao chegar de volta em Pacasmayo, a senhorita Carson queria contar-me algo, mas achou muito difícil. Quando ela finalmente conseguiu, contei minha

experiência do dia anterior. “Deus facilitou a situação para você”, respondeu ela.

Capítulo 4

Expandindo horizontes

Toribio Suarez e eu fizemos grandes preparativos para a viagem a Jaén, o desconhecido, o grande “além”. Eu tinha ouvido muitas histórias sobre essa fabulosa província! Meu interesse principal, porém, eram as pessoas, especialmente os indígenas. Viajamos com poucas coisas, levando apenas o necessário e um estoque de Bíblias, que facilmente distribuímos ao longo do caminho.

Chegamos às margens do rio Chamaya após sete dias e, devido ao intenso calor, decidimos descansar até que estivesse mais fresco.

Na manhã seguinte, logo cedo, seguimos viagem e nos aproximamos da cidade por volta das 9 horas da manhã. Um velho encontrou-nos na estrada. “Para onde estão indo?”, perguntou ele. “Para Jaén”, respondemos. “Voltem para onde vieram”, disse ele, “há uma revolução em Jaén.”

Explicamos que tínhamos vindo de muito longe para conhecer aquela famosa cidade, e não queríamos voltar agora.

“Vocês têm recomendações de hospedagem?”, ele perguntou.

“Sim”, respondemos, “nos recomendaram ir à casa do *Señor* Sixto Vidarte”.

“Não vão para lá”, ele disse. “A revolução é exatamente nessa casa.”

Ficamos aliviados em saber que a revolução era pequena o bastante para limitar-se a uma casa, então decidimos continuar.

Ao entrarmos na cidade, um homem alto, usando vestes tropicais, nos parou, perguntou sobre nosso destino e se havíamos sido recomendados para ficar com alguém na cidade. Relutantemente, dissemos-lhe que um certo *Señor* Oseas Montenegro nos recomendou ao seu primo, *Señor* Sixto Vidarte.

“Sou eu.”, respondeu o homem.

Ele nos levou para sua casa. Descobrimos que, na noite anterior, tinha havido um grande tiroteio e o prefeito da cidade foi morto por um gendarme¹¹, que recentemente havia se juntado à força policial local.

Nossas perguntas sobre os índios jivaro ou aguaruna renderam relatórios conflitantes. Soubemos que jivaros tinham chegado em Bellavista, então cavalgamos até lá, mas não encontramos nenhum jivaro. Nossa viagem, pelo menos, nos familiarizou com a trilha até Jaén e com algumas pessoas.

¹¹ Um gendarme é um agente policial armado.

Eu estava de volta a Monsefú em dezembro, mas o que é um lar sem uma mãe? Parti para Pacasmayo para trazer uma mãe para a casa. Muito foi escrito sobre Esther Carson, mas creio ser impossível descrevê-la. Nossa vida foi uma vida pioneira, com suas dificuldades e aventuras. Ela carregou sua parte do fardo sem reclamar. Posso dizer apenas: “Quem era eu para ser digno de uma esposa como ela? Casamo-nos em 19 de dezembro de 1919.



Esther Carson Winans

O ano de 1920 foi uma época de grandes empreendimentos. Tínhamos algumas crianças em uma escola diurna com sua professora. Nós a ampliamos para uma escola bíblica destinada à formação de obreiros.

Nossa primeira assembleia distrital aconteceu em 1919, mas o número de pessoas foi muito maior em 1920.

Mais três missionários chegaram ao nosso campo em dois anos: a senhorita Augie Holland, da Guatemala e Bolívia, que já falava espanhol; e os Rademachers. O

irmão Rademacher era um grande homem de oração e nos surpreendeu por orar em espanhol antes de poder pregar nessa língua.

Alguns homens nasceram para serem líderes. Eu não sou um desses homens. Eu ficava várias noites sem dormir. Não era época para tirar uma licença, mas eu precisava descansar. O irmão Rademacher assumiu o trabalho, e Esther e eu fomos para San Miguel, onde alugamos uma “casa mal-assombrada” na praça. Sendo um homem das planícies varridas pelo vento do oeste do Kansas, os gemidos e tremores das portas e janelas à noite eram a música da natureza que me embalava para dormir.

Capítulo 5

Vem a perseguição

Como a data de nossa assembleia distrital se aproximava, decidimos visitar a obra no Distrito de Santa Cruz e realizar várias reuniões a caminho do litoral. Quando chegamos no primeiro grupo de convertidos, enviamos nosso guia e os animais de montaria de volta a San Miguel, planejando alugar outros quando retomássemos nossa viagem.

À noite, ouvi o que pensei ser uma quantidade anormal de fogos artifício nas casas a cerca de 100 metros de onde estávamos hospedados. Soubemos depois que eram tiros de fuzil, disparados para nos intimidar.

Certa manhã, eu estava andando no jardim e lendo a Bíblia quando chegou um grupo de homens. Continuei com minha leitura até que um deles se aproximou e tirou a Bíblia da minha mão. Os outros preparavam-se para entrar em nossas acomodações. Eu os impedi e perguntei quem eram e o que queriam. Estavam loucos para encontrar um estoque de Bíblias que pensavam que tínhamos.

Finalmente, o líder permitiu, de má vontade, que eu lesse rapidamente suas ordens escritas. Ele era o chefe de policial local e suas instruções eram de nos “ausentar” da

comunidade. Deduzi que isso significava nos prender, então disse que estávamos prontos para acompanhá-lo. Se bem me lembro, revistaram nossos pertences, levaram a maioria dos livros e o violão de Esther.

Enquanto seguíamos pela estrada em direção à cidade, eles zombaram de nós, dizendo que nossos seguidores eram fracos e nos informaram que a Constituição tinha sido modificada novamente e que nós não tínhamos mais quaisquer direitos perante a lei.

A cidade ficava a dezesseis quilômetros de distância, mas eu queria chegar e me apresentar diante de juízes inteligentes¹². Nossos captores não estavam com pressa e pareciam querer prolongar a viagem. Tínhamos viajado pouco mais de um quilômetro quando pararam na beira da estrada e insistiram para que minha esposa tocasse algo no violão para eles. Eu protestei, insistindo em que nos levassem para a cidade e para a cadeia sem mais demora. O filho do chefe de polícia pôs as mãos em minha esposa e eu lhe dei um soco, sem pensar nas consequências.

No mesmo instante, outros membros do grupo começaram a nos golpear na cabeça com seus cassinetes pesados, até que nossas roupas ficaram respingadas de sangue. O jovem em quem bati sacou seu revólver e disparou para o alto. O assassino profissional que haviam contratado para a ocasião aguardava suas ordens e o momento oportuno para fazer sua parte. O chefe de polícia

¹² Naquela época, no Peru, a maioria das pessoas não sabia ler nem escrever, incluindo os policiais e as autoridades locais. Ao usar essa frase, Roger quis dizer que gostaria de falar com um juiz alfabetizado.

ordenou que o grupo seguisse caminho, e continuamos por mais quase um quilômetro, rumo à cidade.

Ao alcançar uma íngreme trilha de mulas que levava a uma profunda ravina, deram ordem para que descêssemos pela trilha. Recusei-me, insistindo em que nos levassem para a cidade. O líder respondeu que suas ordens não eram para levar-nos à cidade, mas nos “ausentar” da comunidade. “Além disso”, continuou, “vocês nunca chegariam à cidade vivos. Uma multidão está esperando ao longo da estrada para fazer um linchamento.”

Era evidente que o plano deles desde o começo era nos matar. Duas vezes o assassino de aluguel ergueu sua arma para mirar, duas vezes eu o encarei nos olhos e ele baixou a arma.

De repente, ficamos surpresos ao ver um homem em um pequeno cume olhando para a estrada. Era Don Pedro Villareal, um homem importante que já havia nos recebido em sua casa. Ele parecia estar com medo, e começou a dar meia-volta para ir embora, mas eu o chamei: “Don Pedro, o senhor diz ser nosso amigo. Não peço para defender-nos, mas peço que fique onde está e seja testemunha e, depois que estivermos mortos, diga ao mundo como morremos.

Sua coragem retornou e ele disse aos nossos sequestradores: “Vocês bateram nessas pessoas sem motivo. Elas devem ser soltas imediatamente”.

O chefe de polícia concordou, mas seu filho não ficou em silêncio: “Podem conseguir ir embora hoje, mas nunca conseguirão sair dessa região com vida”.

Quando voltamos para a casa onde estávamos hospedados, os donos imploraram para que fôssemos embora imediatamente. Sabíamos que a uns 3 a 5 quilômetros subindo a montanha, um meio-irmão de Victoriano Castañeda ensinava em uma pequena escola rural. Decidimos passar a noite na escola e depois partir com nossos dois filhos, Joel e John. Carregamos a maioria de nossas vestes e roupas de cama em bolsas penduradas nos ombros. Uma mulher nos seguiu, carregando nosso violão.

Um atirador havia se escondido em um canavial ao lado da trilha para atirar em nós, se tentássemos escapar. Mas o sol quente e a bebida que havia consumido o fizeram dormir e passamos a alguns metros de seu esconderijo sem perturbá-lo. Ele acordou minutos depois e tomou o violão e os livros que a mulher carregava.

O professor Castañeda nos recebeu calorosamente e nos hospedou naquela noite. Depois que escureceu, um grupo de homens com longas barbas e armados com espingardas Winchester nos chamou e informou que estávamos entre amigos e não precisávamos temer coisa alguma naquela noite.

Vimos que havia pessoas suficientes para um culto e pregamos sobre o texto de Lucas 23:34:

“Jesus disse: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que estão fazendo”.

A mensagem, mais nossas roupas manchadas de sangue, deixou uma profunda impressão. Anos mais tarde, muitos se converteram a Cristo naquela vizinhança.

Nosso plano de fuga era deixar nossos meninos na casa do professor, que os enviaria para a casa de Baldomero Terrones, um valente discípulo de Cristo, enquanto Esther e eu fugíamos a pé.

Quando nos aproximamos do pé da última montanha íngreme que leva aos extensos planaltos, passamos pela última casa que veríamos por várias horas. Um menino, inocente ou maliciosamente, perguntou se íamos voltar, e eu respondi que sim.

“Está certo”, comentou ele.

Após passarmos a casa, uma mulher saiu e gritou o mais alto que pôde: “Lá vão eles”. Eu disse a Esther:

“Estão esperando por nós em algum lugar na trilha”.

Havia chovido forte na noite anterior e o chão estava macio e escorregadio. Pensamos que seria melhor deixar o menor número possível de traços e fizemos o possível para pisar em pedras ou caminhar na grama perto da trilha.

Subimos cada vez mais alto, mas tínhamos que parar para minha esposa descansar. Ela estava grávida e fraca devido à perda de sangue do dia anterior. Ajudei-a a continuar, ouvindo e observando qualquer sinal de presença humana na trilha à frente.

Quando estávamos próximo do topo, um pouco a frente e a esquerda, ouvi vozes. Um homem falou para outra pessoa: “Não vi ninguém passar por aqui”.

Eu disse baixinho a Esther: “Eles estão naquele campo; temos que correr antes que voltem à trilha”. Reunindo todas as suas forças, ela me seguiu para longe da trilha, em ângulo, para a direita. Providencialmente, chegamos a

uma leve depressão, profunda o suficiente para esconder um corpo humano deitado no chão. Rapidamente, nos deitamos. Ouvimos os passos de nossos perseguidores se aproximando da trilha, depois, uma longa pausa, e finalmente as palavras: “Eles não passaram por aqui”.

Esperamos até que os últimos sons dos homens descendo a trilha cessassem. No pé da montanha, descobririam pela mulher que havíamos escapado. Deduzimos que poderia haver outro grupo nos seguindo em uma ou duas horas.

Estávamos convencidos de que eles esperavam que retornássemos a San Miguel. Em vez disso, planejamos pegar uma trilha diferente até Hualgayoc, a capital da província. A bifurcação das trilhas ficava a apenas alguns quilômetros. Conseguiríamos chegar lá antes de nossos perseguidores nos alcançarem? Enquanto caminhávamos por colinas de pastagens, olhamos para trás e vimos três homens a cavalo. Poderiam ser viajantes inocentes, mas não queríamos contato com eles. Saímos da trilha e seguimos por um baixio¹³ até um bosque próximo, onde nos escondemos até que passassem. Três quilômetros a leste encontrava-se a casa de um dos parentes de Toribio Suarez. Pensei que poderia encontrar o lugar seguindo uma direção genérica, e seria mais seguro do que voltar à trilha. Nossos nervos estavam ficando abalados e estávamos a ponto de ver coisas e pessoas imaginárias. De repente, vimos à nossa frente duas pessoas armadas vindo em nossa direção. Conforme se aproximavam, vimos que

13 Um baixio é uma área de terreno baixo e muitas vezes alagado e pantanoso.

eram um homem e uma mulher. Ele carregava um cajado e ela enrolava lã. Reconhecemos o irmão de Toribio, Doroteo, e sua avó, que estavam procurando seu gado. Pelo menos, estávamos seguros entre amigos e podíamos descansar e comer.

Algumas horas mais tarde, fomos surpreendidos pela chegada de Boldomero Terrones, trazendo um cavalo carregado de bons cobertores de lã. Ele havia ouvido sobre nossa situação e partiu para nos encontrar e ajudar em nossa jornada. Na manhã seguinte, nós três partimos para o platô, com o coração leve e os pés ágeis. Tivemos tempo de meditar sobre a bondade e misericórdia de Deus ao nos livrar da morte três vezes nas últimas 24 horas. Continuamos nossa jornada para o litoral e chegamos a tempo da assembleia. Após a assembleia, retornamos para San Miguel via Pacasmayo, a ferrovia Chilote e um dia de jornada sobre uma mula.

As autoridades em Hualgayoc e Cajamarca não tentaram fazer justiça por nós. No entanto, o assunto foi levado ao cônsul americano em Lima e fomos oficialmente informados que, no futuro, não seríamos incomodados.

Agora, Joel e John estavam crescendo rapidamente e achamos que eles deveriam estar estudando nos Estados Unidos. Eles tinham horários para aulas, estudavam e realizavam várias tarefas, mas ainda assim, tinham muito tempo livre. Era o trabalho deles levar água para casa e, porque havia apenas uma fonte de água comunal, a fila de espera poderia ser longa, com atrasos, e às vezes com brigas. Um dia, John voltou com as roupas molhadas e os

meninos disseram que uma mulher havia jogado um balde de água nele. Fui até a fonte para investigar e a mulher disse que John colocou o pé dentro de seu balde de água. Perguntei a John porque ele fez isso e ele disse que Joel tinha mandado. Não investiguei o que a mulher havia feito para provocá-los, mas informei a todas as mulheres que eu mesmo castigaria meus filhos e pedi que me informassem quando os meninos se comportassem mal. Não houve mais problemas.

Alguns meses depois, providenciamos para que fossem enviados para os Estados Unidos na companhia de um amigo. Fizemos a viagem a cavalo, de trem e de barco até um porto de carregamento de açúcar, onde o navio deveria atracar. O navio atrasou-se e demorou cerca de duas semanas para chegar, então tive esse tempo a mais com meus meninos. Quando os vi novamente, já não eram mais meninos, mas rapazes.

Capítulo 6

Para o interior

A obra no litoral estava indo muito bem sem nós. Após nossos dois filhos, Joel e John, serem enviados para os Estados Unidos, parecia ter chegado a hora de seguir com nossa amada missão aos índios da selva.

Toribio Suarez e família nos acompanhariam. Em uma manhã ensolarada, em julho de 1923, partimos para os planaltos, onde Toribio deveria nos encontrar. A noite nos alcançou perto do local de encontro, mas não havia sinal de Toribio. Dormimos sob as estrelas e na manhã seguinte, bem cedo, encontramos Toribio e sua família acampados a cerca de um quilômetro e meio de onde passamos a noite.

No terceiro dia, avistamos a cidade de Chota, capital da província, mas já eram quase oito horas da noite quando fomos parados na praça principal pelos gendarmes e o subprefeito, a mais alta autoridade da província. Queriam saber quem éramos, para onde estávamos indo e em que casa esperávamos nos hospedar. Dissemos a eles que éramos evangélicos a caminho de Jaén e que esperávamos nos hospedar na casa do *Señor* Esteben Gavidia Romero.

“Ah! Sim, ele é um bom homem, e seu irmão é o governador. Podem seguir para suas acomodações.”

Ficamos mais um dia em Chota e fizemos o primeiro culto (protestante) público já realizado em Chota. Havia cerca de 500 pessoas escutando respeitosamente na praça, e muitas outras assistiam dos vários balcões com vista para a praça.

Atravessando o cume, rapidamente descemos para uma planície verdejante com áreas de mato cerrado. Acampamos ali para passar a noite, empilhando nossa bagagem e cobrindo-a, e a nós mesmos, com capas de borracha e ponchos de lã para nos proteger da forte chuva que caiu naquela noite.

Os três dias e noites seguintes foram um pesadelo. De manhã à noite, nós tirávamos a carga dos cavalos e mulas para desatolá-los da lama, e depois púnhamos a carga de volta. Avançávamos de 5 a oito quilômetros por dia, e por volta do meio-dia de sábado estávamos descansando e comendo em Santo Tomás. Trinta e seis horas de descanso nos revigoraram para continuar a jornada. Três dias de jornada pelo vale escassamente populado e semidesértico que rodeia o rio Marañón, nos levaram às margens do rio Chamaya, um riacho veloz, que atravessamos de balsa. De lá, era uma viagem muito curta, de um dia, até nosso destino, Jaén.

Não fazia muitas semanas que estávamos em Jaén, quando um engenheiro americano passou pela cidade para investigar algumas regiões que diziam ser ricas em ouro e petróleo. Ele estava planejando uma longa viagem

descendo o Marañón. Ficou interessado em nossa missão aos índios aguarunas e prometeu falar com o *Señor* Cosio, em Pomará. Cerca de um mês depois, ele voltou de sua viagem e mandou me chamar. Aconselhou-me a ir ver o *Señor* Cosio sem demora.

Coloquei a sela em Ford, minha mula, e cheguei ao vilarejo de Santa Rosa em três dias. Seguindo o conselho de quem conhecia a trilha, deixei minha mula para trás e fiz o percurso do último dia a pé. Assim que cheguei no sopé da grande montanha, três jovens indígenas surgiram atrás de mim na trilha e sorriram quando olhei para eles. Eles usavam tangas e carregavam zarabatanas ou lanças. Não tentaram falar espanhol, mas passaram para a frente e me levaram até a casa do chefe, Samarin.



Um grupo de aguarunas recebendo visitantes na trilha

O chefe estava sentado em um banco alto e conversava animadamente com outro índio, de modo que não prestou muita atenção em mim. Depois de um tempo, fui levado à casa do *Señor* Simón Cosio, onde fui bem-recebido.

Por três dias, reuni todas as informações que pude sobre os indígenas e sua língua. Conversei com o *Señor* Cosio sobre uma proposta de abrir uma escola para os indígenas. Ele disse que tinha enviado cartas aos frades franciscanos, pedindo que abrissem uma escola, mas ainda não tinha resposta. Se os frades não respondessem em seis meses, ele disse que seríamos bem-vindos para abrir uma escola ali.

Retornei a Jaén, carregado de informações sobre os indígenas.

Em março de 1924, um grupo de índios aguarunas veio a Jaén para vender e comprar produtos. Recebemos alguns deles em nossa casa para aprender mais algumas palavras de sua língua e demonstrar nossa amizade.

Esther e eu fizemos uma segunda viagem a Pomará, onde passamos quase duas semanas. Esther experimentou dar aulas na escola. Nosso vocabulário da língua aguaruna aumentou durante aqueles dias. O *Señor* Cosio concordou em nos deixar mudar para lá e abrir uma escola. Antes disso, porém, tínhamos que voltar ao litoral e buscar mantimentos. Voltamos para Jaén, muitíssimo animados.

Um dia, Esther foi à cidade sozinha e voltou dizendo haver conhecido o senhor Harry Watkins, um colecionador de pássaros para um museu britânico, e sua esposa, e ele queria que retornássemos a Pomará com eles. Ele se ofereceu para pagar nossas necessidades e despesas. Logo estávamos voltando para a terra dos aguarunas novamente.

Como posso descrever aquele mês em Pomará? O senhor Watkins colecionava os seus pássaros e, nos intervalos, pescava para nosso jantar. Um dia, os índios

vieram, dizendo que um grande rebanho de porcos selvagens estava por perto. Todos os homens que possuíam armas correram para o local. Apesar de eu estar cuidando do bebê naquele dia, eu o peguei no colo e corri atrás deles. Quando já havia corrido quase 300 metros, vi que estava longe demais do grupo, e voltei para casa.

Uma trilha lateral com várias marcas chamou minha atenção. Segui a trilha e encontrei uma fileira de pequenos abrigos forrados com tapete de junco. Aqui estava um segredo das crenças e práticas religiosas dos índios. Perguntei, e os índios prontamente explicaram que ali era o local aonde os meninos iam para sonhar e ter visões, após ingerirem uma bebida entorpecente chamada *ayahuasca*. Apenas os jovens solteiros e os meninos podem participar. Outros podem entrar e sair da casa à vontade, se não perturbarem as cerimônias. Um mestre de cerimônias conduz os cânticos. Em algumas horas bebendo, os meninos estão sob os efeitos do entorpecente. Ao pôr do sol, o tambor deixa de tocar e eles saem da casa grande para os abrigos, onde passam a noite tendo visões. Alguns têm um sono inquieto, mas não sonham. Outros, sonham com o trabalho comum, como fazer clareiras ou construir casas; esse é considerado um sonho medíocre. Entretanto, outros sonham com caçadas ou pescarias bem-sucedidas, e esse é um sonho bom. O melhor sonho é o de fazer guerra e matar os inimigos. Os índios acreditam que essas experiências ajudam a fazer dos meninos caçadores e guerreiros vitoriosos.

Aprendemos muito com a esposa do *Señor* Cosio, Sesingu, uma aguaruna, e com as crianças.

Em pouco tempo, o senhor Watkins completou sua coleção de pássaros, e era hora de partir. Pagamos por uma casa com mercadorias e voltamos a Jaén para nos prepararmos para uma viagem ao litoral.

Paramos a meio caminho do litoral e Esther e o bebê foram para a casa onde ficaríamos, enquanto eu cuidava dos animais de montaria. Fiquei surpreso ao encontrar Esther e a mulher da casa tendo uma conversa séria. Perguntei se não seria melhor comer um pouco e descansar primeiro, e Esther respondeu: “Foi ela que começou, ao perguntar se éramos evangélicos”.

Descansamos ali no domingo, e a mulher confessou sua conversão antes de partirmos.

Quando chegamos ao litoral, vimos que tinha havido mudanças. Os Rademacher tinham voltado para casa devido a uma doença. O Rev. Ira True e sua esposa tinham vindo da Guatemala para ficar substituí-los.

Fizemos um bom suprimento de produtos essenciais e enviamos por um tropeiro pela rota de carga, enquanto voltávamos pelo mesmo caminho por onde tínhamos vindo. No rio Chinchipe, recebemos uma mensagem do subprefeito de Jaén, dizendo que um padre jesuíta tinha chegado a Pomará dois ou três dias antes, e ele temia que o padre colocasse os índios contra nós. Fiquei preocupado com a segurança da minha família, mas Esther disse: “Vamos continuar e confiar no Senhor. Ele cuidará de nós”.

Estava anoitecendo quando chegamos à casa que havíamos comprado em nossa última viagem. Um grupo de meninos nos seguia. Eu apontei para a casa e disse a eles: “Mina jea” (Esta é a minha casa). Atsá, Taita Cura jea (Essa é casa do padre), responderam eles.

Decidimos não parar em nossa casa aquela noite, para evitar problemas. Fomos para a casa do *Señor* Cosio, onde o padre estava hospedado. O *Señor* Cosio não se encontrava, mas o padre veio nos receber, dizendo o quanto ele, como cidadão belga, estava agradecido a todos os americanos por salvarem a Bélgica durante a guerra.¹⁴ Eu agradeci, mas senti que, antes de mais nada, deveria transmitir a mensagem do subprefeito.

“Não” — disse o padre. — “Não haverá problemas entre nós; iremos trabalhar juntos, como irmãos.”

Finalmente mencionamos a questão da casa, e um menino que fora criado pelo *Señor* Cosio falou: “A casa pertence ao pastor; eu o vi pagar por ela”.

O padre disse que não tinha a intenção de tirar nossa casa, mas alguns dos índios haviam oferecido a casa para ele de graça. Na manhã seguinte, nos mudamos para nossa casa para esperar as mercadorias que tínhamos enviado pelo tropeiro.

¹⁴ Durante a Primeira Guerra Mundial, a Alemanha invadiu a Bélgica, um território neutro. Os Estados Unidos ingressaram na guerra em 1917, e enquanto a maioria do exército lutava na França, quatro divisões lutaram na Bélgica ao lado do exército britânico, em um campo de batalha na região belga de Flandres. Foi ali que algumas das batalhas mais brutais da Primeira Guerra Mundial foram travadas. Muitos soldados foram feridos e mortos no local, e vários vilarejos da região foram completamente destruídos. O futuro presidente, Herbert Hoover, criou organizações de auxílio para socorrer o país europeu. Ao final da guerra, essas organizações tinham um saldo excedente de 30 milhões de dólares, que foram usados para melhorar o sistema educacional belga.

A casa ficava em um platô, de 24 a 30 metros acima do estreito vale de Pomará. Era velha, abandonada, faltando portas nas duas extremidades. As pessoas tinham feito uma passagem pelo meio da casa. Todas as manhãs, as mulheres passavam a caminho dos campos, e toda tarde elas passavam novamente, carregando pesados fardos de legumes e bananas. Grupos de rapazes em expedições de caça ou desocupados podiam passar por ali a qualquer momento. Esther a apelidou de “a casa nos dois lados da estrada”. Tínhamos muito o que consertar por dentro e por fora.

Durante algum tempo, o padre foi uma visita frequente em nossa casa, e muitas vezes ficava para o almoço ou o jantar. Ele e Esther liam a Bíblia em francês juntos.

Um dia ele não apareceu em nossa casa e descobrimos que Shavit, o velho índio de Tutumberos, o havia levado embora. Shavit dizia ser chefe em Tutumberos, já que seu cunhado, Samarin, era chefe em Pomará. No entanto, Shavit dizia que era órfão, porque não tinha nenhum patrono para financiar sua seção da tribo. Ele pensou que o padre seria um bom patrono. Assim, chamou-o uma noite e perguntou se ele gostaria de ser o patrono de Tutumberos. Não lhe deu nem tempo para pensar. A canoa estava no rio, a noite se aproximava e a chuva estava a caminho. Eles juntaram os poucos pertences do padre e o levaram rapidamente para a canoa.

Capítulo 7

A vida em Pomará

Concentramo-nos em abrir uma pequena escola, realizar cultos públicos, defender nossas galinhas e buscar pasto para nossas mulas e comida para nós. Esther era a professora, e um jovem que viera conosco do litoral era seu ajudante. Após um mês de aula, um garoto indígena que tinha avançado um pouco mais rápido que as outras crianças estava convencido de que havia aprendido tudo o que havia para aprender.

Comprei um antigo campo de mandioca e passei um bom tempo cavando uma quantidade suficiente desse substituto de pão para satisfazer nossa família. Para carne, matávamos uma galinha de vez em quando, e eu tentava pescar, sem muito sucesso. Um dia, consegui algumas bananas de dinamite e ganhei uma boa reputação, tanto pela pescaria quanto pela generosidade, que me rendeu dividendos durante anos.¹⁵ No começo da estação chuvosa, quando o rio principal aumenta de volume e se torna

¹⁵ A pesca com explosivos, descrita por Roger Winans, era comum em muitos países ao redor do mundo no passado. Embora o uso de explosivos seja eficaz em seu rendimento, é uma prática perigosa e pode trazer danos ao meio ambiente. Atualmente, é ilegal na maioria dos países.

lamacento, certos peixes vão para a água mais clara, perto da foz de um pequeno córrego. Um pequeno pedaço de dinamite, bem embrulhado com papel, pano e barbante e preso a uma pequena pedra para afundar, quando arremessado no momento certo, mata muitos peixes.

Meu primeiro experimento nos rendeu cerca de meia dúzia de peixes grandes, pesando cerca de dois quilogramas cada. Um grande grupo de índios estava lá para ver e ter sua parte dos resultados. Se cada um deles conseguisse pegar um peixe e levar para casa, eu ficaria sem nada. A tribo tinha regras para vários métodos de caça e pesca, mas não havia regras para a pesca com dinamite. Eu teria que estabelecer regras nos próximos 30 segundos, ou sofrer as consequências.



O velho chefe dos aguarunas, Samarin, pouco antes de sua morte. Ele se converteu quando o Dr. Chapman pregou por meio de dois intérpretes.

Infelizmente para mim, o chefe, Samarin, foi o primeiro a pegar um peixe. Eu tinha uma ideia, mas não sabia se o chefe iria escutar e obedecer. Pedi que empilhassem todos os peixes. O chefe protestou, dizendo haver pegado apenas um. Por fim, ele concordou, e os outros fizeram o mesmo. Mais cedo, eu tinha visto dois peruanos carregarem um monte de peixes sem dar nem um aos índios. Fiquei me perguntando se os índios achavam que eu fosse tão mesquinho quanto aqueles homens. Quando todos os peixes foram empilhados, comecei a distribuir um para cada chefe de família, tendo o cuidado de entregar ao chefe da tribo um peixe diferente do que ele tinha pegado no início.

Entre os outros, havia um velho que já não enxergava direito e tinha duas ou três mulheres e muitos filhos. Quando lhe dei um peixe, os índios disseram que ele nunca poderia ter pescado sozinho e que eu não estava distribuindo peixe, eu estava dando. Todos ficaram satisfeitos com o que fiz e me consideraram um homem muito generoso, embora eu tenha ficado com metade dos peixes para minha família. A partir daí, tornou-se uma regra da tribo que, toda vez que a pesca fosse abundante, cada um deveria me levar um ou mais peixes pequenos, e às vezes um grande peixe, ou um bom pedaço de um peixe grande.

Na divisão do trabalho em casa, eu me tornei o médico. Por dez anos, não quis lidar com medicina, com medo de fazer mais mal do que bem. Perto de Jaén, porém, vi mulheres idosas que não sabiam ler nem escrever tratar dos

doentes e resolvi que, se elas podiam praticar medicina, eu também podia, desde que tivesse muito cuidado. Comprei um livro sobre medicina familiar e um pequeno manual de primeiros socorros, que em cada página instruía o leitor a chamar um médico. Não muito prático quando o médico mais próximo estava a mais de 320 quilômetros de distância.

Minha primeira tentativa de extrair um dente foi um fracasso; perdi a coragem. O próximo caso, porém, foi relativamente fácil e obtive êxito. Conquistei a reputação de ter uma mão “calma”, isso é, ser cuidadoso.

Meus serviços eram mais procurados para tratar úlceras tropicais. Por um tempo, tive grande sucesso, e então, de repente, não muito. Concluí que deveria haver uma diferença entre os tipos de úlcera que necessitam de diferentes tratamentos. Médicos confirmaram isso mais tarde.

Fui chamado duas vezes para auxiliar em partos. A primeira mãe deu à luz antes que eu chegasse. No caso da segunda, o processo estava apenas um pouco mais lento do que eles estavam acostumados, e ela deu à luz naturalmente, no devido tempo. Não me chamaram mais depois disso.

Um jovem índio insistiu em tentar matar peixes com dinamite quando eu não estava em casa. Ele afirmou que sabia como fazer e implorou com Esther, até que ela cedeu e lhe deu a dinamite. Assim que ele ergueu o braço para arremessar a dinamite, teve a chamada “febre do

fanfarrão”¹⁶ e não conseguiu soltar a dinamite. Felizmente, ele segurava a dinamite longe do corpo e apenas seus dedos sofreram danos. Tratei-os até que sararam completamente. A carne cresceu sobre os ossos danificados.

Depois de um tempo, descobrimos que as terras das antigas clareiras ao redor de nossa casa não poderiam mais ser cultivadas e a casa apodreceria em um ou dois anos. Precisávamos de um local novo e solo virgem. Esther mencionou um lindo riacho que descobrira um dia, Sunsuntsa, a pouco mais de um quilômetro e meio, rio abaixo. Fui olhar o local e vi que era exatamente o que precisávamos. O chefe concordou em nos conceder o terreno e começamos a limpar a terra e a plantar. O chefe era a vida e centro da equipe de trabalho.

Deixe-me descrever nossa casa. Tínhamos seis portas externas, cortadas de largas raízes ou galhos de uma certa árvore; elas tinham 76 centímetros de largura e dois metros de altura. As portas pivotavam em espigões de 15 centímetros, localizados em um dos lados. Não tínhamos fechaduras. Nossa casa tinha um chão de terra bem batido e um buraco ou dois nas paredes, que chamávamos de janelas. Consegui uma larga tábua de quase dois metros de comprimento que passei a usar como escrivaninha. Um banco rústico era meu assento. Uma larga tábua feita da mesma árvore da porta, sustentada por quatro estacas, era minha cama, e um cobertor do exército era o colchão. Caixas ou caixotes eram armários e estantes.

¹⁶ *Febre do fanfarrão* é a excitação nervosa que um caçador inexperiente sente ao avistar a caça.

A assembleia distrital de 1925 em Monsefú se aproximava. Esther e o pequeno Roger não poderiam acompanhar-me naquele ano. Um grupo de quatro índios me acompanhou, e atraímos muito entusiasmo.



**Os Winans com dois de seus filhos. Julho de 1926,
Monsefú, Peru.**

Conforme a hora se aproximava para o meu retorno, eu estava sofrendo com um dedo inflamado e uma crise moderada de malária. Alguns insistiam para que eu aguardasse uma semana, mas eu lhes disse que tinha motivos para ir embora o quanto antes. Com o frio das altas montanhas, a malária piorou, e eu tomei uma generosa dose de quinina. Quando descemos para o vale quente e semidesértico, minha sede tornou-se insaciável. Parando em uma grande plantação, comi várias laranjas grandes e doces. No dia seguinte, tive diarreia e mal conseguia me manter na sela o dia inteiro. Após dois dias, me lembrei que em um dos caixotes havia uma caixa de canela. Abri a caixa e fiz chá de canela, o que me acalmou. Em Jaén,

um senhor ofereceu-me chá e biscoitos de gengibre, que não causaram problemas. Na sexta-feira, chegamos ao rio Chinchipe, e eu tinha um longo dia à minha frente. Estava com muita fome e decidi fazer uma boa refeição. No dia seguinte, estava pior, mas consegui chegar em casa. Um dia de descanso restaurou minhas forças.

Precisávamos de suprimentos de La Yunga. Esther me disse: “Acredito que você consiga fazer a viagem e voltar antes de o bebê nascer”. No dia seguinte, quando voltei, ela estava ocupada com os preparativos para o que estava para acontecer. Não havia médico nem parteira para chamar, e eu estava plenamente consciente da gravidade da situação. Felizmente, tudo correu bem, e logo nos alegrávamos pela chegada de um menino, a quem chamamos de Frankie George.

Nossa carga chegou do litoral e terminamos nossa casa em Sunsuntsa. Ela estava localizada em uma elevação, 24 metros acima do nível de inundação do rio Marañón. A leste, do outro lado do rio, havia uma montanha íngreme que se elevava a quase mil metros acima do rio. Tinha uma densa floresta e algumas das árvores eram cobertas de trepadeiras que floresciam em cores vibrantes. Durante todo o ano, tínhamos como vista essa obra de arte natural, cheia de vida e cor.

A coisa mais encantadora na propriedade era o córrego, que fornecia um abundante suprimento de água cristalina e gelada. Achei que ele era grande o suficiente para ser útil e pequeno o suficiente para ser domado para nosso benefício.

Um dia, descobri uma pequena vala que corria ao longo da encosta até o topo da elevação, na nossa porta. Seguindo-a na direção oposta, descobri que ia até a margem do córrego. Depois de investigar, concluí que os primeiros exploradores espanhóis podem tê-la construído como um canal para levar ouro. Nenhum dos habitantes da época sabia de algo.

Nessa época, o chefe Samarin me disse que sempre viveu perto de seu patrono e queria construir sua casa em frente à nossa, do outro lado do córrego. Nós lhe demos um local para construir e ele pôs seus jardins mais acima na montanha. Foi um bom acordo para nós dois.

Nossa viagem anual ao litoral se aproximava e, um dia, Esther disse: “Preciso de uma licença”.

De repente percebi que ela precisava de um descanso, mas a ideia nunca tinha me ocorrido. Decidi ficar e cuidar das coisas.

A volta do litoral sem Esther foi difícil, mas havia muito a ser feito. Pareceu uma boa época para explorar o rio com amigos indígenas. Acampamos aqui e ali e levamos uma semana para voltar para casa.

A estação seca de 1926 foi mais seca que o normal, e as pessoas não tinham muita comida. Nossos campos estavam em plena produção e trocávamos mandioca e bananas por galinhas, perus, açúcar integral e outros itens. Sem nada urgente para resolver, trabalhei na reconstrução daquela vala. Limpamos um deslizamento de terra e cobrimos as rachaduras no calcário com argila.

Fiquei feliz quando chegou a época de uma nova assembleia. Encontramos Jaén em grande agitação porque a Guarda Civil estava investigando distúrbios que tinham ocorrido na cidade. Eles foram muito atenciosos conosco, nos poucos dias que ficamos na cidade, mas fomos embora sem demora.

Chegando ao litoral, mergulhamos em planos e reuniões. A assembleia naquela época era como um encontro de acampamento, com todos nós participando do planejamento e execução do evento.

Esther e seus pais chegaram dos Estados Unidos durante a assembleia, trazendo uma quantidade considerável de equipamento, incluindo um torno mecânico e as partes de metal para uma roda d'água. A revolução nas montanhas, com o exército confiscando mulas e cavalos, dificultou o transporte.

Capítulo 8

Os Carson chegam a Pomará

Finalmente conseguimos transporte e seguimos rumo a Pomará. As belezas naturais eram um encanto para mãe Carson. Ela encheu seu caderno com uma longa lista de flores silvestres. As estradas estavam secas e avançamos sem problemas, chegando a Santo Tomás para passar a noite. Na manhã seguinte, quando fomos buscar nossos animais do pasto, vimos que o velho Ford, nosso burro, estava todo machucado por mordidas de morcegos vampiros. Ele nunca tinha deixado que morcegos o mordessem antes. Aliviamos um pouco sua carga e continuamos mais um longo dia de jornada até o rio Marañón. Na manhã seguinte, o velho Ford morrera. Como sentimos sua falta!

Dois dias depois, chegamos ao rio Chamaya. O balseiro não estava em seu posto, mas a balsa estava à vista do outro lado do rio. Atravessei nossos cavalos maiores e assumi o comando da balsa. Assim que estávamos prontos para carregar nossas coisas na balsa, um sargento e dois gendarmes cavalgaram até nós e exigiram utilizá-la. Tive que atravessar com eles e retornar com a balsa. O atraso nos impediu de chegar a Jaén naquela noite. Mais alguns

dias de viagem tediosa e cansativa nos levaram até nossa casa em Sunsuntsa.

Para onde quer que olhássemos, havia trabalho a ser feito. Nossos campos estavam em plena produção. Com a chegada de nosso carregamento do litoral, conseguimos começar a instalar a roda d'água. Juntamos uma boa quantidade de toras de cedro e improvisamos um grande torno giratório para deixá-las com tamanho uniforme.

Um dia, quando meu sogro e eu trabalhávamos juntos, Esther mandou o pequeno Frankie George de dois anos para ficar conosco. Ele estava atrapalhando o trabalho perto do torno e eu lhe disse para observar a ponta da tora e ver o que saía dela. Ao ver a madeira se mover quando o eixo começou a girar, Frankie imediatamente colocou a mão dentro e dois dedos foram cortados. Ele caiu ao chão e eu corri até ele. Sangue jorrava dos tocos de seus dedinhos. Corri com ele para meu escritório, onde tinha curativos e antisséptico. Foi difícil parar o sangramento, mas finalmente conseguimos. O processo de cura começou logo e não houve infecção. Por muitas vezes me culpei por mandá-lo ver a broca penetrar na madeira!

Havia uma divisão de trabalho natural entre nós. Esther encontrou seu lugar na escola, estudando línguas e cuidando das galinhas. Mãe Carson assumiu o trabalho médico. Pai Carson era o brilhante mecânico e instalava muitas comodidades, como a roda d'água e a serraria. Minha função era cuidar da obra no campo, dos pastos e da construção, fazer as viagens e manter o orçamento

equilibrado. Tínhamos tempo para visitar os indígenas e explorar a região.

Os aguarunas demoraram para ver as vantagens da educação. Não entendiam sua natureza. Davam as costas aos livros, que consideravam “papéis inúteis”. Um dia, levei um menino indígena comigo para Jaén. Fomos a uma loja para descontar um cheque e comprar produtos secos para trocar por outros produtos. Demorou um tempo para explicar o que era um cheque ao comerciante. Quando ele finalmente aceitou o cheque e começou a trazer rolo após rolo de pano para o balcão, o menino ficou muito interessado. E quando viu a pilha de moedas prateadas acrescentadas aos panos, tudo com apenas um pedaço de papel, ficou muito animado. Quando voltei para casa, um grupo de indígenas queria ver meu livro. Perguntei de que livro estavam falando. Eles explicaram que era o livro pequeno, com cuja página era possível comprar a carga inteira de uma mula em produtos secos e uma pilha de prata. Mostrei-lhes meu talão de cheques. Eles perguntaram quanto valia cada página. Disse-lhes que não tinham valor nenhum até que eu escrevesse algo nelas. Eles perguntaram: “Então por que você não escreveu mais?” Tentei explicar a necessidade de se ter dinheiro no banco, mas eles não conseguiam entender. Com esse incidente, surgiu um novo interesse pelo aprendizado.

Um terremoto atingiu Jaén, e os que se opunham aos evangélicos espalharam o boato de que era um castigo de Deus por terem abrigado hereges. Eles incitaram o povo

a expulsar os evangélicos da cidade antes que algo pior acontecesse.

O terremoto tinha ocorrido poucos minutos depois das cinco da tarde. Os prisioneiros estavam fora da cadeia, cuidando da jardinagem na praça pública, o que salvou suas vidas e as dos guardas também. As crianças menores tinham saído da escola mais cedo, mas os professores e alunos mais velhos ainda estavam no prédio. O primeiro tremor forte travou a porta da escola de meninas, prendendo-as lá dentro. Toribio Suarez encontrou um pé-de-cabra e foi até a escola. Outro jovem juntou-se a ele até que encontraram o corpo sem vida de sua filha. Então Toribio continuou o trabalho sozinho. Ele podia ouvir as meninas gritando por socorro. Conseguiu resgatar 14 meninas vivas das ruínas do pesado prédio de adobe. Conforme as horas passavam durante a noite, os gritos por socorro cessaram, e ele finalmente interrompeu seu trabalho. No dia seguinte, ele e outros trabalharam com a Guarda Civil para tirar suas armas e pertences dos escombros de seu prédio. Os mortos tiveram que ser enterrados em um abrigo temporário construído nas instalações da missão. Muitos dos outros cidadãos da cidade fugiram para o mato ou foram resgatar a imagem de madeira de Santo Huamantango das ruínas da igreja.

Diante desses acontecimentos, pode-se entender a resposta do sargento àqueles que buscavam expulsar os evangélicos: “Enquanto vocês fugiam para o mato ou suplicavam ao santo de madeira, esses evangélicos estavam salvando a vida dos moribundos e enterrando os mortos.

Deram-nos abrigo e nossas armas; temos uma dívida com eles por seus esforços. Se quiserem expulsá-los da cidade, vão em frente, mas não contem conosco para ajudá-los”.

Estávamos ocupados em Sunsuntsa com os preparativos para minha viagem ao litoral. Com um grupo de dez índios, cortei um pedaço de uma tora de madeira de seis metros e, com um bloco e talha, coloquei-a à nossa porta. Ela seria a base sobre a qual as serras seriam parafusadas. “Quanto eu voltar do litoral” — disse eu ao pai Carson, — “pedirei ajuda a um grupo de índios para colocá-la no lugar”.

Voltei do litoral e descobri que o pai Carson, sozinho, havia arrastado a grande tora de madeira, que pesava quase uma tonelada, até o alto da colina, deixado que ela deslizesse suavemente até o moinho e instalado no local apropriado. Ainda me pergunto como ele fez isso.

Logo tínhamos as rodas do moinho girando e conseguíamos serrar placas de quase dois metros de comprimento por dois de largura.

O lado material da missão avançava de forma satisfatória, e Deus nos abençoava na escola e nos cultos públicos. Andrés Pijuchkun, o filho mais velho do chefe, estava definitivamente convertido e outros mostravam interesse. A obra em La Yunga crescia, e a congregação planejava construir uma capela.

Capítulo 9

Esther vai para casa

Enquanto nos alegrávamos com essas bênçãos materiais e espirituais, a chegada de outro bebê se aproximava. Só havia médico ou parteira capacitada no litoral, mas estávamos sozinhos quando Frankie George nasceu e tudo correu bem. À medida que a hora se aproximava, ficou evidente que havia algo errado, mas orei e esperei pelo melhor. Esther me pediu-me para chamar sua mãe e orar, mas no tempo que estive longe, Esther desfaleceu. Pouco depois, o bebê, Jean Esther, nasceu, mas Esther partiu para estar com o Senhor. Mãe Carson estava mais preparada e calma do que eu, e assumiu o controle. Fiquei atordoado e quase perdi a razão.

Pai Carson fez o caixão e escolhemos uma pequena colina, uns 50 metros acima da missão, como local para o túmulo. O pequeno Frankie George costumava trazer flores da beira da estrada para sua mãe, e naquele dia levou uma porção de lindas flores brancas, que pusemos sobre seu peito. Da melhor maneira que pude, dirigi o funeral e descansamos seus restos mortais. Escrevi à junta e aos missionários no litoral tudo que sabia.

Algumas semanas depois, quando estava mais calmo para escutar, mãe Carson contou-me várias coisas que não sabia. Parece que Esther nunca havia se recuperado completamente de um grave ataque de malária que tivera em Jaén. O médico de família que a atendeu na Califórnia percebeu que ela estava longe de estar bem, mas aconselhou uma vida ativa, em vez de medicação. O baço de Esther estava inchado e, durante a licença, ela teve uma recorrência da malária. Para sua mãe, e possivelmente mais uma pessoa, ela havia confessado a possibilidade de morrer nessa ocasião e deu instruções sobre o que fazer. Ela parecia alegre até esse momento, e não parecia haver motivo para eu me preocupar.

Foi minha triste tarefa cuidar de todos os seus papéis e conservar seu trabalho sobre a língua local. Ela utilizara seu próprio sistema de fonética, que me dissera ser inteligível apenas para ela. O vocabulário que compilei do trabalho dela e do que eu mesmo conhecia foi realmente limitado. Não foi feita nenhuma tentativa de escrever uma gramática.

Entre seus papéis, fiquei surpreso ao encontrar uma cópia de um acordo feito com a senhorita Ethel Wilson, de que ela assumiria a responsabilidade de criar os filhos de Esther na ocasião de sua morte. Depois de alguns meses, recebi uma carta da senhorita Wilson, mencionando o acordo e declarando estar pronta para cumprir sua parte, caso eu concordasse. Após orar sobre a questão, escrevi à senhorita Wilson que eu confiava no juízo de Esther quanto à questão e dei minha aprovação. Roger Joseph já

estava na casa da senhora Nicholson¹⁷ e nenhum de nós queria mudar isso.

Conversando com mãe Carson, contei-lhe que estava disposto a ser filho deles e viver com eles, se permanecessem no Peru. Ela respondeu que Esther os encarregara de que, se algo acontecesse com ela, eles deveriam levar as crianças de volta para os Estados Unidos. No entanto, adiaram seu retorno por mais de um ano, completando o trabalho que pai Carson havia planejado.



Túmulo de Esther Carson Winans em Sunsuntsa

17 A senhora Nicholson era uma amiga próxima da família, vivia Estados Unidos e havia se oferecido para hospedar os filhos dos Winans em sua casa. Enquanto Esther estava de licença, antes de retornar com seus pais, cuidou de tudo para que a senhora Nicholson recebesse Roger Joseph em sua casa.

Capítulo 10

Os Carson voltam para casa

Os meses passaram rapidamente de agosto a novembro com a rotina de trabalhos relacionados à missão. Os Carson tomaram a decisão definitiva de retornar para os Estados Unidos e planejavam atravessar as montanhas antes que começasse a estação das chuvas. Eles levariam as duas crianças com eles, de acordo com o desejo de Esther, expresso verbalmente e por escrito. Nossos campos e pastos alcançaram sua produção máxima, mas quem comeria as bananas e as mandiocas?

Durante as horas mais sombrias, nunca pensei em desistir e abandonar a missão, mas como poderia continuar sozinho? Havia apenas uma pessoa que eu poderia consultar em uma hora como essa, e essa pessoa era a mãe Carson. Ela conhecia a situação tão bem quanto eu. Quando mencionei a ideia de escrever para a senhorita Mabel Park pedindo para se tornar minha esposa e dividir a responsabilidade da missão aguaruna, ela insistiu que o fizesse. Com o incentivo dela, a carta foi escrita.

O serviço de correio na época era muito precário. Revolução, chuva, lama e enchentes muitas vezes

atrasavam a correspondência. Às vezes, a pessoa que trazia a correspondência tinha que deixar os sacos com a correspondência para poder carregar outras coisas. Durante os meses que seguiram, porém, nenhuma dessas coisas aconteceu. Nossas cartas foram trocadas em tempo recorde. Não recebi apenas uma resposta afirmativa, mas também uma repetida frase na maioria das cartas: “Não demorará muito agora”. Pai Carson me ensinou tudo que pôde sobre mecânica nos últimos meses.

Houve certos atrasos para partirmos e saímos no começo de novembro, em vez de outubro. Deixamos a casa principal da missão aberta, mas como não havia fechadura ou chave, decidimos usar pregos para bloquear a porta da pequena casa onde os Carson moravam. O velho chefe, Samarin, ficou ao meu lado, com um olhar pesaroso, enquanto eu colocava os pregos. Talvez ele pensasse que eu não confiava nele depois de todos os anos que fomos vizinhos. De repente, ele pareceu entender meus motivos. Sorriu e disse: “Está tudo bem. É claro, nenhum índio roubaria suas posses, mas outro peruano talvez possa passar por aqui e tentar invadir e roubar”.

Entendemos que ele se referia aos outros que não tinham conexão com a tribo.

Apesar de alguns atrasos e de termos que seguir uma trilha mais longa e seca, conseguimos chegar ao litoral em boas condições. Conseguimos passagem para os Carson e as crianças em um grande navio a vapor que estava recebendo um carregamento de açúcar no porto mais

próximo. A tristeza da separação era parcialmente aliviada pela certeza de que esse era o melhor caminho.

Mabel Park e eu nos casamos em 21 de dezembro de 1929, em cerimônia oficiada pelo prefeito de Chiclayo, e algumas horas depois o casamento foi consagrado pelo missionário residente em Monsefú. Dois dias depois, partimos para o interior e passamos pelo vilarejo de Llama na noite em que tinham sua celebração de Natal. Durante toda a viagem, o tempo estava perfeito. Cavalgamos à frente dos tropeiros nos últimos três dias e chegamos em casa a tempo de desfazer a bagagem e ajeitar algumas coisas antes de nossa mercadoria chegar.

Tivemos muita companhia nos dias seguintes, em sua maioria mulheres indígenas que queriam conhecer a nova missionária, a quem deram o nome de Senoji.

Ocupamos a pequena casa onde os Carson viviam. Era bem apropriada e tinha um fogão caseiro completo, com chaminé e tudo. Perto da casa, havia uma vala por onde fluía água cristalina e gelada, boa para preservar leite e creme em dias quentes. Por alguma razão, as cobras gostavam de nossa casa, por duas vezes tive que matar uma cobra venenosa que se encontrava na casa, uma delas estava enrolada em um cesto em uma prateleira alta.



Alunos de Mabel Winans na terra dos aguarunas. Philip Winans está na primeira fileira à esquerda.

Como fora professora em Ohio, Mabel interessou-se pela pequena escola e introduziu modernos métodos de ensino. No litoral, ela havia dedicado muito tempo ao evangelismo pessoal, e logo, ela pregava as palavras do evangelho aos que estavam ao nosso redor. Ambos fizemos progresso em relação à língua durante os meses que antecederam nossa assembleia anual seguinte.

Entre os aguarunas que falavam espanhol, estava Andwash e seu irmão mais velho, Ujukum. Um dia, pedi a Ujukum que falasse as palavras aguarunas para perdão e pecado. Ele disse que não entendia essas palavras. Expliquei que se ele tivesse um inimigo que, em algum momento, quisesse matá-lo, mas com o tempo, cansou-se da disputa, ele enviaria uma mensagem com a intenção de perdoar seu inimigo e esquecer da disputa. Seus olhos flamejaram de

raiva, e ele respondeu: “Se encontro meu inimigo, mato-o. Se ele me encontrar, mata-me. Aguaruna, sem perdão”. Tentei explicar a definição de pecado, mas também não tive sucesso. Ele admitiu ter matado dois homens, eram homens maus, ele disse, que mereciam morrer. Não, ele não sabia o que eu queria dizer com pecado.

Um dia, os alunos chegaram muito animados. Yangua, o sobrinho de Samarin, havia perdoado Anibel e eles se tornaram amigos. “Rápido, diga-me que palavra usaram para pedir perdão”, perguntei. Anibel respondeu: “Os meninos disseram: *‘sangundunda’*”.

Escrevemos a palavra, memorizamos, a colocamos em uso ao resolver brigas das crianças, a usávamos nas pregações dos cultos públicos e a transformamos em uma palavra de uso diário, desse termo que raramente usavam. Após um tempo, aprendemos também as palavras usadas para “mal”. Ema delas era “tunau”, que parecia um bom equivalente para pecado.

Antes de partirmos o litoral em junho de 1930, sabíamos que demoraríamos mais do que o normal, pois Mabel estava grávida. Fizemos o melhor que pudemos para organizar a continuidade da obra e os cuidados com a propriedade durante nossa ausência. Nosso primeiro companheiro de viagem se mostrou inútil, mas, em Socotá, contratamos os serviços de Don Cesar para o resto da viagem. Don Cesar conhecia cada lugar onde podíamos parar e ter o melhor pasto para nossas mulas e o melhor tratamento para nós. Ele cuidou das mulas e até cozinhou para nós e nos ajudou com nossas cabanas

algumas vezes. Ficamos muito gratos por sua ajuda. Tivemos ataques violentos de malária, que controlei com quinina, mas tínhamos receio de dar o remédio a Mabel. Apesar da doença, chegamos ao nosso destino na época normal e finalmente estávamos confortáveis na missão em Monsefú. A parteira disse que Mabel poderia tomar a dose normal de quinina, e ela logo se recuperou da malária.

Planejávamos tirar uma licença depois que o bebê nascesse e Mabel pudesse viajar. O pastor David Walworth e sua esposa, Edith, ficariam em nosso lugar. O irmão Walworth comprara um barco com casco de aço, acreditando que a estrada de Olmos até Jaén teria melhorado o bastante para atravessar os Andes com o barco em um caminhão e depois descer navegando pelo rio Chamaya e pelo Marañón. Uma análise do caminho mostrou que a estrada terminava na base das montanhas andinas. Teríamos que carregar o barco pelas montanhas nos ombros de alguns homens. Minha lembrança da viagem é de contínuos obstáculos, reclamações, brigas constantes e exigência de maior renumeração.

Mesmo após chegarmos ao rio, tivemos que enfrentar redemoinhos, baixios e rochas submersas por muitos dias. Quando soubemos que ainda tínhamos mais de 48 quilômetros de corredeiras à nossa frente, mandamos Abad e o menino aguaruna à frente com uma carta pedindo ao irmão Walworth para enviar alguns índios experientes para levar o barco rio abaixo.

Quando o irmão Walworth e os índios chegaram, partimos imediatamente, e eles conduziram o barco pelo

trecho ruim que nos interrompera. Acampamos a cerca de um quilômetro e meio rio abaixo. Eles tinham trazido duas mulas, de modo que, enquanto os três índios viajavam no barco, seguimos a trilha que margeava o rio e tivemos oportunidade de ver como os índios lidavam com as corredeiras. Eles confiavam mais em suas habilidades com o remo do que nas cordas, como havíamos feito. Naquele dia, avançamos cerca de três vezes mais do que fazíamos em um dia. À noite, paramos em uma grande plantação de cacau, que tinha uma trilha direta para o litoral. Não tive notícias de minha esposa e do bebê durante todas aquelas semanas e estava ansioso para ver os dois. Decidi retornar ao litoral pela plantação.

Capítulo 11

Primeira licença e retorno

Chegando em Monsefú, fiquei preocupado ao ver que minha esposa e nosso bebê não estavam bem. Chamei um médico local e seu tratamento ajudou minha esposa um pouco. Apesar de estar registrado como um cidadão americano no consulado em Lima e meus documentos estarem em ordem com o governo peruano, nunca tive um passaporte. Precisei ir à Lima e tirar um passaporte antes de partir para os Estados Unidos. Esse atraso acabou sendo providencial, pois minha esposa e filho beneficiaram-se grandemente do tratamento recebido na clínica americana, que mais tarde passou a se chamar Hospital Britânico e Americano.

Conseguimos passagens em um navio a vapor japonês e zarpamos para um oceano calmo e tropical. Cardumes saltitantes eram frequentemente vistos ao longo do caminho.

Quando atracamos em San Pedro, na Califórnia, fomos recebidos por vários de nossos filhos. Estavam acompanhados pelo reverendo D. I. Vanderpool, da Igreja da Avenida Bresee, e por Orval J. Nease, presidente da

Faculdade de Pasadena, hoje Universidade Nazarena de Point Loma.

Eu tinha estado longe dos Estados Unidos por quase dezessete anos, e muitas mudanças tinham acontecido. Estava tão acostumado com os peruanos e indígenas na floresta, que ver um americano fora de nosso pequeno círculo missionário era um acontecimento extraordinário. Enquanto andava pelas ruas de Pasadena, às vezes batia os olhos em algum homem a uns 40 metros de distância, e pensava que aquele indivíduo parecia um americano; então, de repente, me dava conta de que estava nos Estados Unidos.

A reunião da Junta Geral em 1932 foi um tempo de grande inquietação, devido à Grande Depressão.¹⁸ Eles votaram para fechar a obra com os aguarunas, mas cerca de um dia depois, o Departamento de Missões Internacionais (hoje Missões Globais da Igreja do Nazareno) reconsiderou a questão. Viajamos pelo oeste do Kansas e sul do Texas, realizando encontros. Em Waco, recebemos autorização para navegar para o Peru.

Em setembro de 1932, partimos de San Pedro como passageiros da terceira classe. Carregávamos uma quantidade limitada de equipamentos e pagamos apenas dois dólares de taxa.¹⁹

¹⁸ A Grande Depressão foi uma grave crise econômica mundial que ocorreu no fim da década de 1920, durou até o fim da década de 1930 e afetou vários países do globo.

¹⁹ “Taxa” é um termo abreviado para taxa aduaneira, um imposto sobre importação e exportação de mercadorias.

Assuntos administrativos e preparativos para a viagem foram rapidamente acertados no Peru e estávamos prontos e a caminho do interior. Fizemos uma boa viagem e logo estávamos em Sunsuntsa. Estávamos ausentes fazia pouco mais de dois anos e ficamos surpresos ao descobrir que muitos dos indígenas haviam se mudado mais rio abaixo. Fora decidido que um casal deveria se mudar para mais abaixo do rio, enquanto o outro permaneceria em Sunsuntsa. Nós fomos os escolhidos para nos mudarmos e dar início a uma nova missão, que chamamos de Yama Yakat.

A palavra quíchua para “passagem” é pongo, e os espanhóis adotaram essa palavra para designar pequenas e estreitas passagens de 12 a 16 quilômetros que o Marañón e outros largos rios cortaram pelas montanhas que obstruíam seus caminhos. Em nossa mudança para Yama Yakat em duas grandes balsas, passamos por sete desses pongos, três deles incluídos na lista dos maiores. Alguns tinham redemoinhos e outros eram impetuosos. Os pongos de redemoinho eram muito perigosos na cheia e os impetuosos eram piores na baixa. No momento de nossa viagem, a água estava alta o bastante para diminuir os perigos das corredeiras impetuosas sem aumentar muito o perigo dos redemoinhos.

Como os aguarunas não gostavam de arriscar a vida nas corredeiras, contratamos quatro peruanos para conduzir as balsas. Dois jovens foram conosco como passageiros. As balsas eram equipadas com grandes remos instalados em um garfo formado ao cravar pedaços de madeira de

palmeira nos troncos macios da embarcação em diferentes ângulos e amarrando-os onde cruzavam, pouco mais de 60 centímetros acima do nível da água. Um de nossos homens era experiente ao usar esse tipo de remo, mas o outro não, e deixava seu remo prender-se quando estávamos em maior perigo.

Nossa balsa estava carregada com artigos domésticos e caixas pesadas, de um lado, e a vaca e o bezerro da família, do outro. A vaca movia-se muito e afetava o equilíbrio da embarcação, após dez minutos, ela escorregou e caiu na água. Pensamos que a havíamos perdido. Todos os cinco homens juntamos esforços para puxá-la de volta. Em parte, inclinando a balsa com nosso peso e em parte puxando o animal, conseguimos trazê-la em segurança, a tempo de nos prepararmos para o primeiro pongo. Passamos pela crista em segurança, por essa corredeira.

Poucos quilômetros à frente, passamos por uma enorme rocha quase no meio do rio onde, no passado, outros foram destruídos. Depois entramos no grande desfiladeiro com montanhas altíssimas de ambos os lados do rio. Passamos dois dos pongos menores sem percalços e começamos a nos sentir animados com nosso sucesso.

A certa altura, a corrente nos carregava em direção a grandes rochas localizadas na margem esquerda do rio bem na hora em que o balseiro inexperiente, de quem era a vez de remar e nos salvar, travou o longo remo no garfo e ficou tentando soltá-lo, sem sucesso. Estávamos perto demais da margem para tentar usar o outro remo, e nossos dois passageiros acordaram tarde demais para ajudar. Batemos

na grande rocha e toda a balsa estremeceu e rangeu com o impacto.

A força da corrente lentamente virou nossa embarcação em direção ao rio. Muitas das estacas que sustentavam a carga foram quebradas, e toda aquela parte inclinava-se perigosamente para um lado. O garfo do outro remo estava quebrado. O balseiro experiente assumiu o comando e começou a dar ordens, todos trabalhamos com disposição. Pegamos a grande corda da frente da balsa e amarramos firmemente à estrutura superior que estava inclinada. Depois, com a ajuda de todas as mãos disponíveis, esticamos a corda e amarramos à estaca externa, do lado oposto da balsa. O balseiro consertou sozinho o suporte quebrado do seu remo.

Quando nos aproximamos do Pongo de Balta, que tinha fama de ser o pior, todos estavam em seus lugares, exceto o cachorro. A primeira onda passou por cima de nossas cabeças e então, vieram os pequenos solavancos. Quantos foram? Três ou sete? Ninguém parou para contar. Mabel jogou um cobertor sobre o rosto de Philip para protegê-lo um pouco e o cachorro procurou refúgio ao nosso lado.

Assim que sentimos alívio por termos vencido esse perigo, o balseiro-mestre avisou que estávamos chegando ao Lorocacha, o pai de todos os pongos. Logo, estávamos dentro dele. Ele nos fez corcovar como um cavalo chucro e tentou nos puxar para seu perigoso redemoinho. Dessa vez, os dois jangadeiros se juntaram, e logo saímos de suas garras.

Decidimos parar em um lugar adequado abaixo das corredeiras para consertar a balsa. Passamos a noite na margem do rio, sem abrigo. Choveu sem parar durante a noite e ficamos encharcados. Na manhã seguinte, o céu estava claro e ensolarado, e tivemos uma viagem agradável, em águas mais tranquilas, até a nova base de nossa missão.

Em junho de 1933, assumimos nosso trabalho em Yama Yakat. Mudamo-nos para uma pequena casa que eu tinha construído em dezembro do ano anterior, até que pudéssemos construir uma casa melhor. Havia uma planta que crescia naquela região, cuja folha diziam durar três vezes mais do que as folhas de jarina usadas normalmente. Sua instalação dava mais trabalho e requeria mais habilidade do que a colocação da jarina, e logo vimos que os trabalhadores sabiam como encurtar o trabalho, fazendo as folhas renderem mais. Quando havia uma ventania antes de cair a chuva, as folhas, amarradas em um único lugar, ficavam de pé, e podíamos ver o céu. Se o vento passasse antes da chuva, elas voltariam ao lugar, senão, ficaríamos encharcados. Improvisamos um chão de folha de palmeira batida e cortada, e, para poupar mais trabalho, colocamos os suportes longe uns dos outros. Cobrimos o chão com um piso de bambu, e entre os dois havia um paraíso de baratas. Dissemos: “Nunca mais!”

Planejávamos plantar mais pasto e trazer mais gado. Como as cercas de estacas apodreciam rápido, decidimos colocar o pasto de um lado do riacho, os campos e casas do outro.

Nossos primeiros convertidos eram da escola secular e escola dominical, mas depois tivemos dez adultos sinceros buscando a Deus em uma reunião de oração. Parecia que estávamos prontos para uma verdadeira colheita de almas.

Então, em 1933, surgiram complicações em nosso trabalho no litoral. Tivemos que ir para a região litorânea e assumir a obra. Deixamos tudo da melhor maneira possível e partimos com pouca bagagem. Como íamos rio acima, tínhamos que caminhar, e a viagem subindo e descendo montanhas foi difícil para Mabel.

Ira Taylor e sua família chegaram ao Peru pouco antes de nossa Assembleia de julho de 1934 e tiraram um grande peso de meus ombros. O irmão Taylor assumiu as responsabilidades da escola e a irmã Taylor tornou-se a tesoureira. O irmão e a irmã Walworth vieram para a Assembleia e permaneceram por tempo indefinido. Tínhamos concordado em ficar apenas um ano, mas passaram-se 16 meses. O irmão Taylor tornou-se superintendente distrital, e nós fomos autorizados a voltar para o interior.

Com a ajuda de um rico espanhol, conseguimos alugar um avião para nossa viagem de volta. Dez dias de viagem em mulas foram reduzidos a uma hora e 45 minutos. Ainda havia a viagem em mulas até Sunsuntsa e a trilha a pé na selva. Deixamos Ruperto Cardozo no comando de Yama Yakat durante nossa ausência, e ele fez o que pôde para manter tudo funcionando. Mesmo assim, a escola e o trabalho espiritual tiveram de ser recomeçados. Alguns dos indígenas que viviam perto da missão perderam o

interesse durante nossa ausência. Queriam ser amigos e trabalhar para nós, mas não estavam interessados em nossa mensagem. Em domingos chuvosos, eles vinham para os cultos, mas nos domingos ensolarados procuravam o que fazer antes de começarmos os cultos.

Capítulo 12

Batalhas e vitórias



Da esquerda para a direita: Andrea e Baltazar Rubio, um primo e o pai de Baltazar, todos obreiros na terra dos aguarunas.

Balthazar Rubio tinha dado testemunho de seu chamado para trabalhar com os aguarunas na última assembleia distrital. No tempo designado, ele chegou em La Yunga com sua esposa e seu pai.

Durante muitos anos, trabalhei em uma série de lições em espanhol e na língua aguaruna, e decidi tentar

experimentá-la com a família Rubio. Como a maioria dos estudos de línguas, foi um trabalho muito intenso no começo. Eles persistiram nos estudos e gradualmente as lições ficaram mais fáceis. Depois que fizeram todas as lições, decidimos refazê-las. Sempre tínhamos pelo menos um menino aguaruna presente para fornecer a pronúncia correta das palavras e frases. No entanto, nenhum indígena gosta de pronunciar uma palavra isolada, não faz sentido para eles. Na segunda vez que fizemos as lições, a família foi tão bem, que pensei que poderiam continuar sem mim.

Havia duas casas do outro lado do rio, quase em frente à nossa, e passávamos bem perto de uma delas toda vez que subíamos o rio. De repente, um índio, que vivia ano máximo uns três quilômetros de distância, morreu. Seu filho veio nos ver e tentamos explicar-lhe que seu pai morrera de causas naturais, não por bruxaria. Por um tempo, ele pareceu aceitar, mas seus amigos o convenceram de que tinha sido bruxaria. Decidiram que um índio que vivia a pouco mais de três quilômetros era o culpado e, reunindo um grupo de pessoas, mataram o homem e um de seus filhos. Parte do grupo fugiu rio abaixo, mas outros mudaram-se para a casa do outro lado do rio e começaram a fortificá-la.

Mandei mensagem duas vezes dizendo que não queria que fortificassem uma casa em frente à missão. Eles não deram ouvidos. Finalmente, decidi ir pessoalmente falar com eles. Em toda a volta da casa, havia uma fileira de toras de balsa fincadas na vertical. Duas fileiras de toras estavam fincadas a cerca de nove metros de cada porta,

com uma passagem de um metro entre elas. No final, a entrada era protegida com mais toras de madeira eretas. Quando cheguei, eles removeram uma ou duas para que eu pudesse passar espremido entre elas.

Convidaram-me para comer com eles. Aceitei, mostrando que não tinha nenhuma animosidade. Por fim, lembrei-os de que tinha enviado duas mensagens dizendo que não desejava que fortificassem a casa, mas eles não tinham escutado. Disse-lhes que certamente haveria retaliação pela morte do homem e de seu filho, e não queríamos nenhuma luta perto da missão.

“Amanhã, enviarei a correspondência”, eu disse, “e se vocês insistirem, terei que notificar as autoridades peruanas de que vocês fortificaram uma casa do outro lado do rio, em frente à missão. Se prometerem, porém, abandonar esta casa, não escreverei nada.”

Eles conversaram entre si e responderam: “Não podemos subir o rio por causa de nossos inimigos, e temos inimigos rio abaixo, também”. Então, virando-se para mim, disseram: “Pastor, não queremos que envie a carta; não sabemos para onde ir, mas se prometer não enviar a carta, abandonaremos esta casa em dois dias. Eles cumpriram a palavra, e a casa estava vazia antes do fim do segundo dia.

Em abril de 1938, Baltazar Rubio e sua família foram para o litoral para que ele pudesse terminar alguns de seus estudos e preparar-se para ser ordenado na próxima Assembleia. Estávamos planejando ir para Iquitos e viajar para os Estados Unidos em licença, assim que a água

baixasse o suficiente. Ruperto Cardozo concordou em ficar até que a família Rubio retornasse.

Pouco antes dos Rubio partirem, recebemos a notícia de que Wijinta, um famoso curandeiro, pediu que fossemos fazer um culto em sua casa. Ele queria se converter.

Na tarde do domingo seguinte, formamos um grupo grande o bastante para encher uma canoa e fomos à casa dele. Quando chegou minha hora de falar, falei de forma contundente, o que é perfeitamente aceitável na tribo. Após dar uma breve mensagem, eu disse: “Agora que cumprimos seu pedido, esperamos que você cumpra sua promessa e se converta.

Wijinta levantou-se imediatamente. Não negou seu desejo de converter-se. Ele disse que tinha visto os males de beber cerveja, mas, no caso dele, era comida, e ele era pobre demais para ter uma vaca leiteira.

Fiquei surpreso com o rumo da conversa e pensei qual resposta poderia dar. De repente, Baltazar Ribeiro levantou-se. Ele falou sobre um caçador de veados que parou pouco antes de atirar em um veado para decidir como dividiria o animal entre seus conhecidos e familiares. Quando se decidiu, o veado já havia escapado. “É isso que Wijinta está fazendo”, disse ele. “Wijinta, deixe-nos matar o veado primeiro; depois que você entregar seu coração ao Senhor. Ele o ajudará a resolver esse problema de comida. “Wijinta respondeu com apenas uma palavra: “*Aiyu*”, que significava que ele estava disposto a fazer isso. Nós nos ajoelhamos, clamando as promessas, e Wijinta pareceu orar de coração pela vitória.

Capítulo 13

Segunda licença e retorno

Em abril de 1938, depois de um atraso devido à chuva e à cheia do rio, viajamos de piroga, balsa, barco a motor e barco a vapor para Iquitos, e depois para a foz do rio Amazonas em barco fluvial. Foi nossa primeira licença para casa via rio Amazonas.

A viagem pelo rio Amazonas foi interessante. As águas amplas e tranquilas eram um agradável contraste com os cursos velozes, turbulentos e cheios de pedregulhos das cabeceiras onde passamos muitos anos. Uma suave brisa que soprava contra a corrente refrescava o ar dia e noite no rio aberto, enquanto nos estreitos riachos laterais os habitantes sofriam com o calor.

Embarcamos em um navio a vapor da linha Booth que estava autorizado a carregar apenas 12 passageiros. Nossa família de três pessoas fez com que excedessem o limite por um, então fui listado como membro da tripulação. Em Nova York, tive que me juntar à tripulação e os agentes da imigração perguntaram por que não estava de uniforme, embora entendessem perfeitamente a situação.

Fomos recebidos em Nova York pelo reverendo Leighton Tracy,²⁰ que nos ajudou com nossa viagem. Atravessamos o país até Pasadena, onde fomos recebidos por nossos filhos e por membros da Igreja da Avenida Bresee. Os Carson prepararam sua casa para que nos hospedássemos com eles.

Um exame médico de rotina revelou que todos estávamos infectados com parasitas intestinais. Philip tinha três variedades, minha esposa tinha duas e eu tinha uma. Ou os tratamentos ou os parasitas nos deixaram anêmicos, mas conseguimos aceitar convites para falar na Califórnia.



Pastor Roger Winans e sua esposa com seus filhos,
enquanto estavam de licença em Pasadena, na Califórnia,
em 1939.

A Junta Geral, ao reunir-se em janeiro de 1939, votou para nos enviar de volta ao Peru no final de nossa licença.

²⁰ Leighton Tracy e sua esposa, Gertrude, foram missionários pioneiros da Igreja do Nazareno na Índia, no início do século XX.

Conseguimos deixar Philip na casa da senhorita Esther Wilson, uma professora e boa mulher cristã.

No início de agosto, embarcamos em um navio a vapor que ia para o Pará, no Brasil. A viagem pelo rio Amazonas foi agradável. Um grupo de engenheiros civis brasileiros estava no navio. Eles tinham um rádio transmissor e nos mantinham informados das notícias do mundo, foi assim que soubemos quando a Segunda Guerra Mundial estourou.

Levamos um mês para chegar em Iquitos, indo contra a corrente. Duas grandes canoas esperavam por nós em Borja. O rio estava relativamente baixo, e logo transferimos nossas mercadorias para as canoas e partimos para a base da missão.

Tínhamos pedido a Baltazar Rubio que preparasse clareiras e fizesse o plantio em um local adequado para uma nova base, descendo o rio, a partir de Yama Yakat, a tempo de nosso retorno. Encontramos tudo em ordem, com arroz, banana, mandioca e até mesmo abacaxi plantados. Duas pequenas casas foram construídas, mas o telhado da maior tinha sido feito com folhas verdes. O sol havia encolhido as folhas e, quando chovia, a água caía dentro de casa. Organizei imediatamente duas equipes de índios para construir uma nova casa e aumentar nossas clareiras.

Não planejávamos ter uma escola ali, mas apenas dedicar nosso tempo ao evangelismo e ao trabalho de tradução. No entanto, estávamos ali havia apenas alguns dias quando os meninos começaram a aparecer, dizendo:

“Queremos escola”. Como poderíamos recusar? Logo tínhamos dez pequeninos e outros estavam chegando. Teríamos que lhes dar comida, roupa e abrigo. Foi construída uma escola, que também servia como capela, com um dormitório e uma cozinha.

Nossa colheita de arroz ajudou com a questão da comida. Conseguimos comprar bananas e mandioca de vizinhos próximos, enquanto as nossas amadureciam, até que a morte de um curandeiro resultou no assassinato de um menino inocente, com represálias, casas incendiadas e destruição de plantações de banana. Outras fontes de alimento eram galinhas, peixes e caça. Nosso cachorrinho tornou-se um grande caçador de porcos selvagens.

O período de férias da escola coincidia com a estação de chuvas. Descobrimos que o período em que não havia aulas e não tínhamos muito trabalho de cultivo ou construção, era um ótimo período para o trabalho de tradução. Já havíamos completado o evangelho de Lucas, mas decidimos fazer uma revisão minuciosa antes de enviar para impressão. Também trabalhamos em passagens de João e outras passagens bíblicas.

Pouco antes da data de reabertura da escola, em 1942, um menino chegou do rio Cenepa com uma mensagem de seu pai. “Meu pai diz que não queremos ir para o fogo. Venha à nossa casa e iremos nos converter”.

Em poucos dias, um grupo nosso saiu de canoa e a viagem durou poucas horas. A casa ficava no alto de uma colina íngreme, a quase dois quilômetros do rio. Após

as saudações costumeiras e o almoço, começamos nosso trabalho. Os alunos que estavam conosco ajudaram a explicar o caminho da salvação. Havia seis interessados nessa casa e, na manhã seguinte, mais quatro em outra casa. Vários meninos voltaram para a missão conosco para ingressar na escola.

Em 1944, fiquei inesperadamente longe de casa por vários meses a mais do que esperava. Mabel estava sozinha na missão e não sabia por que eu não retornara. Ela sofreu muito com o medo e preocupação por mim. Quando voltei, era evidente que precisava tirá-la da região antes que as cheias tornassem a viagem impossível. Muitas coisas precisavam de atenção, e trabalhei muito até o primeiro dia do ano. Certa manhã, chegou um barco do exército, vindo da parte alta do rio. O piloto era um velho conhecido que nos levaria a Borja, se pudéssemos sair em uma hora. De Borja adiante, talvez viajássemos de avião, então jogamos algumas coisas em bolsas de borracha e partimos. Em Borja, os oficiais do exército peruano nos deram um quarto e cuidados médicos gratuitos.

Em cerca de duas semanas, um hidroplano chegou a Iquitos. Eles planejavam retornar via Yurimaguas e poderiam nos levar como passageiros, se estivéssemos prontos logo. Rapidamente, empacotamos o que tínhamos e os oficiais enviaram soldados para nos ajudar a descer até o rio. O avião seguiu o rio Marañón por mais de 160 quilômetros e depois percorreu uma pequena distância pela região de mata até o rio Huallaga e subiu esse rio até Yurimaguas. De lá, tivemos um piloto americano em

nosso avião e desfrutamos do cenário abaixo. Voamos por uma passagem entre montanhas e seguimos o rio Mayo. Perto de Moyobamba, chegamos a um amplo vale onde o grande rio corre seu percurso vagarosamente em grandes curvas e voltas.

O Dr. Lindsey²¹ nos encontrou na área de pouso em Moyobamba e nos levou diretamente para o hospital no centro da cidade. Passamos 50 dias nesse ambiente pacífico e feliz, sob os melhores cuidados médicos. Quando chegou a hora de viajarmos para o litoral, descobrimos que nossa conta hospitalar, incluindo medicamentos, era menos do que qualquer hotel ou pensão teria cobrado pelo mesmo período. O Dr. Lindsey acompanhou-nos até Chiclayo.

Os Burchfield nos deram dois quartos em sua casa em Monsefú. Após um tempo, conseguimos uma casa para nós. Viajei uma vez à região dos aguarunas e fiz algumas mudanças nos planos. Na Assembleia, em julho, me pediram para ser superintendente por um tempo. Havia muitos problemas a resolver e uma grande necessidade de ajudar as igrejas a aceitarem o desafio de evangelizar e proverem seu próprio sustento.

21 Acredita-se que o Dr. Lindsey fosse um médico missionário, associado à missão presbiteriana em Moyobamba.

Capítulo 14

Supervisionando a obra

O ano seguinte foi composto de viagens, curtas e longas, e vários compromissos de evangelismo. Viajei de todas as formas possíveis: caminhão, mula, avião e longas distâncias a pé. Uma das experiências mais agradáveis durante esse tempo foi visitar novamente a missão nas montanhas em San Miguel, Santa Cruz, Chota e Llama, e ver o progresso feito nesses lugares.

Em 1946, tivemos várias conversas com nosso novo superintendente, Rev. Harry Mingledorff²², e cartas foram enviadas para Kansas City. Em pouco tempo, tivemos a aprovação necessária e começamos a planejar nossa viagem para o interior. Dessa vez, seria pela estrada central e depois de barco. Levamos muito tempo para fazer as malas e partir para Lima. Depois tivemos um atraso enquanto procurávamos em vão por um motor adequado para o barco. Acabamos por encomendar um motor dos Estados Unidos e fomos para o interior.

²² Harry Mingledorff e sua esposa, Jean, serviram como missionários da Igreja do Nazareno no México e no Peru.

A viagem por terra, feita de caminhão, foi bem diferente de nossas viagens no norte. As montanhas eram mais altas e as distâncias, maiores. As muitas curvas e altitude nos deixaram enjoados. Em um ponto, tivemos um atraso devido a deslizamentos de terra nas estradas. Esse e outros atrasos causados por mau tempo e problemas com o novo barco prolongaram a viagem por muitos meses. Achei melhor voltar para Lima para tratar de pendências quanto à nossa propriedade na floresta. Finalmente, chegou o momento de participar da Assembleia Distrital de 1947 em Monsefú, essa seria nossa última participação. (Mabel Winans havia ficado em Aguaytia com alguns tradutores de Wycliffe²³, enquanto Roger voltou para Lima e Chiclayo. Ela teve dificuldades com a altitude na viagem cruzando os Andes.)

Elvin Douglass e outros fizeram uma viagem de última hora para visitar a obra com os aguarunas, e Mabel e eu pensávamos neles para serem nossos sucessores. Foi combinado que o irmão Douglass, com seu equipamento, viajaria conosco pela estrada central e de barco, enquanto sua esposa e filho pequeno iriam de avião e nós os encontraríamos no caminho.

No devido tempo, chegamos a Pucallpa com nossas coisas. Os construtores do primeiro barco o venderam e estavam construindo um barco melhor para nós. Estava quase pronto para ser colocado na água. Quando

23 Wycliffe é um ministério que tem esse nome em homenagem a John Wycliffe, que traduziu a Bíblia do latim para o inglês no século XIV. Por mais de 70 anos, o ministério ajuda pessoas em todo o mundo a traduzirem a Bíblia em suas línguas nativas.

finalmente deixamos o porto, em 13 de dezembro de 1947, tínhamos carga empilhada em todos os lugares disponíveis, até na coberta.

A viagem pelo rio Ucayali ocorreu como esperado. Enfrentamos tempestades em que tivemos que lutar contra altas ondas. Os mosquitos eram terríveis quando nos aproximávamos de terra firme, nosso suprimento de gasolina era incerto e, às vezes, viajávamos sem um guia.

Nosso último guia nos deixou na confluência dos rios Ucayali e Marañón, mas nos deu instruções. Deveríamos ir para o lado esquerdo do rio, pouco antes de alcançarmos a próxima ilha. Para nossa surpresa, o rio tornou-se largo como o Amazonas. Se virássemos muito para a direita, estaríamos a caminho de Iquitos. Se ficássemos muito perto da margem esquerda, poderíamos entrar em alguma lagoa ou rio menor que o Marañón.

Mais adiante, avistamos um pedaço de terra arborizado, projetando-se para o nosso mar de água. Deduzi que deveria ser a confluência dos dois rios. De fato, quando contornamos aquele ponto, encontramos a junção dos dois rios. O contraste da cor da água, assim como a largura, indicavam que aquele era o rio Marañón.

Finalmente estávamos no rio desejado! Conforme continuávamos nossa jornada rio acima, dia após dia, a corrente se tornava mais rápida. Pouco antes de chegarmos a Borja, entrei por engano em um lugar chamado El Pozo, o que perturbou o equilíbrio de nossa embarcação e poderia ter virado um barco menos estável. Era um aviso do que estava por vir. Em Borja, atrasamos um dia para

descarregar alguns itens que julgamos que deveriam ser removidos para aliviar nossa carga.

As corredeiras de Manseriche estavam diante de nós, e o rio estava um pouco alto demais para tentar a passagem quando chegamos. Eu havia passados pelas corredeiras várias vezes, mas preferi ter um guia, e encontramos um jovem peruano e seu empregado indígena que iam na mesma direção.

Os pongos, ou corredeiras, são compostos por percursos muito tortos, onde o rio pode variar de largura. A cerca de cada cem metros a corrente avança contra pedregulhos ou rochas e, mudando o percurso, corre rio abaixo em uma crista alta, deixando um redemoinho ou sorvedouro entre a crista e a margem protegida.

Passando por um redemoinho, nos aproximávamos em baixa velocidade de alguns pedregulhos quando, de repente, uma onda atingiu a proa do barco e nos tirou do curso. Estávamos indo direto para as pedras. Eu mal tive tempo de diminuir a velocidade e inverter a potência do motor, mas o impulso do pesado barco com quase quatro toneladas de carga levou-nos direto para as pedras. As pesadas tábuas do barco resistiram à colisão, então não houve nenhum prejuízo.

Perto do meio-dia do dia seguinte, alcançamos a casa dos rapazes. Tínhamos uma boa distância para cobrir, mas esperávamos alcançar a casa de Titus e Florence Nickel, onde a sra. Douglass e seu filho ficariam hospedados aquela noite. Avançamos com cuidado pelas águas rasas em Patawachana e depois começamos a contar as curvas

do rio. De repente, avistamos várias pessoas na beira da água, vestidas com roupas claras. E lá estavam a irmã Douglass e Lennie, Titus e Florence Nickel, cercados por um grupo de índios. Seis semanas haviam se passado sem comunicação, e eles começavam a se perguntar se chegaríamos algum dia.

Naquela noite, o nível do rio subiu muito e sabíamos que precisávamos esperar a água abaixar para continuarmos a jornada. A viagem foi adiada por doze dias e decidimos aproveitar o tempo pregando o evangelho. Dessa vez, vimos mais pessoas interessadas do que o normal.

Uma mudança no tempo e uma baixa no rio nos deram uma chance de chegar em casa. O rio ainda estava bastante alto na manhã em que partimos, e um dia inteiro de batalha contra as rápidas correntes e traiçoeiras corredeiras nos aguardava.

Navegamos com sucesso o pongo de Guaracayo e continuamos até um lugar onde a missão havia pagado pela plantação de um campo de mandioca e construído uma casa temporária, que servia de abrigo à noite. De repente, alguém disse que uma canoa vinha descendo o rio com homens brancos. Eles não tinham visto nosso barco no riacho. Começamos a gritar até que eles ouviram e voltaram a subir o rio. Eram os irmãos Mingledorff e Torgrimson²⁴ com um grupo de indígenas de Yama Yakat. Eles tinham recebido um telegrama de Borja e, temendo

²⁴ Essa é uma referência a Philip A. Torgrimson, missionário da Igreja do Nazareno. Ele e sua esposa, Mary, serviram como missionários no Peru por 30 anos.

nosso atraso, vieram verificar se a sra. Douglass e Lennie estavam sendo bem cuidados. Agora que sabiam que tudo estava bem, estavam ansiosos para voltar ao litoral.

Na manhã seguinte, a água havia abaixado 30 centímetros. Partimos esperançosos e lutamos contra as correntes com sucesso. Estávamos quase em casa. Mais algumas curvas, mais algumas travessias e o limite da nossa propriedade estava à vista. O barulho do motor anunciou nossa chegada. Quando atracamos no porto, todas as pessoas de nosso pequeno povoado estavam lá para nos receber. Era 1948, e estávamos de volta à base missionária onde vivemos até nossa viagem ao litoral, dois anos antes. Agora retornávamos com a família Douglass, que nos substituiria, quando saíssemos de licença.

Tinha havido algumas tristes perdas entre nossos cristãos, mas sentíamos que o Senhor não havia nos abandonado e que ainda havia trabalho a ser feito para Ele. Em casa, na missão, tínhamos diante de nós a reorganização da escola e uma campanha por almas nos cultos públicos. Havia trabalho a ser feito em nossas casas, obras de construção e o árduo trabalho nos campos para cultivar bananas, mandioca e arroz para suprir as necessidades dos moradores da missão.

A família Douglass mudou-se para a casa da missão, desocupada pela família Rubio quando se mudaram para o litoral. Sanjinez, um obreiro peruano, tinha terminado de construir uma casa nova fazia pouco tempo, e nos ofereceu, mas eu tinha gostado mais de uma casa não terminada que fora planejada como espaço de armazenamento e para

guardar ferramentas. Com uma equipe de cinco jovens, reunimos material de construção, em sua maioria pilares, madeira e palmeiras cortadas ao meio, e logo fizemos o piso de uma parte que seria um quarto e uma sala de estar.

Protegemos aquela parte do quarto contra morcegos, usando restos de materiais como estopa, papel de alcatrão, papel de embalagem grosso e um pouco de tela de arame. Talvez não fosse muito bonita, mas era confortável e exatamente o que precisávamos. No quarto, tínhamos um baú com roupas e uma corda resistente para pendurar nossa roupa de uso diário. Várias caixas que estavam no chão foram adaptadas como prateleiras para nosso suprimento de comida enlatada, e uma prateleira alta guardava o excedente. Teria sido difícil armazenar muita coisa em um espaço tão pequeno e ainda deixá-lo confortável.

A pequena sala de estar tinha espaço para prateleiras, mesas, duas cadeiras e um banco. Uma escada possibilitava acesso às nossas mercadorias comerciais, que eram armazenadas no alto, sendo uma parte na longa e larga prateleira, e outra parte no teto do quarto.

Atrás do quarto havia uma cozinha espaçosa e sala de jantar, tudo isso combinado ao chão de terra batida e às tradicionais paredes feitas de palmeira cortada ao meio e telhado de palha sobre toda a casa. Tive sorte de encontrar um fogareiro e mais alguns ferros para construir um fogão decente, com uma base de argila e pedra. Havia também alguns pedaços de tubo de chaminé, que passei pela janela. Ao final de duas semanas, tínhamos nossa casa mobiliada e pronta para morar. Sendo aquela a oitava casa que havia

adaptado para moradia na região de mata, eu já estava me acostumando com a rotina de construção.

PROBLEMAS ALIMENTARES

Um dos problemas que enfrentamos foi conseguir alimento para os que dependiam diretamente da missão e encorajar outros menos dependentes a se esforçarem para produzir sua própria alimentação. Na época de nossa chegada, havia mais de setenta residentes em nosso povoado. Esse número aumentou gradualmente para quase noventa, sem considerar os trabalhadores temporários em nossos campos. Havia sete jovens casais e todos os homens frequentavam a escola, cinco deles com suas esposas. Cinco casais tinham sua própria casa, enquanto os outros dois ainda estavam lutando para se estabilizar.

Nosso professor, Francisco Kaikat, tinha uma plantação de mandioca alguns quilômetros ao sul do rio, e de vez em quando conseguia trazer alimentos de canoa. Ele também havia adquirido campos de banana e banana-da-terra na propriedade da missão, que estavam horivelmente cobertos de ervas daninhas e mato, e por isso tinham baixa produção.

A missão era responsável por fornecer comida para cerca de quarenta estudantes, para o único obreiro peruano, Sanjinez, e para as duas famílias missionárias. Tínhamos um bom lote de mandioca em início de produção, um pequeno lote quase esgotado e vários lotes com banana e banana-da-terra um pouco cobertas de erva

daninha e mato. Havia uma porção de arroz já colhida, que descascávamos com um pilão, de tempos em tempos.

Eu levava os alunos todos os dias para trabalhar nos antigos campos, às margens do rio, para fazê-los produzir de novo. Não tínhamos muitas ferramentas e usávamos tudo que podíamos encontrar. Alguns até trabalhavam somente com as mãos. Drenamos e limpamos uma área de pântano e plantamos amendoim, arroz e banana. Depois trabalhamos em cada campo e logo aumentamos a produção de banana. Colhemos uma pequena parte cultivada com batata-doce e as consumimos em pouco tempo. Após o início das aulas, os garotos trabalhavam cerca de três horas por dia apenas, mas já era uma grande ajuda.

Depois de termos avançado bastante na obra missionária, deixei Francisco Kaikat levar um grupo dos garotos mais velhos por alguns dias para retirar as ervas daninhas de suas plantações de banana e banana-da-terra. Não tivemos que esperar muito para perceber o aumento na produção de nossos campos e ter bananas e bananas-da-terra suficientes para suprir nossas necessidades. Antes de nosso arroz acabar, um peruano nos deu um pequeno lote para a colheita. Em várias ocasiões, compramos milho de nossos vizinhos, o que acrescentava variedade à nossa alimentação.

Os garotos sempre ansiavam pelo sábado, que era seu dia de folga para ir à mata buscar alimento ou visitar seus parentes. No entanto, ainda havia trabalho a ser feito, por isso eu os dividi em dois grupos, cada um com seu

capitão. Um grupo trabalhava em um sábado, e o outro no sábado seguinte. Mesmo o grupo que trabalhava no sábado normalmente terminava suas tarefas ao meio-dia e tinha a tarde livre.

Um dos redutos favoritos deles era o grande pântano, onde podiam encontrar grande variedade de iguarias para agradar o paladar de um garoto indígena. Eles cortavam as palmeiras do pântano e extraíam o palmito; deixavam o tronco por um mês ou seis semanas, e depois colhiam suculentas larvas, das quais gostavam muito. Essa palmeira era dura demais para os machados, principalmente machados afiados. Havia várias árvores frutíferas na floresta ou às margens do rio, que também contribuíam para a lista de iguarias.

Fiz questão de colher a fruta-pão que havia sido plantada perto da missão. Várias vezes os garotos trouxeram o fruto de uma palmeira domesticada de uma ilha onde havíamos plantado as árvores dez anos antes. A imensa altura que essas árvores alcançam, somada aos espinhos em seus troncos, dificultava a colheita, e os garotos imploravam pelo privilégio de cortar as árvores para colher o fruto. Temia que eles não usassem o bom senso para decidir que árvores derrubar, por isso não permiti.

O irmão Douglass e eu descartamos planos de tornar o local da missão mais permanente, incluindo a questão de construções permanentes e o cultivo da terra. Uma casa de telhado de palha com toras de médio porte pode durar três anos, e em casos extremos, quatro. Por usarem o cerne das toras de madeiras mais pesadas e uma certa folha rara para

o telhado, as casas geralmente duram de oito a dez anos. Uma construção de tijolos com telhas de cedro peruano duraria por tempo indefinido. Esperávamos que o barro no local da missão fosse adequado para a fabricação de tijolos, por isso nivelamos uma parte do terreno e erguemos um galpão para deixar os tijolos secarem.

Também pensamos que seria vantajoso ter umas cabeças de gado e usar bois para trabalhar no campo e transportar madeira e outros materiais. O gado é destrutivo para as plantações, e colocar cerca em uma região de floresta é muito difícil. Tínhamos um lote com árvores para corte que ficava um pouco isolado da área de cultivo, então decidimos derrubá-las e plantar grama. Para isso, contratamos mão-de-obra, e era minha função supervisioná-los durante parte do dia e cuidar dos garotos no tempo restante. Em nosso entusiasmo, preparamos um terreno muito grande, e como nossos trabalhadores eram temporários, nunca terminamos a clareira. No entanto, plantamos mandioca em uma parte, o que foi muito útil para a missão.

REORGANIZAÇÃO DA ESCOLA — 1948

A irmã Douglass era uma professora experiente. Ela e minha esposa eram responsáveis pela administração escolar. A procura por livros, lousas e outros materiais finalmente rendeu resultados. Duas casas abandonadas foram equipadas para serem a escola, e quando o momento finalmente chegou, havia muito interesse e entusiasmo. Métodos de ensino modernos tiraram o

tédio do aprendizado, e os alunos tiveram um progresso excepcional. Mais de sessenta estudantes estavam matriculados, e a média de frequência era alta.

Durante os meses em que estivemos na base da missão, eu dirigi os cultos aos domingos de manhã e pedi a Manuel Sanjinez para dirigir a maioria dos cultos noturnos. Havia muitas pessoas buscando o Senhor. Outros buscavam em nossas casas e nas escolas dominicais mais distantes. Ao todo, presenciamos 120 profissões de fé em cinco meses. Organizamos um Círculo de Oração e Jejum²⁵, uma Sociedade de Jovens²⁶ e uma Sociedade Missionária Estrangeira Feminina (SMEF)²⁷.

PREPARAÇÃO FINAL PARA NOSSA VIAGEM PARA OS ESTADOS UNIDOS

Os meses se passaram rapidamente e, com o fim da estação das chuvas, nos preparamos para nossa viagem

25 O Círculo de Oração e Jejum foi iniciado na década de 1920. A Junta de Superintendentes Gerais pediu que a Sociedade Missionária Feminina Estrangeira (WFMS, na sigla em inglês), hoje conhecida como Missões Nazarenas Internacionais (MNI), promovesse o ministério de missões, no qual as pessoas iriam: 1) jejuar uma refeição por semana e orar por missões durante o tempo que levariam se estivessem se alimentando; e 2) dar pelo menos 25 centavos de dólares (em 1924) por semana para apoiar as missões da Igreja do Nazareno. Esse foi um precursor do que hoje é o Fundo de Evangelismo Mundial.

26 O ministério de jovens da Igreja do Nazareno chamava-se Sociedade dos Jovens Nazarenos. Hoje se chama Juventude Nazarena Internacional (JNI).

27 Em 1915, foi recomendado que houvesse um ministério em cada igreja local para ampliar o conhecimento e o interesse em missões por meio de oração, palestrantes especiais, contato com missionários e campanhas para arrecadar fundos para missões. Na época da primeira impressão de “O Evangelho nos Andes” o ministério chamava-se Sociedade Missionária Feminina Estrangeira. Com o passar dos anos, homens, jovens e crianças também sentiram paixão por apoiar missões, por isso o ministério hoje é conhecido como Missões Nazarenas Internacionais.

rio abaixo, rumo a Iquitos, onde estaríamos a caminho dos Estados Unidos. Visitamos grupos indígenas no caminho. Paramos em Chikais, perto de nossa antiga base missionária, em Wachintsa, onde três de nossos antigos alunos realizavam cultos. Por alguns dias, ficamos em um quartel do exército abandonado. Muitos índios nos visitaram enquanto esperávamos ali. Uma garota que havia se convertido em Wachintsa veio para ser batizada.

Após visitar o último de nossos amigos indígenas, descemos o rio até o Pará. Ali descobrimos que um grande navio a vapor da linha Moore-McCormack sairia em 24 horas. Às pressas, conseguimos as permissões necessárias, fizemos o câmbio de nosso dinheiro, compramos as passagens e embarcamos no navio. Ficamos em uma cabine arejada, com um banheiro privativo e muitas comodidades. Nossas refeições eram feitas com os oficiais. Um dia, o capitão permitiu que falássemos de religião com ele. Ele era filho de um missionário protestante na Índia e se perguntava se os sacrifícios que seus pais tinham feito valeram a pena. Daquele dia em diante, nunca mais comeu à mesa conosco. Sentimos que ele talvez estivesse sob juízo.

Desembarcamos em Nova York e paramos em várias cidades ao atravessarmos o país até Pasadena, Califórnia. Fomos viver nossa aposentadoria em Casa Robles²⁸, a

28 Casa Robles (Casa dos Carvalhos) é uma comunidade de aposentados para missionários da Igreja do Nazareno, criado em 1946 para que esses possam viver independentemente em pequenos chalés.

comunidade da igreja para missionários aposentados em Temple City, no estado da Califórnia.

P.S.: Frank Winans, o filho mais novo de Roger e Esther Carson Winans, nos forneceu um breve relato dos últimos anos de seu pai. Em 1967, Roger Winans foi convidado a voltar ao Peru para a nomeação do primeiro superintendente distrital peruano. Mabel Winans faleceu em 1971. Roger e Frank planejaram fazer outra viagem ao Peru em 1975. No entanto, um câncer foi descoberto, e Roger faleceu em 26 de outubro de 1975.



O culto do Jubileu, em 1967: Roger Winans com Baltazar Rubio no culto do Jubileu, em 1967.

PARTE DOIS:
O desenvolvimento da Igreja no Peru,
de 1948 a 2018: Rev. R. Alfred Swain

Capítulo 15

A estratégia para o estabelecimento da Igreja do Nazareno no Peru

Desde o início do trabalho da igreja do Nazareno no Peru, o principal propósito era pregar e ensinar o Evangelho e implantar novas igrejas. O trabalho incluía evangelismo intensivo e o aproveitamento de todas as oportunidades de entrar em novos territórios. Isso se verificou particularmente no trabalho de Roger Winans. Desde seu humilde começo em Pacasmayo, Roger logo fazia contatos em cidades e fazendas vizinhas. Quando ouviu que um grupo de convertidos em Santa Cruz precisava de um missionário para ajudá-los, fez a árdua viagem pelas montanhas para visitá-los. Essa viagem resultou na conversão de mais pessoas e na descoberta de vários homens dispostos a ajudar a evangelizar a área. Roger foi muito auxiliado por vários deles na expansão do trabalho até San Miguel, Chota e, mais tarde, Jaén, assim como em seu objetivo de alcançar a tribo dos aguarunas.

Após o falecimento de sua primeira esposa em 1918 e a abertura da segunda base em Monsefú, o trabalho

tornou-se demais para apenas um homem cuidar de todos os novos pontos de evangelismo que estavam sendo desenvolvidos. Ele conseguiu nomear vários colaboradores nativos como evangelizadores locais, enquanto trabalhava para desenvolver a obra na missão de Monsefú. Roger, com sua nova esposa, Esther Carson Winans, abriu uma escola primária para fornecer educação básica aos moradores locais e principalmente para um grupo de jovens que respondiam ao chamado de Deus para o ministério. Ao mesmo tempo, eles abriram o Instituto Bíblico Nazareno para fornecer treinamento a esses novos pregadores nativos. Em poucos anos, o Instituto Bíblico produziu um bom número de novos pastores e evangelistas para servir nas muitas igrejas e pontos de pregação.

Com o início da Crise de 1929 nos Estados Unidos, a junta de missões não podia mais sustentar todos os missionários no Peru. A equipe foi reduzida a duas famílias missionárias: Roger e Esther Winans, trabalhando na região da floresta, e o Rev. Walworth e sua esposa, cuidando do trabalho em Monsefú, no litoral e nas montanhas. Em retrospectiva, vemos que essa situação levou ao uso dos alunos do Instituto Bíblico em equipes evangelísticas que foram enviadas para pregar em muitas novas áreas. Isso levou também à formação de muitos novos pontos de pregação, muitos dos quais se tornaram novas igrejas. Vários desses alunos evangelistas tornaram-se pastores e líderes. O Rev. Walworth elaborou essa estratégia, que se tornou um padrão na capacitação de pastores e formação de novas igrejas. Em 1940, havia nove igrejas

organizadas, 20 missões e quase mil membros plenos e em estágio probatório (hoje chamado de “membro associado”). A maioria das igrejas e missões tinham escola bíblica dominical, sociedades missionárias e ministérios de juventude.

Os missionários e pastores nativos oravam por um reavivamento. Em uma conferência no início daquele ano, com mais de 200 pessoas presentes, o Senhor manifestou-se com grande poder. Muitas vidas foram transformadas e cada cristão saiu de lá pronto para fazer grandes coisas para Deus. Essa foi uma excelente preparação para a Assembleia Distrital convocada pelo Rev. Roger Winans, superintendente distrital, em 1945. Winans pregou uma mensagem sobre santidade. A glória do Senhor estava sobre os cultos. Isso preparou o caminho para a Assembleia Distrital de 1946, presidida pelo superintendente geral, dr. H. V. Miller. Ficou decidida a transferência da missão e dos escritórios distritais, bem como do Instituto Bíblico, de Monsefú para Chiclayo, a apenas 14 quilômetros de distância. O Dr. Miller também incentivou as igrejas peruanas a se tornarem mais independentes.

Em setembro de 1948, o Rev. Roger Winans e Mabel Park Winans aposentaram-se do trabalho como missionários. Roger serviu por 34 anos e Mabel por 31 anos. Embora tenham chegado no Peru em Pacasmayo, retornaram para os Estados Unidos pelo rio Amazonas, através do Brasil. Roger e Mabel viveram por muitos anos na Casa Robles, comunidade para missionários aposentados, na Califórnia. Eles promoveram o interesse por missões e

inspiraram muitos outros a obedecer ao chamado de Deus para o serviço missionário. Roger conseguiu fazer mais uma viagem ao Peru. Em 1967, ele foi convidado para o Jubileu do início do trabalho da Igreja do Nazareno no Peru e para a confirmação do Rev. Espiridion Julca como o primeiro superintendente distrital peruano.



Roger Winans chegando em Chiclayo, em outubro de 1967, para a celebração do Jubileu da missão.



(Roger Winans pregando no culto do Jubileu, em 1 novembro de 1967.)



Clyde Golliher, superintendente missionário na posse do Rev. Espiridion Julca Cabanillas, primeiro superintendente distrital peruano, 1 de novembro de 1967.

Capítulo 16

Mais missionários chegam ao Peru

Na década de 1940, a junta de missões nomeou vários novos missionários para o Peru. Em 1947, o Rev. Elvin Douglass e sua esposa, e o Rev. Philip Torgrimson e sua esposa, chegaram ao Peru para iniciar um período de serviço de longo prazo. Na década de 1950, mais missionários foram nomeados para trabalhar no Peru. Entre eles estavam o Rev. William (Clyde) Golliher e sua esposa (1952), e Mary Miller (1954).

O MINISTÉRIO DINÂMICO DO REV. WILLIAM CLYDE GOLLIHER

Lembro-me da primeira vez que encontrei Clyde Golliher. Estávamos assistindo à orientação para novos missionários e missionários em licença em Bethany, Oklahoma, nos Estados Unidos. Minha esposa e eu tínhamos sido indicados para trabalhar na Índia por dois anos, mas tivemos dificuldades ao tentar conseguir visto para entrar no país. Enquanto estávamos na reunião de orientação em 1965, recebemos comunicação oficial de

que nosso pedido de visto tinha sido negado pela segunda vez. Imediatamente, Clyde Golliher, um dos líderes da conferência e diretor da missão no Peru, começou a conversar conosco sobre a necessidade de novos missionários em Lima. Ele nos deixou animados com a possibilidade e prometeu conversar com o secretário executivo de Missões Mundiais (hoje diretor de Missões Internacionais) sobre nos enviar para o Peru.

Em poucas semanas, recebemos um telegrama comunicando nossa indicação como missionários para o Peru. Em seis semanas, estávamos na Cidade do México estudando espanhol. Dez meses depois, chegamos a Lima e fomos nomeados pastor e plantador de igrejas em Comas, um bairro popular na zona norte de Lima, com mais de 500 mil habitantes e apenas o princípio de uma nova igreja. Clyde foi meu mentor e me deu oportunidade de aprender muito com ele.



Clyde Golliher e Alfred Swain.

Em abril de 1968, ele me convidou para acompanhá-lo em uma série de encontros na região de Cajamarca. Preguei em uma campanha evangelística de três dias em Chota, enquanto Clyde exibia um filme cristão todas as noites. Na segunda-feira, às cinco da manhã, montamos nos cavalos e mulas para um roteiro de dez dias pelas montanhas andinas para visitar cinco igrejas e exibir os filmes em cada local. Nuca me esquecerei daquele primeiro dia de viagem. Quatorze horas em cima de uma mula cruzando a cordilheira e depois descendo até a cidade de Chadin. Foi a primeira vez que andei a cavalo, e fiquei muito dolorido. Dia sim, dia não, repetíamos o processo em nossa jornada de volta a Chota, visitando igrejas e exibindo o filme cristão em cada local. Enquanto formava um vínculo especial com Clyde, também aprendi o segredo de seu sucesso como missionário. Ele era um exemplo para os pastores locais e alunos da Escola Bíblica. Seu exemplo se tornou um modelo para meu ministério de plantação de igrejas, bem como para minhas futuras responsabilidades administrativas.

William Clyde Golliher e sua esposa, Leona, foram nomeados para trabalharem no Peru em 1952. Em poucos anos, ele se tornou diretor da missão e superintendente do Distrito do Peru. Era um administrador competente, tanto para os missionários sob sua liderança como para os pastores e alunos do Instituto Bíblico, quando se formavam e eram encarregados de uma igreja. Em 1946, a Assembleia Distrital tinha estabelecido a meta de formar igrejas autossustentáveis e orçamentos distritais.

Como superintendente distrital, Golliher trabalhou com os pastores, juntas distritais e igrejas locais para fazer disso uma realidade. Esperava-se que cada igreja local sustentasse seu pastor. Até mesmo igrejas que tinham um missionário trabalhando como pastor precisavam pagar assistência pastoral a um fundo usado para ajudar pastores necessitados e novas igrejas.

Conforme a Igreja Geral lançou programas evangélicos, Golliher promoveu esses programas no Peru, e havia um crescimento significativo, tanto no número de novas igrejas como no progresso em direção ao autossustento em todo o distrito. À medida que o aniversário de 50 anos da abertura oficial da missão da Igreja do Nazareno no Peru se aproximava (1917-1967), planos eram feitos com os Superintendentes Gerais e a Junta Geral para indicar um pastor peruano para o cargo de superintendente do Distrito Missionário Nacional do Peru. O nome indicado como novo superintendente foi o do Rev. Espiridion Julca Cabanillas. Nessa assembleia especial, o Rev. Roger Winans voltou ao Peru para ajudar a celebrar o importante evento. Nunca me esquecerei do momento em que encontrei Roger Winans no aeroporto de Lima, nem da Assembleia Distrital de 1967. Winans juntou-se ao grupo de missionários e pastores peruanos quando o Rev. Julca tomou posse como o primeiro superintendente distrital autóctone do Peru e de toda a América do Sul.

O Rev. Golliher trabalhou junto ao novo superintendente nacional enquanto liderava o distrito.

Como diretor da missão, ele nomeou missionários para dirigir o Instituto Bíblico Nazareno e trabalhar como professores junto a vários professores peruanos capacitados. Golliher agora assumia um novo papel, usar a equipe de missionários para estender o trabalho da igreja a outras partes do país. Todas as igrejas até então estavam no litoral norte do país, na *Sierra* (área das montanhas andinas), na *Montaña*, área a leste das montanhas, e na floresta, entre a tribo aguaruna. Mais ao sul, havia duas pequenas igrejas perto da cidade de Chimbote, a igreja em Lima e a missão em Comas. Agora era hora de transferir missionários para plantar igrejas na capital e mais populosa cidade do Peru, Lima.

A visão de Clyde Golliher não era de apenas expandir a Igreja do Nazareno pelo território peruano, mas também expandir a igreja ao país vizinho ao norte, o Equador, onde não havia igrejas nazarenas. Para isso, o Rev. Golliher, acompanhado do Rev. Philip Torggrimson, realizou viagens exploratórias para espiar a terra. O Conselho Missionário no Peru fez uma recomendação ao Departamento de Missões Mundiais para começar a obra no Equador. Em janeiro de 1971, a Junta Geral indicou o Rev. R. Alfred Swain e sua esposa para darem início ao trabalho no Equador. A visão que o casal Swain tinha para plantar mais igrejas na área de Lima foi passada para missionários recém-designados e outros transferidos do norte do país. Esses missionários ajudaram na formação de novas igrejas e, tão logo foi possível, passaram a responsabilidade aos pastores peruanos.

Embora Clyde Golliher continuasse com a administração do Conselho Missionário, decidiu concentrar-se na obra em Lima, a maior cidade do Peru. Em 1975 havia três igrejas organizadas, três congregações e vários pontos de pregação onde novas igrejas estavam sendo estabelecidas. Na Assembleia Distrital de 1975, em Chiclayo, o dirigente e superintendente geral, Dr. Orville Jenkins, anunciou a autorização para formar o Distrito Central do Peru com sede operacional em Lima. A primeira Assembleia Distrital do novo distrito foi realizada em Lima, em fevereiro de 1976, e o Rev. Clyde Golliher foi nomeado superintendente distrital.

Na quarta Assembleia Distrital, em 1979, havia seis igrejas organizadas e treze missões. O Dr. William Greathouse, que presidiu a assembleia, aceitou a proposta da Junta Consultiva do Distrito no sentido de indicar um superintendente geral peruano. O Rev. Ernesto Lozano Padilla foi indicado e o Distrito Central do Peru se tornou um Distrito Fase 2. Isso significava que o distrito tinha de aceitar a responsabilidade pelo orçamento de todas as igrejas locais e, pelo menos, assistência salarial parcial do superintendente distrital.

O Distrito Central do Peru promoveu um treinamento de pastores e igrejas. O seminário em Chiclayo ficava 800 quilômetros ao norte e era difícil para os alunos se mudarem para lá para estudar. Em Lima, a partir de 1969, eram oferecidas aulas noturnas para preparar pastores. Em 1977, o missionário Robert Gray fundou um seminário

nazareno em Lima, tendo o Rev. Robert “Bob” Brunson²⁹ como primeiro diretor. Em 1979, o seminário em Lima chamava-se Seminário Teológico Nazareno. Em 1980, esse seminário distrital já havia formado quatro pastores e tinha outros em fase de preparação.

Como mencionado acima, o Rev. Clyde Golliher, enquanto diretor da missão, orientava o grupo de missionários designados para outras cidades e áreas do país, especialmente para a área de Lima, na preparação e plantação de igrejas e na formação do Distrito Central do Peru. Em 1965, ele havia designado o casal Swain para implantar igrejas no distrito de Comas, em Lima.



Batizando novos convertidos no rio Rimac em Lima, 1968. Rev. Alberto Zamora e missionário Alfred Swain.

Em 1968, ele havia transferido a família Douglass de Jaén para Chimbote, cidade litorânea de meio milhão de habitantes, para formar uma nova igreja. Outros

²⁹ Robert “Bob” Brunson e sua esposa, Norma, serviram como missionários da Igreja do Nazareno no Peru, México, Costa Rica e Líbano.

missionários foram designados para a área de Lima a fim de trabalhar com novos pastores egressos do seminário de Chiclayo ou com alunos do seminário de Lima. Em 1974, o casal Douglass voltou de sua licença nos Estados Unidos e foi designado para auxiliar na formação de igrejas em San Martin de Porras, em Lima, e outra em Callao. O Rev. Clyde Golliher continuou a servir como diretor da missão, orientando missionários em suas tarefas de abertura de novas igrejas em Lima. Ele também trabalhou em estreita colaboração com o Dr. Larry Garman na *Selva*. Em 1982, foi a vez do Rev. Golliher e sua esposa, Leona, retornarem para os Estados Unidos e se aposentarem, após 30 anos de serviço frutífero.

Capítulo 17

O primeiro superintendente distrital peruano

Espiridion Julca Cabanillas nasceu na província de Santa Cruz, em 14 de dezembro de 1910, sendo o mais velho de dez filhos. Aos 13 anos, converteu-se e depois foi estudar no Instituto Bíblico e na Escola Americana em Monsefú, aos 17. Em 1931, após quatro anos na Escola Americana e em sua preparação ministerial, foi designado para sua primeira tarefa pastoral em Chiclayo. Em 1933, aos 23 anos, casou-se com Rachel Snow, missionária norte-americana que havia servido em uma missão do Movimento de Santidade, mas depois foi para a missão nazarena em Monsefú como professora.

O casal Julca mudou-se para Chota para consolidar a igreja naquela importante cidade. Rachel, que começou como uma missionária norte-americana no Peru, adaptou-se plenamente à sua vida no Peru após seu casamento com Espiridion Julca e foi não só esposa e mãe, como também desempenhou um papel muito importante no ministério em Chota. Ela era enfermeira diplomada e prestava

cuidados de enfermagem para o povo da região, tendo servido como parteira para muitas mães.

Em 1938 o casal retornou para Monsefú. Rachel tornou-se a diretora temporária e professora do Instituto Bíblico em Monsefú, e Espiridion serviu como professor e pastor. Em 1941, ele viajou à Costa Rica para estudos complementares no *Seminario Bíblico Latinoamericano*. Rachel, com os dois filhos do casal, também passou vários meses com sua família e amigos na Califórnia. Eles voltaram ao Peru em meio à guerra com o Japão.

Ao voltar ao Peru, o Rev. Julca ocupou mais uma vez o cargo de pastor em Chota. Durante seu ministério ali, de 1942 a 1948, o pastor Julca dirigiu a igreja na formação de uma grande congregação e na expansão do ministério para muitas das cidades e comunidades vizinhas. Como Chota era uma cidade importante naquela região montanhosa e tinha boas escolas, incluindo uma escola de ensino médio, muitas famílias enviavam seus filhos e filhas para estudar na cidade. Esses alunos entravam em contato com a Igreja do Nazareno e muitos se tornavam membros. Em consequência desse crescimento, foi necessário comprar uma propriedade para abrigar a igreja e a casa pastoral. O capital foi disponibilizado para ambos os projetos e, com mão-de-obra local, a congregação conseguiu construir uma grande casa pastoral e um prédio para a igreja, com capacidade para 600 pessoas.

Em janeiro de 1948 Espiridion Julca se tornou o pastor da Igreja Central de Chiclayo enquanto seu irmão mais novo, o irmão Sergio, era o pastor da igreja em Chota. De

1948 a 1951 os irmãos Julca serviram como pastores da igreja em Chiclayo, assim como professores no Instituto Bíblico, que agora funcionava no porão do prédio da igreja.

Em 1951, o Rev. Espiridion Julca viajou para a Faculdade Nazarena do Noroeste (hoje Universidade Nazarena no Noroeste), em Nampa, no estado de Idaho, nos Estados Unidos, onde se formou como bacharel, dois anos depois. Sua esposa, Rachel, continuou em Chiclayo como professora no Instituto Bíblico e trabalhou ativamente na orientação do treinamento prático dos alunos em seus ministérios nas cidades e comunidades vizinhas. Ao retornar ao Peru, o Rev. Julca continuou como pastor da Igreja Nazarena Central em Chiclayo até 1966, quando se tornou um aluno do Seminário Teológico Nazareno, em Kansas City, nos EUA.

Depois de um ano, ele foi chamado de volta ao Peru para a celebração de 50 anos da missão no Peru, onde foi nomeado como primeiro superintendente distrital peruano. Roger Winans, o missionário pioneiro no país, então aposentado, voltou ao Peru e auxiliou na confirmação do Rev. Espiridion Julca como superintendente distrital de todas as igrejas nazarenas no Peru.

Rachel Snow Julca continuou a servir como professora no Instituto Bíblico e em ministérios femininos no distrito. Ela lutou contra um câncer por um tempo e, em 1974, morreu e foi enterrada em Chiclayo.

O Rev. Julca, em seu ministério em Chota, conseguiu expandir o trabalho da igreja para muitas outras cidades

e comunidades da província. Muitos desses pontos de pregação se tornaram missões e, mais tarde, igrejas organizadas. Para isso, ele teve que treinar muitos evangelistas locais que depois passaram por preparação ministerial e serviram como pastores. Quando o Rev. Julca se mudou para Chiclayo, continuou a evangelizar as cidades vizinhas e outros distritos da cidade. Na época, o Instituto Bíblico funcionava no térreo da igreja de Chiclayo, e muitos jovens foram chamados para pregar e se tornaram alunos do Instituto Bíblico.

Como superintendente distrital, ele continuou a incentivar esse modelo de ministério. Esse sistema, de abrir novos pontos de evangelização e congregações, se tornou prática padrão para os pastores locais. Os alunos, quando se formavam, eram designados para novas igrejas, com a missão de multiplicar seu ministério em outras comunidades. Anteriormente, relatei minha jornada a cavalo nas montanhas de Cajamarca até a pequena comunidade de Chadin. O pastor Sebastian Guevara, recém-formado no Instituto Bíblico, já havia criado um roteiro de cinco pontos de evangelização que visitava a cada duas semanas. Ele estava viajando a pé por cinco dias, enquanto visitava comunidade por comunidade. Esse treinamento para o ministério pastoral e evangelização de novas comunidades se tornou o modelo para a maioria dos pastores e contribuiu para o rápido crescimento das igrejas e da membresia.

O Rev. Espiridion Julca continuou como superintendente distrital até 1975, quando renunciou

devido à saúde debilitada. No entanto, na mesma Assembleia Distrital, o superintendente geral, Dr. Orville Jenkins, que presidia a assembleia, anunciou que o Instituto Bíblico Nazareno agora seria Seminário Bíblico Nazareno, e o Dr. Espiridion Julca seria o primeiro diretor peruano do seminário. Ele continuou como diretor do seminário até 1982, quando anunciou sua aposentadoria. Em seus anos de aposentadoria, continuou como evangelista ocasional e professor de escola bíblica dominical. Espiridion continuou a viver em Chiclayo, onde foi homenageado como pai espiritual e conselheiro de muitos pastores, missionários e leigos.



Dr. Espiridion Julca Cabanillas (1910 – 2013). Primeiro superintendente distrital peruano, 1967-1975. Diretor do Instituto Bíblico Nazareno de 1975 a 1983.

Espiridion Julca faleceu aos 103 anos, em 2013. No anúncio de seu falecimento, a Região da América do Sul fez a seguinte declaração: *“Julca era um homem de*

caráter, corajoso e temente a Deus. Ele teve um impacto significativo na Igreja do Nazareno peruana e em todos que o conheciam. Seu legado reflete um homem exemplar, com o DNA da santidade que todos os nazarenos carregam, e lança o inspirador desafio para as próximas gerações continuarem a compartilhar o evangelho até os confins da terra.”

Capítulo 18

A continuação do trabalho missionário com os aguarunas

Roger e Mabel Park Winans se aposentaram do serviço missionário em 1948. Por doze anos antes de sua aposentadoria, Roger foi acompanhado pelo Rev. Baltazar Rubio e sua esposa, Andrea, os primeiros missionários peruanos na tribo aguaruna. Pouco antes do casal Winans se aposentar, o Rev. Elvin Douglass e sua esposa, Jane, foram designados para o Peru com a tarefa de substituir Roger Winans na região da floresta.

O Rev. Baltazar Rubio nasceu em 6 de janeiro de 1913 em Guadalupe, perto de Pacasmayo. Ele se converteu aos 12 anos e entrou no Instituto Bíblico Nazareno em Monsefú aos 15 anos. Baltazar participou de uma viagem evangelística com o Rev. Espiridion Julca em 1931 e recebeu sua primeira autorização pastoral em 1932. Após se formar na Escola Americana, casou-se com Andrea Carreno e começou seu ministério na cidade de Piura. Na Assembleia Distrital de 1935, ele testemunhou sobre seu chamado para trabalhar entre o povo aguaruna com Roger Winans.

Em 1936, ele e sua esposa foram nomeados missionários³⁰ nacionais para a obra com os aguarunas. O casal Rubio auxiliou no ministério educacional e de evangelismo. Nessa época, o casal Winans havia transferido a base da missão para Yama Yakat. Ali, os Rubio ajudaram Roger em seu projeto de ampliar o trabalho de tradução iniciado por Esther Carson Winans. Roger trabalhara por anos em algumas lições bilingues em espanhol e aguaruna. Como os Rubio estavam aprendendo a língua aguaruna, ele as testou com eles. Os Rubio fizeram grande progresso e, após terminarem as lições pela segunda vez, Roger estava confiante que o casal conseguiria seguir sozinho, enquanto ele e sua esposa viajavam para o litoral e tiravam licença nos Estados Unidos.

Quando o casal Winans voltou de sua licença, o Rev. Rubio os ajudou a organizar a primeira tradução do Evangelho de Lucas e eles trabalharam na tradução de passagens do livro de João. O irmão Rubio teve a oportunidade de ir para os Estados Unidos por dois anos para estudos complementares. Ele estudou na Faculdade Nazarena Olivet, em Illinois, e na Faculdade Nazarena Bethany. Ao voltar para Lima, pediram-lhe que pastoreasse a nova igreja em formação na capital do país. Depois disso, retornou à obra com os aguarunas por mais alguns anos de ministério. Roger Winans precisou auxiliar

30 Nessa época, o casal Rubio recebia assistência financeira através da missão nazarena no Peru. Depois, alguns plantadores de igrejas no Peru trabalharam sob o sistema missionário nacional e eram voluntários sustentados pelas igrejas missionárias ou distritos locais. Quando a Região da América do Sul foi formada, alguns desses voluntários tornaram-se missionários regionais financiados pela região.

na liderança do distrito litorâneo. Ele deixou os Rubio no comando da obra com os aguarunas até seu retorno em 1948 e a chegada da família Douglass.

O Rev. Rubio fez várias viagens de Chiclayo para Yama Yakat com a família Douglass. Ele auxiliou com a obra na tribo aguaruna por vários anos, como pastor e gestor residente em Yama Yakat na ausência do irmão Douglass e sua esposa. Após 1966 ele serviu como pastor em várias outras igrejas nas cidades litorâneas do Peru: Piura, Lima, Trujillo e Chiclayo. Ele se aposentou em 1981 após vários anos como pastor em Chiclayo.

Capítulo 19

Novos missionários substituem Roger e Mabel Winans

Elvin e Jane Douglass tinham educação universitária quando se conheceram, e se casaram na Califórnia, seu estado natal. Jane tinha um bacharelado em Educação. Elvin trabalhava como químico agrícola e entomologista. Eles se tornaram membros da Igreja do Nazareno após o casamento e se interessaram pelo trabalho missionário. Quando se candidataram para o serviço missionário, a Junta Geral pediu-lhes que fizessem um treinamento na Faculdade de Pasadena. Eles também trabalharam por dez meses em uma missão mexicana em Albuquerque, no Novo México. Quando a Segunda Guerra Mundial estourou, Elvin alistou-se na Marinha dos Estados Unidos. Ele recebeu um excelente treinamento médico no Centro Médico Nacional da Marinha, tornando-se técnico de laboratório em medicina tropical.

Após o fim da guerra, o casal candidatou-se novamente ao serviço missionário. Eles foram indicados para trabalhar no Peru em 1947 e chegaram ao Peru em maio de 1947,

sem qualquer curso formal na língua espanhola. Logo que chegou ao país, Elvin foi convidado a fazer uma rápida viagem com outros três homens até a área onde Roger e Mabel Winans haviam ministrado à tribo aguaruna. Foi uma viagem cansativa por estradas precárias, no lombo de mulas e, finalmente, a pé sobre as cordilheiras e depois de balsa pelo turbulento rio Maraón para chegar à base da missão em Yama Yakat.

O grupo retornou a Monsefú a tempo para a Assembleia Distrital de 1947. Roger e Mabel estavam prontos para voltar aos Estados Unidos e se aposentarem. O irmão Douglas e sua família foram convidados para substituir os Winans na área dos aguarunas. Após sua viagem à Yama Yakat, Elvin sentiu que não poderia submeter Jane e seu filho a uma tarefa tão difícil. Inicialmente, Elvin disse que não iria. No entanto, Jane soube da proposta e o convenceu que era o que Deus queria que fizessem e que Ele cuidaria deles. Então, Elvin informou o Rev. Winans que aceitaria a tarefa.

Elvin Douglass e Roger Winans viajaram para Lima e pegaram a rodovia central até Pucallpa, onde embarcaram em um barco novo que haviam encomendado e desceram o rio Ucayali até o rio Maraón, subindo depois o Maraón para chegar à base da missão. Foi uma viagem de 1.931 quilômetros, com todos os riscos de uma viagem fluvial. Mabel Winans juntou-se a eles. Ela havia ficado com missionários de Wycliffe em Aguaytia devido a problemas com a altitude, enquanto Roger voltou mais cedo para Lima e Chiclayo. Em seu livro “O Evangelho

nos Andes”, Roger descreveu detalhadamente essa jornada (veja o capítulo 14). Enquanto isso, fora combinado que Jane Douglass e o filho do casal, Lennie, viajariam até o rio Marañón de avião e barco e aguardariam por eles na casa de Titus e Florence Nickel, que trabalhavam como tradutores na região.

Foi uma reunião maravilhosa quando os Winans e Elvin chegaram, após seis semanas sem nenhuma comunicação. Que começo extraordinário à vida na mata para os novos missionários! Após esse encontro, as duas famílias subiram o Marañón até a base da missão em Yama Yakat. O Rev. Baltazar Rubio e sua esposa, com alguns ajudantes nativos, tinham cuidado da base durante a ausência de Roger e Mabel por mais de um ano.

Elvin Douglass, sob a liderança de Roger, fez melhorias na base da missão. Jane e Mabel reorganizaram a escola. Roger Winans pregava em todos os lugares que podia e relatou cerca de 120 conversões. Restava pouco tempo antes do casal Winans começar sua jornada rio abaixo para retornar aos Estados Unidos e aproveitar sua aposentadoria na Casa Robles no estado da Califórnia. Elvin e sua família acompanharam Roger e Mabel em sua viagem pelo Marañón na lancha da missão, visitando vários povoados onde viviam grupos de cristãos. Eles passaram pelas corredeiras de Manseriche até o baixo Marañón, e daí seguiram para o rio Amazonas e a cidade de Iquitos. Ao encontrarem um navio que desceria o Amazonas pelo Brasil, os Winans se transferiram para ele.

Elvin e Jane ficaram alguns dias em Iquitos antes de pegarem um avião até Chiclayo, para participarem da Assembleia Distrital. Deixaram a lancha em Iquitos, já que precisava de reparos. Elvin comprou as peças necessárias para a lancha e voou de volta para Iquitos, onde se encontrou com Jane e seu filho, Leonard, para se prepararem para a viagem de volta à base da missão. Em Iquitos, eles compraram suprimentos de que precisariam em Yama Yakat. No entanto, enquanto preparavam a lancha para partir para casa, houve um incêndio a bordo, e Elvin escapou por pouco. A lancha e toda a mercadoria foram destruídas. Foi uma grande perda e transtorno para os missionários e ajudantes aguarunas que estavam com eles. Elvin e Jane voltaram para Chiclayo de avião. Essa também foi uma grande perda para a missão peruana. Eles não podiam substituir a lancha, e a família Douglass teria que voltar à base na floresta pelas estradas, trilhas e rios. Elvin fez a viagem de volta a Yama Yakat por terra. O dinheiro era escasso para a contínua operação de sua missão na floresta. Ele teve que se preparar para deixar tudo nas mãos de confiáveis obreiros peruanos e aguarunas. Ele retornou a Chiclayo e levaria quase dois anos até que ele e Jane pudessem voltar para dar continuidade ao seu ministério.

Enquanto estava em Chiclayo, Elvin ajudou na construção da Igreja Central de Chiclayo. Jane ficou grávida do segundo filho do casal, porém o bebê viveu apenas algumas horas na clínica em Lima, devido a um problema de fator RH negativo. Eles voltaram para

Chiclayo e se prepararam para retornar à sua missão em Yama Yakat. Dessa vez, eles foram acompanhados pelo Rev. Baltazar Rubio e sua esposa na viagem terrestre até a floresta. Mais uma vez, acharam as trilhas da montanha muito difíceis. Quando chegaram ao rio, tiveram que construir uma jangada para levá-los pelo resto do caminho até Yama Yakat.

Assim começou um novo período de ministério para Elvin e Jane Douglass. Não se deve esquecer que nem Elvin nem Jane recebeu treinamento formal na língua espanhola. Agora estavam ministrando para os aguarunas, e poucos deles falavam espanhol. O casal teve que aprender enquanto trabalhava. O Rev. Rubio era o pastor e pregador. Na missão havia alguns colaboradores peruanos que os ajudavam. Jane era uma boa professora e fez o melhor que pôde para dar instrução às crianças e jovens aguarunas e também lhes ensinar as boas novas de Cristo. Com seu treinamento em medicina tropical e sua experiência laboratorial, Elvin estava fortemente envolvido no tratamento de doenças parasitárias e no ensino de higiene. Ele também tinha que supervisionar projetos agrícolas para prover alimento para a missão, para a escola e para as famílias que viviam em Yama Yakat. A manutenção das casas e salas da escola eram um constante desafio. Elvin também subia e descia o rio várias vezes para visitar os povoados e levar a mensagem do evangelho até eles. O plano do casal Winans era deixar o irmão Douglass e sua esposa bem equipados para subir e descer os rios a fim de evangelizar. No entanto, com a perda

da lancha, os novos missionários tiveram que depender de canoas e balsas para viajar pelo rio. Esse período do ministério durou cerca de 16 meses, antes de terem que voltar a Chiclayo, novamente pela rota terrestre, o que exigia três semanas de difícil jornada pelo rio, a pé e no lombo de mulas. Quando chegaram a Chiclayo, era hora de retornar aos Estados Unidos para sua primeira licença e para participar da Assembleia Geral de 1952.

Ao retornarem ao Peru em 1953, descobriram que Jane estava grávida. Como havia o fator RH negativo em seu sangue, a missão decidiu que deveriam esperar para voltar à base na floresta. Elvin foi para Moyobamba, onde estudou medicina tropical com o dr. Lindsey. Essa foi uma experiência valiosa para o irmão Douglass, já que estava fortemente envolvido com o tratamento de doenças tropicais na base da missão. A família Douglass se mudou para Lima, onde aguardaria o nascimento de seu próximo bebê. Os resultados laboratoriais mostravam que o RH negativo era um problema ainda maior e, sem um milagre, seria impossível salvar o bebê. No entanto, o pequeno Samuel nasceu saudável no dia 15 de fevereiro de 1954. Um verdadeiro milagre. A publicação denominacional *Herald of Holiness* (Arauto da Santidade) de fevereiro de 1954 havia feito um pedido de oração por Jane Douglass, e foi nesse mesmo dia que Samuel nasceu, completamente livre do problema de fator RH negativo. Que milagre maravilhoso de intervenção divina!

Logo após retornarem a Chiclayo, eles se prepararam para voltar a Yama Yakat. Elvin foi pela rota terrestre,

enquanto Jane e as crianças conseguiram viajar com o avião dos tradutores de Wycliffe para Nazaret, apenas algumas horas da base de Yama Yakat. A família Douglass foi novamente acompanhada na obra pelo Rev. Rubio e sua esposa, pelo pastor Segundo Rosales e pelos obreiros leigos Julián e Felicita Lara. E assim começou o ministério mais intenso e frutífero para a família Douglass, de 1954 até 1956. Logo era hora de viajarem para Chiclayo e comparecer ao encontro anual da missão e distritos. Naquela época, o conselho missionário determinou que a família Douglass não deveria voltar para a obra com os aguarunas. O conselho os transferiu para supervisionar o crescente trabalho das igrejas na região de *Montaña*, nas cidades de Jaén e Pucará.

Antes de se mudarem para Pucará, que seria sua base, Elvin e o Rev. Clyde Golliher fizeram outra viagem a Yama Yakat para avaliar o trabalho com os aguarunas. Com a construção de melhores estradas nessa região, conseguiram fazer grande parte da viagem de caminhão, e depois desceram o rio de balsa até Yama Yakat. Na base, eles construíram uma balsa maior para a viagem rio abaixo até Iquitos. Por cinco dias eles flutuaram no rio Marañón através de muitas corredeiras, até alcançarem as calmas águas do baixo Marañón. Eram mais sete dias e sete noites navegaram pelo rio Amazonas até a cidade de Iquitos. O Rev. Golliher e Elvin ficaram alguns dias em Iquitos, antes de pegarem um avião para Chiclayo. O relatório que fizeram dessa viagem exploratória declarava que seria difícil alcançar outras tribos a leste da atual área

dos aguaruna e huambisa, visto que elas pareciam viver nos pequenos afluentes que deságuam nos rios Marañón e Amazonas. Não havia missionários ou pastores peruanos disponíveis para serem os pioneiros desse ministério.

Antes de descrevermos o ministério de plantação de igrejas de Elvin Douglass em sua nova missão na região de *Montaña*, incluiremos aqui a avaliação de Elvin sobre seus nove anos trabalhando com os aguarunas.

“Esses nove anos foram um tempo de contínua incerteza e crises. Foram anos de imensa beleza, perigo, tristeza e inesquecível amor. Foi um tempo de aprendizado, escolhas e amadurecimento. Pudemos experimentar a suficiente graça do Senhor em meio à escancarada podridão das hostes de Satanás. E agora era tempo de nos instalarmos para trabalhar na *Montaña*.”

Capítulo 20

O ministério de Elvin e Jane Douglass na Montaña

Montaña é o nome dado às encostas orientais da Cordilheira dos Andes no Peru. A área é bem montanhosa e a vegetação aumenta à medida que se desce para a bacia hidrográfica que forma os muitos rios que são as cabeceiras do imponente rio Amazonas. No norte do país, esses rios deságuam no rio Marañón. É uma região muito fértil e atraiu milhares de famílias dedicadas à agricultura. Os aguarunas se mudaram para o leste, entrando nas regiões da floresta, quando a *Montaña* foi ocupada. Roger Winans viajou por essa região a caminho da floresta e fez muitos contatos que resultaram em várias igrejas. Com o passar dos anos, algumas igrejas foram fundadas. As principais igrejas ficavam em Pucará e Jaén. Quando o casal Douglass foi designado para trabalhar nessa região montanhosa, haviam feito uma estrada de Chiclayo até Bagua, passando por Pucará . Por toda a região, havia estradas que só serviam para caminhões. Quando as estradas terminavam, a viagem prosseguia por mulas e a pé.

Viver em Pucará foi muito difícil para a família Douglass. A cidade era pequena, seca e empoeirada. Embora sua casa alugada ficasse na praça central, oferecia poucos confortos. Todas as pessoas da região vinham para a feira. Era muito barulhento e perigoso. Elvin enxergava seu ministério como algo móvel, viajando continuamente para outras comunidades espalhadas pela região montanhosa. A maioria de suas viagens envolvia uma rota feita por mulas e a pé para chegar a essas comunidades. Ele geralmente voltava muito cansado, e muitas vezes doente. A malária dominava toda a *Montaña*, e Elvin e Jane tinham crises da doença várias vezes por ano. Era muito arriscado para Jane acompanhar seu marido nas viagens, exceto para as comunidades maiores. Os poucos pastores trabalhando nessa região dedicavam-se a sair de suas igrejas para estabelecer novos pontos de pregação, que muitas vezes ficavam a dias de distância de onde viviam. Elvin os acompanhava nessas viagens para pregar e ensinar. Dessa forma, ele ajudava esses pastores e evangelistas leigos em seu crescimento espiritual. Ele foi um catalisador para o crescimento da igreja, apesar de não pastorear nenhuma igreja local. O grande número de pontos de pregação estabelecidos dessa maneira teve como resultado a fundação de boas igrejas nos anos seguintes.

Os três anos e meio que a família Douglass viveu em Pucará e ministrou por toda essa região norte de *Montaña* foram muito estressantes. O filho mais velho, Leonard, foi enviado para um internato missionário e voltava para casa apenas nas férias. O pai de Jane havia falecido

recentemente e sua mãe estava com a saúde debilitada. Em janeiro de 1960, era tempo de se mudarem com todos os seus pertences para Chiclayo e se prepararem para sua licença no sul da Califórnia. Enquanto Elvin viajou por todo o país para pregar e falar de seu trabalho em cultos missionários, Jane teve que ficar em Long Beach cuidando da mãe. Quando o ano de licença terminou, Elvin trabalhou como pastor em uma igreja em Los Angeles. A mãe de Jane faleceu em março de 1962 e eles se prepararam para voltar ao Peru.

A família Douglass voltou ao Peru em julho de 1962. Eles voltaram para Pucará, onde viveram por dois anos, enquanto Elvin construía uma casa para a missão em Jaén. Mudaram-se para Jaén, que era mais central na área de *Montaña*. A região se estendia por 16 mil km² e incluía quatro grandes vales fluviais, que eram divididos pelas montanhas que variavam de 3 mil a mais de 4 mil metros de altura. Havia 15 igrejas nas montanhas e eram necessários de um a três dias de viagem por caminhão, mula e caminhada pelas trilhas da montanha para visitá-las. Apenas uma igreja tinha um pastor treinado, as outras eram lideradas por leigos. Após mais cinco anos supervisionando a região de *Montaña*, mais igrejas tinham sido estabelecidas. Agora havia 50 grupos para Elvin e Jane supervisionarem. Novas estradas tinham sido construídas, conectando as cidades maiores. Também estavam acontecendo mudanças na liderança distrital. O Rev. Espiridion Julca fora confirmado como o primeiro superintendente distrital peruano, em julho de 1967. Dali

em diante, a supervisão das regiões e igrejas estava a cargo da liderança distrital. No mesmo mês, julho de 1967, a família Douglass retornou aos Estados Unidos para sua licença. O conselho missionário, sob a liderança do Rev. Clyde Golliher, deu-lhes uma nova missão ao retornarem de licença. Viveriam em Chimbote, uma cidade industrial de 500 mil habitantes situada no litoral, a meio caminho entre Lima e Chiclayo.

De julho de 1968 até dezembro de 1972, o casal Douglass plantou igrejas em Chimbote. A cidade era a maior produtora de farinha de peixe do país. Era impossível escapar do cheiro de peixe em decomposição. Duas pequenas igrejas já haviam sido formadas, uma no norte da cidade e outra no sul. O desafio para Elvin e Jane era formar uma igreja no centro da cidade que servisse como igreja-mãe para promover o plantio de igrejas na cidade e arredores. Usando locais alugados para sua casa e para a igreja, eles faziam grandes progressos, especialmente com as crianças e as famílias pobres.

Tudo estava indo muito bem até 31 de maio de 1970, quando um terremoto de 7.7 na escala Richter atingiu a cidade e toda a área litorânea. Pelo menos 10 mil vidas foram perdidas em Chimbote. O terremoto abalou a imponente *Cordillera Blanca*, com as montanhas mais altas do Peru, e um deslizamento de terra soterrou pelo menos 10 mil pessoas em Huaraz. O número total de mortes chegou a 60 mil. Muitas mais ficaram feridas, e todas as casas foram praticamente destruídas. Os tremores secundários continuaram por vários meses. Milhares de

órfãos foram levados para outras partes do país. Os prédios das duas igrejas Nazarenas mais próximas foram muito danificados. Como as novas igrejas começaram por Elvin e Jane ainda se encontravam em locais temporários, ou até mesmo em áreas abertas, eles continuaram a se encontrar da melhor forma que puderam em abrigos feitos de bambu. Estavam indo bem. Logo tinham mais frequentadores em múltiplos locais e pediram ajuda ao distrito e ao seminário em Chiclayo. Finalmente, em dezembro de 1971, um aluno do seminário foi encaminhado para ajudá-los, e o casal conseguiu sair para sua licença já programada para os Estados Unidos. Os quatro anos que passaram em Chimbote foram uma combinação de muitas experiências boas, assim como muitos dias de grande tristeza e destruição. Eles gostaram de ministrar para as crianças e suas famílias.



**Destruição causada pelo terremoto em Chimbote,
31 de maio de 1970.**

Quando a família Douglass voltou da licença, em janeiro de 1974, foi designada para auxiliar na plantação de igrejas em Lima e Callao, cidade portuária do Peru. Durante cinco anos, tiveram a oportunidade de trabalhar com outros missionários nazarenos e com jovens pastores peruanos no desafiador trabalho de plantar igrejas em áreas urbanas. Enfrentaram muitos desafios, mas conseguiram estabelecer boas igrejas no bairro de San Martin de Porras, em Lima, e no distrito Carmen de La Legua, em Callao.

Em 7 de agosto de 1979, Jane e Elvin Douglass deixaram o Peru após 32 anos de ministério. Multidões de cristãos peruanos juntaram-se aos missionários para honrá-los por seu serviço, amor e compaixão e para se despedirem da família. Eles retornaram para o sul da Califórnia e se aposentaram na Casa Robles, a comunidade para aposentados da Igreja do Nazareno.

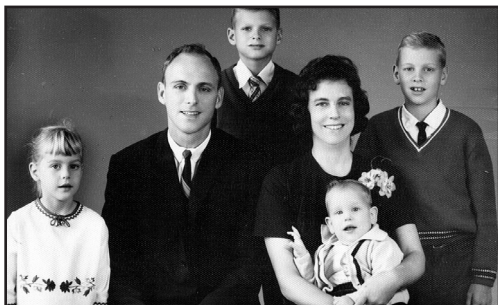
Capítulo 21

O ministério do Dr. Larry Garman e sua esposa

O livro original sobre o início da Igreja do Nazareno no Peru foi escrito pelo missionário pioneiro Roger Winans. Seu trabalho de 34 anos não apenas criou o ministério com a tribo aguaruna ao longo do rio Marañón e seus afluentes, como foi o fio condutor no desenvolvimento das igrejas no litoral, nas áreas montanhosas e nas encostas orientais dos Andes, no norte do país. Como também vimos, depois que ele se aposentou da obra missionária em 1948, o ministério com o povo aguaruna continuou com o Rev. Elvin Douglass e sua esposa, Jane, de 1948 a 1955. De 1955 a 1964, quando o casal Garman foi designado para a obra com os aguarunas, o ministério na região da floresta foi mantido pelos obreiros peruanos e por Harry e Genevieve Flinner. Durante esse período, um novo local foi escolhido como base da missão, na foz do rio Kusú. Ficava a várias horas de barco da missão em Yama Yakat, onde a família Douglass vivera. Foi construída uma casa simples para a missão, assim como uma capela, uma clínica e uma casa para os obreiros peruanos.

Naquele ano, 1964, o dr. Larry Garman e sua esposa, Addie, foram nomeados para servir no ministério com o povo aguaruna. Após um período de estudo da língua espanhola na Cidade do México, eles chegaram ao Peru e foram para a casa da missão em Kusú.

Garman era quiropata formado e teve um consultório particular por dois anos, antes de ser nomeado missionário. Ele também havia estudado medicina tropical, farmacologia e odontologia na Faculdade de Medicina Missionária Biola, em La Mirada, na Califórnia. Seu treinamento possibilitou a criação de uma clínica de saúde reconhecida pelas autoridades do Peru. Além de realizar as visitas às igrejas já estabelecidas e pontos de pregação e de organizar sua clínica, o Dr. Garman, com a excelente ajuda de Addie Garman, sua dinâmica esposa, fundou o Instituto Bíblico para fornecer dar treinamento ministerial aos pastores e todos aqueles que eram chamados por Deus para o trabalho do ministério.



A família Garman.

Todas as igrejas organizadas em aldeias estavam sob a liderança de pastores locais. Como escolas primárias ainda não haviam sido abertas na maioria das comunidades aguarunas, esses líderes locais precisavam receber ensino bíblico que pudessem transmitir aos que frequentavam suas igrejas e pontos de pregação. Na ocasião, o Instituto Bíblico oferecia cursos de duas semanas aos alunos.

Minha primeira visita a esse local na floresta foi no início de 1979. A tradução bíblica dos tradutores de Wycliffe estava em andamento e uma tradução de algumas Epístolas de Paulo tinha sido publicada recentemente. Minha esposa e eu fomos convidados a ministrar um curso de duas semanas sobre essas epístolas no Instituto Bíblico. Chegar ao instituto já era um desafio por si só. Após um dia inteiro de viagem de Lima a Chiclayo pela rodovia Pan-Americana, tivemos mais dois dias de viagem de carro por estradas da montanha e da floresta. Nossa família, composta de dois adultos e dois meninos, de oito e seis anos, finalmente chegou a Chiriaco, onde a estrada terminava. Então tivemos uma jornada de seis horas descendo o rio Marañón em uma grande canoa com um motor de popa, até a casa da família Garman, no rio Kusú. Que experiência excepcional!

Falávamos espanhol, mas os alunos falavam apenas aguaruna, exceto por alguns professores da aldeia que também falavam espanhol e foram nossos intérpretes. Apresentamos a esses pastores e futuros pastores os ricos ensinamentos de Paulo. Para eles, essa era uma introdução a muitos conceitos teológicos de nossa fé cristã. Foi

um desafio apresentar os estudos de forma simples para que nossos alunos pudessem utilizá-los em suas próprias crenças, além de conseguir ensinar e proclamar a mensagem nas igrejas de suas aldeias. Essa foi nossa humilde contribuição ao importante trabalho do Instituto Bíblico administrado pelos Garman.



Primeira viagem de Alfred e Arlene Swain à floresta para ensinar, em 1969. Alunos aguarunas.

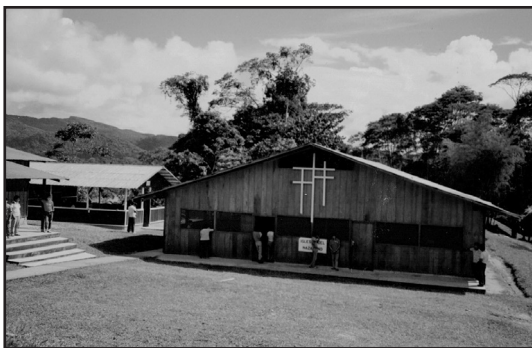
Os novos missionários, Jerry e Brenda Wilson, foram designados para trabalhar com Garman no treinamento do Instituto Bíblico. Contatos se desenvolveram ao longo do rio Santiago, onde a tribo huambisa vivia. Os huambisas eram velhos inimigos dos aguarunas, mas relações amigáveis haviam sido estabelecidas, e logo várias igrejas foram formadas ao longo do rio Santiago.

Por vários anos, o Dr. Garman e sua esposa exerceram seus ministérios a partir da base em Kusú. Criar uma família na floresta peruana não era uma tarefa fácil. Para que seus filhos pudessem estudar em uma escola para

filhos de missionários, eles enfrentaram a jornada para Chiclayo, no litoral, e puseram os filhos em um avião para Pucallpa, na área central de *Montaña*. Alguns anos depois, enviariam os filhos para Quito, no Equador, para cursar o ensino médio na Academia Aliança. O rádio amador era uma salvação para conseguirem se comunicar com os outros missionários no país e com seus filhos, durante esses anos.

Após vários anos de ministério na base em Kusú, o Dr. Garman conseguiu adquirir uma propriedade mais ao norte do rio, na estrada que leva a Imaza, uma pequena cidade e base militar na região. Nessa nova propriedade, que recebeu o nome de Novos Horizontes, e com o auxílio de muitas equipes do programa *Trabalho e Testemunho*, uma casa missionária foi construída para o casal Garman, além de um grande tabernáculo para conferências e atividades distritais. Dormitórios foram adicionados conforme necessário para os alunos do Instituto Bíblico. Uma clínica foi construída para servir às necessidades médicas das famílias dos arredores. A clínica foi oficialmente reconhecida pelas autoridades de saúde locais. Outras casas foram construídas para acomodar os professores e o diretor do Instituto Bíblico.

Quando a estrada de Chiclayo a Bagua foi concluída e pavimentada, a viagem podia ser feita em menos de um dia. Após uma ponte ser construída sobre o rio Chiriaco, a viagem de Bagua até a base da missão Novos Horizontes podia ser feita em menos de seis horas, desde que a estrada tivesse a manutenção necessária.



Base da missão Novos Horizontes, Instituto Bíblico e tabernáculo.

Depois de 2003, a estrada de Bagua a Imaza foi pavimentada, e toda a viagem de Chiclayo para Novos Horizontes podia ser feita em um dia. Nos últimos anos, outras estradas foram construídas nessa área de floresta, o que tornou possível viajar por terra para as cidades de Nieva e Saramiriza, no Baixo Marañón. Essas estradas atravessam terrenos e montanhas muito acidentados e precisam de manutenção constante para que possam continuar sendo utilizadas. Embora a maioria das comunidades aguaruna e huambisa estivessem localizadas ao longo dos rios Marañón, Cenepa e Santiago, assim como em pequenos afluentes, a estrada ofereceu uma grande oportunidade para essas tribos se conectarem com o mundo exterior. Hoje eles também conseguem utilizar meios de comunicação modernos, como celulares e internet.

Embora a obra da igreja na *Selva* sempre tenha sido sempre considerada parte da Igreja do Nazareno no Peru, somente em 1977 o Distrito Pioneiro do Amazonas foi criado com 30 igrejas, 26 das quais possuem prédios próprios, construídos com materiais locais. Havia 1.125 membros plenos e afiliados. O Dr. Garman foi o líder distrital até 1980, quando um pastor aguaruna foi nomeado superintendente distrital e o distrito passou a se chamar Distrito do Amazonas. Desde o início da obra nessa região, foi o conselho da missão que forneceu a maior parte dos recursos para sustentar o ministério dos missionários, o Instituto Bíblico e a clínica. Com a criação do Distrito do Amazonas, uma parte dos recursos vem agora das igrejas estabelecidas, dos alunos e da clínica.

Conforme o número de igrejas se multiplicava na área habitada pelas tribos aguaruna e huambisa e ao longo dos pequenos afluentes, a tarefa de supervisão cresceu consideravelmente. O número de igrejas ao longo do rio Cenepa também aumentou. Do mesmo modo, igrejas foram criadas no rio Santiago, que nasce na fronteira com o Equador. Essa era uma área habitada pela tribo huambisa. Igrejas também foram formadas ao longo do rio Marañón, depois das grandes corredeiras de Manseriche e até Saramiriza, criando uma extensa área para a plantação de igrejas. Além de seu trabalho médico e da participação no ensino do Instituto Bíblico, o Dr. Garman também conseguiu proporcionar recursos para equipar os distritos com barcos motorizados para facilitar a supervisão da obra nos rios.

Em 1986, a liderança regional da América do Sul recomendou a formação do Distrito do Alto Amazonas Fase 1, com centro localizado em Saramiriza. Em 1990, os líderes regionais e gerais aprovaram a divisão do Distrito do Amazonas para formar o Distrito de Condorcanqui Fase 1. Esse novo distrito abrangia a maioria das igrejas abaixo do rio Cenepa, incluindo a cidade de Nieva e as igrejas ao longo do rio Santiago.

Enquanto a obra pelos rios Marañón e Santiago era expandida, o Dr. Garman fazia várias visitas à cidade de Iquitos, uma cidade às margens do grande rio Amazonas, cercada pela mata do nordeste do país. Essa cidade havia crescido e agora tinha 300 mil habitantes, atraídos pela agricultura, indústria madeireira e transporte pelo rio Amazonas para o Brasil. Durante a década de 1970, algumas famílias nazarenas de outras áreas do Peru se mudaram para Iquitos. A partir dessas famílias, várias igrejas foram formadas. Em 1991, a área de Iquitos foi aprovada para a formação de outro distrito pioneiro. O Distrito de Loreto foi criado e um superintendente distrital foi nomeado para coordenar o trabalho das igrejas e orientar na formação de novas igrejas na região da floresta amazônica. Com nenhuma estrada conectando Iquitos a outras partes do Peru, era necessária uma viagem pelo rio Amazonas, que durava vários dias. Viagens aéreas eram possíveis pelo litoral, mas mesmo com seu rápido crescimento, ela ainda era uma cidade remota. Passada uma geração, Iquitos ainda luta para acomodar todos os migrantes que chegam para viver nessa cidade na selva.

Além das igrejas estabelecidas na cidade de Iquitos, muitas igrejas também foram criadas ao longo do rio Amazonas, assim como em alguns afluentes pela região de Loreto. Nos últimos anos, igrejas também foram estabelecidas no rio Ucayali, também parte do Distrito de Loreto.

Como descrito anteriormente na seção dedicada ao crescimento e expansão do ministério com as comunidades aguaruna e huambisa, o Distrito do Amazonas original se tornou um distrito autossuficiente e continuou a crescer. Foram criados os distritos do Alto Amazonas e Condorcanqui. Em 1991, o Distrito de Loreto foi criado na cidade de Iquitos, no baixo Amazonas. O Dr. Larry Garman, durante seu longo ministério missionário na *Selva* peruana (1964-2009), orientou pastores e líderes de distritos na formação de igrejas e distritos autenticamente nazarenos. Em 2018, o Distrito do Amazonas tinha 110 igrejas e missões com mais de 4 mil membros; o Distrito de Condorcanqui tinha 71 igrejas e missões com mais de 3 mil membros. O Distrito de Loreto havia evangelizado ao longo do rio Ucayali e por vários outros afluentes do rio Amazonas, e agora contava com quase 50 igrejas e missões com quase 1.300 membros.

O Instituto Bíblico estabelecido na base da missão Novos Horizontes teve um papel fundamental no desenvolvimento de igrejas nessa região e na capacitação de pastores e líderes dessas igrejas e distritos. Como a maioria das comunidades oferecia apenas o ensino fundamental, a maioria dos alunos nos primeiros anos não tinha formação no ensino médio. Apesar do treinamento ministerial

necessitar de cursos bíblicos, assim como de doutrina e parte prática para o ministério pastoral, foi um desafio, tanto para os missionários que trabalhavam nessa região como para o diretor e professores. Alunos formados pelo Instituto Bíblico que completavam o ensino médio eram encorajados a estudar no Seminário Teológico do Peru, em Chiclayo. O Dr. Garman assegurou bolsas de estudos para esses pastores estudarem em Chiclayo. Após sua formatura, eles retornavam ao trabalho em seus distritos para fortalecer suas igrejas e organizações distritais.

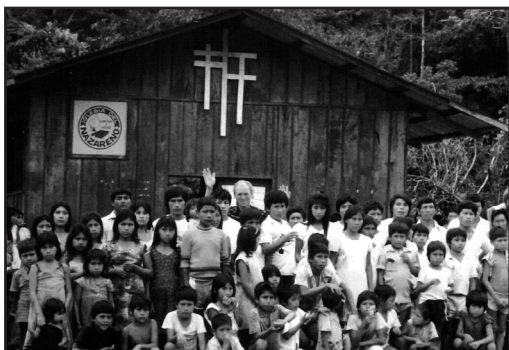
Capítulo 22

O programa Trabalho e Testemunho contribuiu para o crescimento das igrejas

Desde o início do ministério com as comunidades aguaruna e huambiza, tem sido evidente que há uma grande diferença cultural entre os residentes de áreas indígenas e os das demais áreas do Peru. A cultura indígena é baseada na terra e nos rios. Na maioria das comunidades, a agricultura é baseada na preparação das terras para plantio por meio das queimadas. A vida é no nível de subsistência. O solo na floresta amazônica não é muito fértil para o cultivo. Muitas vezes o processo de queimada destrói a camada de solo bom. Em muitos casos, após alguns anos de uso, a terra não produz mais e é deixada para retornar à vegetação original. Então, novos campos precisam ser preparados. Até recentemente, não havia muita oportunidade para comércio e indústria. As casas das famílias eram feitas de materiais simples e disponíveis na floresta.

Garman e os líderes distritais desenvolveram maneiras pelas quais as igrejas locais nas comunidades pudessem

construir seus prédios. Vários homens foram treinados para manusear motosserras para a coleta de árvores e produção de madeira útil nas construções do prédio da igreja. Outros aprenderam a trabalhar com cimento para fazer pisos, colunas e tijolos para as estruturas. Apenas congregações que se mostram responsáveis e prontas para executar o propósito de construir seus espaços de adoração são incluídas nos projetos *Trabalho e Testemunho*. Assim que as equipes do programa *Trabalho e Testemunho* estão disponíveis, a igreja deve fornecer o local de construção e preparar os materiais. O capital próprio do projeto pode ser usado para comprar cimento e materiais para o telhado. O programa *Trabalho e Testemunho* na *Selva* peruana é interessante para pessoas que querem ter uma experiência emocionante e vigorosa, ajudando as igrejas nas áreas da floresta. Quando as comunidades se preparam para a visita de uma equipe, é possível terminar duas construções em menos de dez dias. Para as equipes, há a experiência da viagem pelos rios em grandes canoas até as comunidades, além da contribuição espiritual que uma equipe pode proporcionar às comunidades visitadas. Embora os membros da equipe não falem a língua da tribo, podem dar seu testemunho em cultos com mensagens traduzidas. Muitas vezes, eles também participam na exibição do filme JESUS na língua do povo. Por mais de 40 anos, mais de cem equipes do programa *Trabalho e Testemunho* visitaram áreas de mata no Peru, ajudando comunidades aguaruna e huambisa, assim como outras comunidades peruanas estabelecidas por toda a vasta região da floresta tropical.



Após cada equipe do programa *Trabalho e Testemunho* terminar a construção de um prédio, três cruzes eram penduradas junto à placa da igreja. Ao consagrar uma igreja, chamava-se a atenção para as cruzes e a comunidade era lembrada do significado dessas cruzes. No centro, Jesus morreu por todos; à direita, um ladrão arrependido, representando todos os que são salvos; e à esquerda o ladrão não arrependido, representando família e amigos que necessitam do Senhor.

O Dr. Larry Garman e sua esposa, Addie, serviram ao ministério por 45 anos na *Selva* peruana e se aposentaram do serviço missionário em 2009. Continuaram, porém, a incentivar igrejas nos EUA através de palestras em conferências missionárias e nos finais de semana *Promessa de Fé*. O sonho e visão de Roger Winans era de evangelizar as tribos indígenas da floresta peruana. Ainda há muitas regiões a serem alcançadas nessa imensa área, mas hoje há uma forte presença da Igreja do Nazareno em toda essa parte do Peru.

AS CONTRIBUIÇÕES DAS EQUIPES DE *TRABALHO E TESTEMUNHO* EM OUTRAS ÁREAS DO PERU

Trabalho e Testemunho é um programa que dá oportunidade para que equipes de nazarenos de igrejas e distritos viajem para áreas de Missões Nazarenas selecionadas para auxiliar na construção de prédios de igrejas, casas pastorais e outras estruturas. As equipes custeiam parcialmente os projetos. Elas são geralmente compostas de 10 a 25 pessoas, e o período de trabalho é geralmente de duas semanas. Ao longo dos anos, centenas de equipes do programa *Trabalho e Testemunho* foram ao Peru e contribuíram grandemente para o ministério das igrejas locais. A interação de nazarenos de outros países com nazarenos peruanos ajudou a igreja peruana a ter um direcionamento mais global e, ao mesmo tempo, proporcionou uma experiência missionária verdadeira aos milhares de membros das equipes. Muitas dessas equipes também levaram o equipamento do filme JESUS ao Peru e participaram do evangelismo associado ao filme JESUS. Muitas amizades duradouras foram formadas e são frequentemente renovadas nas Assembleias Gerais reunidas a cada quatro anos nos EUA.

O principal objetivo do programa *Trabalho e Testemunho* no Peru não é a construção de prédios para as igrejas locais. Como o número de novas igrejas vem se multiplicando continuamente no país, líderes nacionais compreenderam que a responsabilidade de providenciar propriedades e edifícios para os ministérios é dever das

igrejas locais. Portanto, a maioria das igrejas locais foi formadas e construída sem a ajuda de equipes do *Trabalho e Testemunho*. A preferência em designar projetos para receberem essa assistência é geralmente dada a centros distritais, casas pastorais, escritórios e, muitas vezes, para centros ministeriais importantes ou até mesmo para primeiras igrejas em uma área em desenvolvimento missionário. Como mencionado anteriormente, as equipes de *Trabalho e Testemunho* que foram às áreas de floresta cumpriram um importante papel no incentivo à formação de igrejas saudáveis e tiveram uma experiência missionária inesquecível.



Uma das equipes de *Trabalho e Testemunho* que trabalhou nos prédios do Seminário do Peru.

Um dos projetos mais importantes e abrangente no qual equipes participaram foi a construção de dois grandes edifícios do seminário em Chiclayo. Entre 1998 e 2000, 16 equipes no total trabalharam no novo refeitório, biblioteca e dormitório masculino. Em preparação para

esses projetos, o coordenador de área do país, o Rev. Alfred Swain, convidou o Rev. Clifford e sua esposa, Iva Tazelaar, de Dover, no estado de Delaware, nos EUA, para uma missão de curto prazo no Peru. O casal Tazelaar já havia participado de cerca de 17 projetos de *Trabalho e Testemunho* em todo o mundo. Cliff, de 70 anos, entregou sua empresa de instalação e reforma de telhados e coberturas ao seu filho, vendeu seu avião particular e alegremente foi para o Peru. Por dois anos, eles coordenaram o trabalho de mais de 30 equipes de *Trabalho e Testemunho*, com grande atuação no Seminário de Chiclayo. Eles também trabalharam com equipes na região da floresta, com uma equipe médica na área de San Martin e com uma equipe na construção de uma casa pastoral distrital e um escritório em Arequipa, assim como em vários projetos na região das montanhas andinas.



Rev. Clifford e Iva Tazelaar. NIVS — Nazarenos Em Serviço Voluntário, 1998-2000.

Com tantas equipes de *Trabalho e Testemunho* chegando ao Peru, foi necessário ter um missionário vivendo em Lima para coordenar a chegada e saída das equipes. O escritório da Área Andino Sul geralmente coordenava esses detalhes. A missão mantinha uma casa, dormitório e oficina em Chiclayo para acomodar as equipes que trabalhariam em projetos no interior do país. Um leigo peruano muito fiel, Esteban Puican, organizava o transporte para as equipes e as acompanhava ao seu destino. Nos últimos dez anos, o coordenador do programa *Trabalho e Testemunho* no Peru tem sido José David Acosta, um missionário da Venezuela. O Peru é um dos países mais visitados na América do Sul para turismo. A maioria das equipes de *Trabalho e Testemunho* que foram ao Peru, especialmente aqueles que trabalharam em projetos na mata, também visitaram Cuzco e Machu Picchu.

Este é um bom lugar para destacar a contribuição das *Ofertas de Alabastro*. Essas ofertas são recebidas de igrejas ao redor do mundo todos os anos, em fevereiro e setembro. Todo o dinheiro arrecadado é destinado à compra de propriedades para igrejas e auxílio a novas construções em áreas de missões nazarenas. Cada ano, é feita uma doação de fundos a cada Região Mundial, e a parte disponível para projetos no Peru tem sido usada para fornecer pequenas doações a igrejas para compra de propriedades ou de materiais para confecção de telhados. Essas pequenas doações são um grande estímulo para igrejas e distritos locais, considerando-se que eles cumprem suas responsabilidades de edificar suas próprias igrejas.

Capítulo 23

O ministério do filme JESUS no Peru

Em todos os anos de história da Igreja do Nazareno no Peru, muitos métodos de apresentação do Evangelho foram utilizados. Antes de terem locais físicos para igrejas, a maioria dos missionários e pastores pregava nas ruas ou fazia evangelismo pessoal com os não alcançados. A pregação evangelística é uma grande parte do ministério pastoral. Campanhas evangelísticas ajudaram a espalhar as boas novas de Cristo e trouxeram novos convertidos às igrejas. Como observado anteriormente, o Rev. Clyde Golliher usou filmes evangelísticos para alcançar cidades e trazer novas pessoas às igrejas.

A Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo (hoje conhecida como CRU) fez o filme JESUS, baseado no Evangelho de Lucas, em 1979. Em 1997, o Dr. Louie Bustle, diretor da Missão Mundial (hoje Missão Global), fez uma parceria com a Cruzada Estudantil para usar o filme JESUS em todos os países onde a Igreja do Nazareno havia estabelecido igrejas. Em 1998, o Parceiros da Colheita do Filme JESUS foi criado e começou a fornecer

equipamentos de projeção para equipes treinadas nos Campos Missionários Nazarenos. A genialidade deste ministério é que o filme não é usado nas igrejas, mas sim projetado em lugares públicos e abertos. Na maioria dos países em desenvolvimento, há uma curiosidade natural entre as famílias que frequentam essas exibições públicas. Em muitas cidades, grandes e pequenas, o filme é exibido em áreas onde não temos igrejas. Como as equipes têm todos os equipamentos de projeção, incluindo um pequeno gerador de energia, a exibição do filme pode ser feita onde não há energia elétrica.

O ministério do filme JESUS foi introduzido no Peru em 1998. O plano era que cada distrito tivesse uma equipe de três pessoas treinadas para organizar as exibições com igrejas locais. Essa equipe treinaria um grupo de membros em cada igreja para realizar o discipulado com os novos convertidos, preparar o equipamento de projeção no local escolhido, exibir o filme na hora anunciada e fazer o convite para todos aqueles que desejassem receber a Cristo como Salvador. Desde o início, esse ministério produz excelentes resultados. Na maioria das apresentações, havia de 100 a 300 espectadores. Em média, pelo menos 10% decidiam receber Cristo. O grupo de cristãos preparados deveria imediatamente entrar em contato com essas pessoas, orar com elas e providenciar o começo do discipulado, assim que possível, usando as Lições de Discipulado especialmente preparadas. A igreja local seria responsável por esses novos convertidos. Muitos se tornariam parte do ministério da igreja local e, em muitos casos, novos

pontos de evangelização e grupos de estudo bíblico seriam formados. Esses novos grupos muitas vezes se tornariam novas congregações e depois igrejas organizadas. Com essa estratégia de evangelismo, o foco está em alcançar famílias que não frequentam a igreja e ganhá-las para Cristo. É uma estratégia que funciona.

O ministério do filme JESUS no Peru tem sido produtivo desde o início. A maioria dos distritos possui equipes treinadas e patrocinadas. Em 2008, havia 14 equipes no país. Em 20 anos, elas fizeram 16.094 exhibições. Mais de 1.5 milhões de pessoas assistiram ao filme. Quase 99 mil pessoas fizeram a decisão de receber a Cristo e mais 60 mil receberam discipulado de acompanhamento. Mais de 2 mil pontos de evangelismo ou grupos de estudo bíblico foram criados.

Uma das áreas mais desafiadoras para usar o filme JESUS tem sido a das aldeias aguaruna e huambisa nas margens dos rios Maraón, Santiago e Amazonas. Eu tive o privilégio de treinar equipes do filme JESUS que iam de aldeia em aldeia para apresentar a história de Jesus. Foram muitos desafios encontrados e resolvidos. Precisávamos de um bom barco motorizado para transportar as equipes e equipamentos necessários para o ministério. Felizmente, o Dr. Larry Garman conseguiu providenciar o barco e o motor para esse ministério. Recrutamos alunos do Instituto Bíblico e alguns pastores locais para formar as três equipes. Normalmente, separávamos três dias para o treinamento dessas equipes. Uma vez, ao chegar no Instituto Bíblico, descobrimos que havia chovido continuamente por quase

dez dias e não parecia haver qualquer sinal de que a chuva iria parar. O treinamento correu muito bem. Planejamos usar as versões do filme nas línguas espanhola, aguaruna e shuar, pois essas eram as que precisaríamos nessas regiões indígenas.

Em nosso terceiro dia de treinamento, ainda chovia, teríamos que partir naquela tarde com as três equipes e subir o rio para a primeira aldeia que receberia esse ministério. Lembro-me de que todos decidimos nos ajoelhar em oração, pedir pelo fim da chuva e pela salvação do primeiro grupo de pessoas. Foi um poderoso momento de oração! Louvamos ao Senhor porque, às cinco da tarde, a chuva parou, o sol apareceu e nos preparamos para ir à primeira aldeia, onde tivemos uma excelente apresentação do evangelho. Todas as pessoas daquela aldeia saíram da escuridão para área iluminada da exibição do filme. Tivemos a oportunidade de orar com o primeiro grupo de novos convertidos. Em apenas alguns dias, a primeira equipe estava com a agenda repleta de aldeias que queriam assistir ao filme. O filme JESUS foi o primeiro filme a ser exibido em muitos desses lugares. A colheita de novos convertidos foi um impulso extraordinário para as igrejas dessas aldeias. A propósito, a chuva não retornou por mais de uma semana.

Igrejas em todo o país aprenderam a usar o filme JESUS para alcançar novas comunidades e novas áreas nas cidades. Centenas de novas igrejas foram formadas com os frutos desse ministério.

Capítulo 24

Desenvolvendo uma estratégia para o crescimento

À medida que a Igreja do Nazareno entrava em novas áreas de missão ao redor do mundo, foi necessário desenvolver regiões administrativas para organizar esse crescimento. Em 1982, o continente sul-americano se tornou uma dessas regiões internacionais. Em 1983, o Rev. Louie Bustle foi nomeado diretor regional para a América do Sul. Ele foi um excelente missionário na República Dominicana e, em 1982, foi indicado para ser o diretor da missão no Peru. Quando foi indicado como diretor regional para a América do Sul, mudou-se para Quito, capital do Equador, e estabeleceu o escritório nacional. Entretanto, Bustle dedicou-se ao desenvolvimento de estratégias para incentivar o crescimento da igreja em cada país. Em 1986, ele percebeu que precisava de vários assistentes que trabalhassem próximos das lideranças de cada país. Ele subdividiu a região em quatro áreas, e uma dessas foi a Área Andino Sul, formada por Peru, Bolívia e Chile. O Rev. Alfred Swain foi nomeado diretor da área.

Embora Alfred vivesse em La Paz, Bolívia, começou a dedicar mais do seu tempo para supervisionar a obra da igreja no Peru. E em 1992, estabeleceu o escritório da área em Lima.

O diretor regional da América do Sul, Dr. Louie Bustle, dirigiu os líderes dos distritos no continente no evangelismo agressivo, plantio de igrejas e multiplicação de distritos. O diretor de campo para o Peru, Rev. Alfred Swain, providenciou treinamento de liderança e orientou os líderes de novos distritos no desenvolvimento de seus distritos. O Dr. Louie Bustle tornou-se diretor da Missão Mundial em 1994, o Rev. Bruno Radi o substituiu no cargo de diretor regional e mudou o escritório regional para a Argentina. De 1994 a 2002, o Dr. Radi ofereceu uma liderança dinâmica à região, especialmente em estratégias evangelísticas e plantio de igrejas, até sua trágica morte. Desde 2002, o Dr. Christian Sarmiento é o diretor regional. O Rev. Swain exerceu a função de diretor de área no Peru até 2003. Rev. Marlon King foi diretor de área até 2006, quando o Rev. Segundo Rimarachin se tornou o que hoje é chamado de coordenador de estratégia de área para o Peru.

Desde que as estruturas regionais e de campo foram estabelecidas, houve contínuas oportunidades para conferências nacionais, regionais e internacionais. Essas conferências asseguram unidade entre os distritos, líderes e pastores. Em todo o Peru, há uma forte lealdade à Igreja Global do Nazareno. A presença maciça de representantes do Peru em Assembleias Gerais consolidou esse amor

pela nossa igreja global. Os líderes peruanos deram continuidade ao treinamento rico, bíblico e teológico oferecido pelos missionários. Não há dúvida de que a Igreja do Nazareno no Peru é uma igreja de santidade na tradição Armínio-Wesleyana.

Capítulo 25

A criação de novos distritos no Peru

De 1917 a 1975, todas as igrejas do Peru faziam parte do Distrito Peru, da Igreja do Nazareno. Em 1947, foi fundada a primeira igreja de Lima, capital do país. Em 1976, o Distrito Peru se tornou um distrito autossustentável, com escritório central em Chiclayo, e foi criado o Distrito Peru Sul, tendo como superintendente o Rev. Clyde Golliher, que vivia em Lima.

Em 1978, o superintendente distrital do Distrito Norte, Rev. Alberto Zamora, visitou a *Selva*, onde a missão com as tribos aguaruna e huambisa estava em desenvolvimento desde o ministério pioneiro de Roger Winans. O Rev. Zamora recomendou que essa área se tornasse o Distrito Pioneiro do Amazonas. A assembleia e seu presidente, o superintendente geral, Dr. Gerald Johnson, aprovaram a proposta, assim, o distrito foi criado sob a direção do Dr. Larry Garman. Esse se tornou o terceiro distrito do Peru, em 1980.

O Rev. Zamora também supervisionou de forma especial um grupo de igrejas formadas no Departamento

de San Martin. Essa área, situada a leste da Cordilheira dos Andes e parte da área de *Montaña*, havia se tornado um assentamento para milhares de migrantes de cidades e comunidades do país que buscavam novas oportunidades. Muitas dessas famílias vinham de igrejas nazarenas do litoral, da Sierra, ou das áreas montanhosas. Na medida em que formavam novas comunidades, essas famílias também davam início a novas missões e igrejas. Em 1977, o Distrito Peru Norte criou várias zonas no Departamento de San Martin. Na Assembleia Distrital de 1980, o superintendente geral, Dr. Gerald Johnson, anunciou a decisão da Junta de Superintendentes Gerais de criar o Distrito de San Martin, e o indicado como superintendente distrital foi o Rev. Alberto Zamora. Este novo distrito já possuía cinco igrejas organizadas, oito congregações e cinco novos grupos. O número de igrejas aumentou rapidamente, acompanhando o crescimento do distrito. Como muitas das novas igrejas ficavam mais ao sul, próximas à estrada criada em 1988 pelo governo, foi criado um novo distrito, chamado *Peru Oriente Central*, tendo um pastor peruano como líder em Tocache.

O Rev. Modesto Rivera Oblitas foi eleito o novo superintendente do Distrito Peru Norte, em 1980. À medida que o número de igrejas do Distrito Norte crescia, tornou-se evidente para o Rev. Bustle e os líderes distritais que era hora de criar novos distritos. Uma comissão foi nomeada para estudar as possibilidades. O relatório foi apresentado na Assembleia Distrital, em dezembro de 1985. A comissão fez uma pesquisa extensiva com o número

de igrejas em cada setor. Eles recomendaram a criação de três novos distritos. Um distrito novo e autossustentável foi criado e recebeu o nome de Distrito Alto Marañón, tendo como centro a cidade de Jaén. Contava com 34 igrejas organizadas, 44 missões e 1.863 membros. Foi organizado também um segundo distrito, chamado Distrito de Cajamarca, com a cidade de Cajamarca como centro distrital. Possuía 15 igrejas organizadas, 15 missões e 829 membros. Um terceiro distrito, chamado Distrito Andino, foi criado, com seu centro distrital em Chota. Esse distrito tinha 15 igrejas organizadas, 41 missões e 2.017 membros. Todos os três distritos faziam parte do Departamento de Cajamarca, além de algumas igrejas no Departamento do Amazonas. Os dois últimos distritos citados, Cajamarca e Andino, eram Distritos da Missão Nacional, pois não eram totalmente autossustentáveis. Havia, então, sete distritos no Peru.

No Distrito Peru Sul, em Lima, havia interesse em alcançar a cidade de Arequipa, no sul do país. A primeira igreja foi formada em 1982 e o pioneiro *Distrito Peru Sur* foi formado em 1986, com novas igrejas sendo plantadas em Tacna e Cuzco. Esse distrito tinha grupos de língua espanhola, quíchua e aymara. O *Distrito Peru Sur* original foi renomeado *Peru Distrito Central*. Esse distrito trabalhou no plantio de igrejas na região Andes Central, a leste de Lima, o que resultou em várias novas igrejas. Um novo distrito, chamado *Distrito Peru Sur Central*, foi criado em 1999 e abrangia uma grande área da planície costeira ao sul de Lima e várias áreas montanhosas nos

Andes centrais. A cultura e língua da área central dos Andes é quíchua.

O Distrito Peru Norte continuou a rápida formação de novas igrejas. Em 1994, foi criado o *Distrito Peru Pacífico Norte*, com centro em Piura e tendo o Rev. Segundo Rimarachin como superintendente. Esse distrito se estendia do litoral norte até a fronteira com o Equador e incluía uma grande parte do norte da cordilheira dos Andes, onde várias igrejas nazarenas já haviam sido estabelecidas. Em 1998, outra divisão do *Distrito Peru Norte* gerou o *Distrito La Libertad-Chavin*, com centro em Trujillo e tendo o Rev. Oscar Medina como superintendente distrital. Esse distrito abrangia uma grande seção da planície litorânea e uma grande área da parte central da cordilheira dos Andes, onde várias igrejas já haviam sido formadas, mas que continuava sendo uma área para plantio de igrejas missionárias nacionais. A língua e cultura predominante nos Andes centrais é o quíchua.

O *Distrito Alto Marañón*, com centro em Jaén, teve um explosivo crescimento de novas igrejas após sua criação em 1985. Em 2000, o distrito estava pronto para se dividir em dois e criar o *Distrito Utcubamba*, com centro distrital em Bagua, Amazonas. Embora possamos comemorar que todo o território do Peru tenha sido distribuído entre os 16 distritos descritos acima, grande parte das regiões andinas do centro e do sul do país têm poucas igrejas, o que representa um grande desafio para a Igreja do Nazareno no Peru. Tem havido um forte impulso missionário em muitas das igrejas e, nos últimos dez anos, muitos jovens

pastores e leigos aceitaram o desafio de realizar o trabalho missionário nas regiões quíchua e aymara, no sul do país. Várias novas igrejas foram organizadas sob a direção do Rev. Edilberto Solano, superintendente do Distrito Peru Sul. Esses missionários peruanos servem por pelo menos dois anos e recebem apoio de suas igrejas de origem. Os que são pastores frequentemente se tornam pastores das novas igrejas formadas. O Peru não precisa mais de missionários estrangeiros para plantio de igrejas, trabalho administrativo ou liderança. Todos os distritos têm liderança peruana e quase todos são autossustentáveis. Eles contribuem fielmente para o Fundo de Evangelismo Mundial da Igreja Global e também participam da Oferta de Alabastro. Muitos peruanos têm servido como missionários em outros países, como Bolívia, Argentina, Chile e Costa Rica, e como pastores e professores em igrejas e instituições norte-americanas.

Capítulo 26

O desenvolvimento da educação teológica no Peru

Neste livro, fizemos muitas referências à capacitação de pastores e líderes para as igrejas no Peru. Neste capítulo, acompanharemos o desenvolvimento da educação teológica no país, segundo a descrição do Rev. Alberto Zamora, em “História da Igreja do Nazareno no Peru”. Ele dividiu a história em quatro períodos, de 1921 a 2010. Estenderemos esse período até 2018. Detalhes sobre o desenvolvimento foram fornecidos pela senhora Imelda Tafur de Martino, reitora do Seminário Teológico Nazareno do Peru.

Primeiro Período: 1921-1950. Desde o início de seu trabalho missionário no Peru, Roger Winans buscou homens e mulheres que sentiam o chamado de Deus para o ministério. Os primeiros obreiros cristãos tinham pouca educação formal. Quando a missão foi transferida de Pacasmayo para Monsefú em 1920, Roger e Esther Carson Winans deram início ao primeiro treinamento

formal na Escola Bíblica, com cinco alunos. No início de 1921, a escola tornou-se o Instituto Bíblico Nazareno. O trabalho da igreja se expandia rapidamente. A necessidade de colaboradores nativos treinados tornou-se urgente. Durante esse período, eram os missionários que davam o treinamento, seguido por períodos de evangelização. Pequenos grupos de alunos eram enviados para auxiliar no ministério de muitas igrejas locais. Quando esses alunos completavam seus estudos, tornavam-se os pastores das principais igrejas. Durante as décadas de 1930 e 1940, ocorreram muitas mudanças na equipe missionária devido à Crise de 1929 e à Segunda Guerra Mundial. No entanto, o Instituto Bíblico continuou seu valioso ministério de treinar pastores para as igrejas em constante expansão. Em 1940, quando os poucos missionários ainda no país não puderam mais administrar o Instituto, o missionário superintendente chamou a senhora Raquel Julca, que servia com o marido, o Rev. Espiridion Julca, em Chota, para ser a diretora interina.

Segundo Período: 1950-1975. Em 1950, o Instituto Bíblico Nazareno foi transferido para Chiclayo, onde funcionou por 12 anos nas salas do porão da Igreja Central de Chiclayo. O Rev. Espiridion Julca era o pastor, e sua esposa, Raquel, tornou-se uma das professoras. Em 1962, o Instituto mudou-se para seus novos edifícios em Chiclayo, onde continua até hoje. A força da igreja é fruto de seus líderes. A grande contribuição dos missionários que permaneceram como professores e diretores durante

esse período foi oferecer um treinamento sólido, bíblico e teológico aos alunos que, depois de formados, edificaram igrejas nazarenas fortes e fiéis. Uma dessas professoras foi Mary Miller. Ela chegou ao Peru em 1954, e trabalhou todo o seu ministério de 43 anos no Instituto Bíblico, que depois recebeu o nome de Seminário Nazareno. Ela foi uma excelente professora, bibliotecária e conselheira para muitas das alunas que também se tornaram pastoras capacitadas. De 1967 a 1975, o Rev. Espiridion Julca foi o superintendente distrital, e sua esposa, Raquel, foi uma das professoras do instituto. Os formados eram enviados a igrejas onde não apenas contribuíram para um bom ministério, mas devido ao seu treinamento, evangelizavam muitas cidades e comunidades vizinhas. Muitas das novas igrejas foram formadas na área de Chiclayo, e um fluxo constante de novos alunos chegava ao Instituto Bíblico para sua preparação.

Terceiro Período: 1975-1983. Na 55.^a Assembleia Distrital, celebrada em Chiclayo em 1975, o Rev. Julca renunciou ao cargo devido a problemas de saúde (sua esposa, Raquel, faleceu em 1973, em decorrência de um câncer). O Rev. Alberto Zamora tornou-se o novo superintendente distrital. Dr. Orville Jenkins, superintendente geral que presidiu a assembleia, anunciou que o Rev. Espiridion Julca se tornaria o primeiro diretor peruano do Instituto Bíblico Nazareno. Missionários exerceram o cargo de diretor desde a fundação do Instituto Bíblico, 52 anos antes. Embora alguns missionários continuassem a servir

como professores, a maioria do corpo docente era agora composta de peruanos que se formaram no instituto, serviram como pastores e tinham ensino superior. Sob a liderança do Dr. Julca, o Instituto Bíblico Nazareno tornou-se o Seminário Bíblico Nazareno em 1979.

O Dr. Julca exerceu o cargo de diretor do seminário por oito anos. Em março de 1983, anunciou sua aposentadoria, e o Rev. Ernesto Lozano Padilla foi nomeado novo diretor. Naquele mesmo ano, o Rev. Louie Bustle, que trabalhava como diretor da missão do Peru, foi nomeado diretor regional de todo o trabalho das Igrejas do Nazareno na América do Sul.

Quarto Período: 1983-2018. O ano de 1983 seria um ano de grandes mudanças na educação teológica no Peru. Em uma conferência realizada em Lima, reunindo os diretores de seminários e institutos bíblicos do Equador, Peru, Bolívia, Chile, Argentina e Brasil com representantes do Seminário da Costa Rica, um novo programa de treinamento pastoral foi adotado. O conceito de preparação pastoral descentralizada foi introduzido em todas as instituições nazarenas da América Central e do Sul. O nome era CENETA, da abreviação em espanhol para Centros Nazarenos de Educação Teológica Afiliados. Era um programa já em funcionamento no Seminário Nazareno das Américas, em San José, Costa Rica. Essa descentralização criaria centros em todos os distritos do Peru, onde alunos que não podiam se mudar para o Seminário em Chiclayo poderiam se preparar para o

ministério. Também forneceria um nível de capacitação não oferecido no seminário. Muitos pregadores e pastores nativos não haviam concluído o ensino médio. O Programa de Estudos para Ministros Nazarenos aprovado seria o currículo usado nesses centros e seminários. Guias de estudo para todos os cursos seriam fornecidos para garantir uma formação padronizada. Um quadro de professores especializados viajaria aos centros distritais para ministrar cursos mais avançados. Ao mesmo tempo, pastores que já haviam se formado no seminário poderiam ministrar outras matérias. Um ano depois da introdução destes programas, o número de alunos em preparação para o ministério teve um crescimento significativo, tanto no seminário quanto nos centros distritais. O programa CENETA operou em coordenação com o Seminário Nazareno da Costa Rica (SENDAS) até 1989. Em 1990, o diretor nacional do programa CENETA no Peru, Rev. Daniel Brewer, transferiu todos os documentos dos alunos para o Seminário em Chiclayo que passou a administrar o programa a partir daquele momento.

Em 1984, o Seminário Teológico Nazareno foi autorizado a conceder o diploma de Bacharel em Teologia, e apenas alunos com ensino médio completo poderiam ser aceitos. Em 1985, o seminário afiliou-se formalmente ao Seminário Nazareno (SENDAS) de San José, na Costa Rica, para oferecer cursos de licenciatura³¹.

³¹ O diploma de licenciatura é equivalente a um diploma universitário. O Seminário das Américas, na Costa Rica, se tornara uma universidade, segundo as leis do país.

Essa afiliação ao SENDAS durou até 1989, quando o seminário em Chiclayo foi transferido para o Seminário Regional Sul-Americano em Quito, no Equador, também conhecido como CRECE. A associação com o CRECE para conceder diplomas continuou até 2000, quando o Seminário Teológico do Peru obteve autorização para emitir diplomas de licenciatura. Em 2003, o programa CENETA mudou de nome, passando a chamar-se ETED (Estudos Teológicos Descentralizados). Com a mudança do Escritório Regional Sul-Americano do Equador para a Argentina em 1994, a direção regional de todo o treinamento teológico na América do Sul foi transferida para Pilar, na Argentina. O diretor regional de educação teológica é o Dr. Jorge Julca, um dos bem-instruídos líderes do Peru.

A partir de 2000, o Seminário Teológico Nazareno do Peru firmou um acordo formal com o programa SENDAS, da Costa Rica, para oferecer um programa de mestrado. Os cursos eram ministrados por professores peruanos com diploma de mestrado. Alguns professores do SENDAS foram ao Peru para ministrar cursos desse programa. Em 2017, um total de 32 pastores haviam concluído cursos de mestrado no Peru. Vários líderes e professores do país se inscreveram em um curso de extensão do Seminário Teológico Nazareno em Kansas City, no Missouri, e após vários anos de estudos receberam o diploma de Doutor em Ministério.

Em 2002, na reunião anual da diretoria do seminário em Chiclayo, foi decidido que todo o programa do Seminário

Teológico Nazareno do Peru seria descentralizado. Cursos regulares seriam ministrados por todo o país nos centros distritais da ETED, com cursos também oferecidos no campus de Chiclayo, se necessário, especialmente os que necessitavam de professores não residentes com pós-graduação. Os alunos também têm a opção de fazer cursos online, através do Seminário Nazareno da Argentina. Portanto, o programa de residência não era mais necessário. Os dormitórios do campus de Chiclayo são usados para programas especiais, sendo alguns alugados para alunos, conforme necessário. A equipe administrativa de todo o programa continua a servir no campus de Chiclayo.

O Instituto Bíblico (IBN) em Novos Horizontes forneceu treinamento para os pastores das igrejas indígenas na região da floresta. A composição do programa CENETA ofereceu uma estrutura melhor para os estudos no IBN, e outros centros distritais foram organizados com o método CENETA, agora ETED, para dar treinamento àqueles que não podiam ir ao Instituto Bíblico. Alguns dos alunos formados no IBN que também completaram o ensino médio se matricularam no seminário em Chiclayo e receberam o diploma de bacharel em Teologia. Em 2008, o IBN foi validado pela Junta Internacional de Educação Nazarena (IBOE) e firmou um acordo com o Seminário Teológico do Peru para conceder diploma de bacharel em Teologia para os alunos que concluíssem o ensino médio. Em 2012, o IBN afiliou-se ao Seminário Teológico em Chiclayo e tornou-se um campus secundário do Seminário Teológico Nazareno do Peru.

Grande parte do crescimento e expansão da Igreja do Nazareno no Peru é resultado direto do forte e doutrinário ensino bíblico oferecido a pastores e professores pelos Institutos Bíblicos e Seminários no país. De 1921 a 1975, essa liderança foi composta por missionários que contribuíram como professores e diretores. De 1975 a 1983, o Dr. Espiridion Julca foi o diretor da Escola Bíblica. De 1983 a 2010, o Rev. Ernesto Lozano foi o diretor do seminário. Em seus longos e dedicados anos de serviço, ele dirigiu o seminário durante as muitas mudanças que produziram um grande seminário no Peru. De 2010 até o presente, o Dr. Evelio Vasquez tem sido o dinâmico diretor.



Dr. Espiridion Julca, diretor da Escola Bíblica, 1975-1983.



Rev. Ernesto Lozano Padilla, diretor do Seminário do Peru, 1983-2010.



Dr. Evelio Vasquez, diretor do Seminário do Peru, 2010-2019.

Capítulo 27

A comemoração do Centenário

Embora este livro tenha descrito detalhadamente os anos de serviço prestados por Roger Winans e os ministérios de Elvin e Jane Douglass, assim como o do Dr. Larry Garman e sua esposa, Addie, tempo e espaço não permitem um relato do ministério de dezenas de outros missionários nazarenos que serviram com amor e sacrifício ao longo da história da Igreja do Nazareno no Peru. Vinte e três missionários serviram por mais de 20 anos, 11 deles por mais de 30 anos. Outros 14 missionários serviram entre 10 e 20 anos. Quando a liderança peruana foi reconhecida em 1967, com a confirmação do primeiro superintendente distrital peruano, o papel dos missionários mudou. Eles trabalharam para estabelecer igrejas na área de Lima e em regiões não alcançadas do país. Conforme outros distritos liderados por peruanos foram sendo criados, os missionários assumiram um papel de apoio. Após 1982, os missionários restantes serviram como professores no seminário e em programas educacionais descentralizados. O casal Garman continuou a servir na Clínica Nazarena e

no Instituto Bíblico, em Novos Horizontes. Outros, que tinham tarefas especializadas, continuaram a coordenar programas provenientes das organizações regional e global.



Mary Miller, professora missionária no Instituto Bíblico e no Seminário, de 1954 a 1995.

A Igreja do Nazareno no Peru, oficialmente reconhecida como Associação Iglesia del Nazareno de Peru, com o Rev. Oscar Medina Guzman como presidente, é uma parte ativa e fiel da Igreja Global do Nazareno. É o glorioso fruto do ministério de centenas de líderes e pastores peruanos e do fiel apoio e testemunho entusiástico de milhares de membros leigos das igrejas locais.

Os líderes distritais tinham frequentes reuniões. Quando chegou a época de planejar a comemoração do Centenário, muitas propostas foram consideradas. Seria um tempo de revisitar o progresso da igreja ao longo das décadas. Também seria um tempo para analisar a condição atual da igreja, olhar para o futuro e projetar

uma visão de crescimento contínuo. O ano de 1967 comemorou o Jubileu da Igreja do Nazareno no Peru. Esse foi o ano em que o Rev. Espiridion Julca tomou posse como primeiro superintendente distrital peruano. Ele também marcou uma mudança na relação entre o distrito e o conselho missionário. Daquele momento em diante, os missionários concentrariam seus ministérios em Lima, no Instituto Bíblico em Chiclayo e no ministério com os aguarunas na *Selva*.

A segunda comemoração foi o aniversário de 75 anos da Igreja do Nazareno no Peru. Esse evento incluiu duas grandes comemorações: a Conferência Sul-Americana de Evangelismo, realizada em Chiclayo, de 4 a 7 de agosto de 1992, seguida pelo aniversário de 75 anos da igreja no Peru, nos dias 8 a 9 de agosto de 1992, no Distrito Central em Chiclayo. Durante a semana toda, de terça a domingo, houve uma programação completa de conferências de ensino e cultos noturnos realizados em uma arena local. O Dr. Louie Bustle, diretor regional da América do Sul; o Rev. Robert Scott, diretor da Missão Mundial; o Rev. Bruno Radi, diretor de evangelismo para a região, bem como pastores e professores estiveram a cargo do ensino e pregação. Os cultos evangelísticos noturnos alcançaram a cidade de Chiclayo.

O centenário do início dos trabalhos da Igreja do Nazareno no Peru tinha duas opções de data de comemoração. Roger Winans e sua esposa, Mary, chegaram a Pacasmayo em 1 de novembro de 1914. No entanto, eles só foram oficialmente autorizados pela Junta Geral como

missionários para o Peru em 1917. Então, embora a data oficial seja 1917, a igreja decidiu comemorar a chegada da família Winans em 1914. Roger já havia feito muitos contatos e convertidos quando foi nomeado missionário. Os líderes criaram uma comissão para planejar a celebração centenária que ocorreria no final de semana de 1 e 2 de novembro de 2014, em Chiclayo. Um Retiro Nacional de Pastores também seria realizado nos dias 30 e 31 de outubro. O convite seria enviado não apenas para todas as igrejas e pastores do país, mas também para os líderes regionais na Argentina e para nazarenos em outros países da América do Sul.



Igreja Los Parques, Chiclayo. Culto noturno de comemoração do Centenário.

A conferência Nacional de Pastores e a comemoração do Centenário foram eventos maravilhosos. Pastores e seus cônjuges vieram de todas as partes do Peru. Grandes grupos de leigos vieram para as festividades. Todos os 16 distritos estavam representados, com muitos deles

montando estandes para fornecer mais informações sobre suas atividades. Alguns ofereciam lembranças e até mesmo alguns pratos típicos regionais. Líderes e pastores também vieram da Bolívia, Chile, Equador, Brasil e Venezuela. Essa não era apenas uma celebração nacional, mas uma celebração de toda a Igreja do Nazareno na América do Sul. O Peru foi um dos primeiros países na América Latina a ter missionários e igrejas nazarenas.

Grupos musicais de muitos distritos e igrejas locais ministraram os louvores nos cultos. O Dr. Christian Sarmiento, diretor da Região da América do Sul, transmitiu mensagens e ensinamentos inspiradores. O Dr. Jerry Porter, superintendente geral, representou a Junta de Superintendentes Gerais e pregou as dinâmicas mensagens dos cultos noturnos.

Foi organizado um grande desfile na tarde de sábado, partindo do centro do distrito e seguindo pela avenida principal de Chiclayo. Grandes delegações, representando igrejas locais e distritos, acompanhadas por muitos veículos decorados e muita gente cantando canções alegres encheram a avenida. Mais de 10 mil nazarenos comemoraram a presença e o ministério da Igreja do Nazareno no Peru. O culto da noite de sábado deu continuidade à comemoração. O Dr. Porter pregou uma mensagem poderosa e propôs à igreja no Peru o ousado desafio de continuar a evangelizar as vastas áreas do país onde ainda existem poucas igrejas nazarenas. Ele desafiou os líderes distritais a plantar mais igrejas, treinar

mais pastores e, especialmente, aumentar o número de membros para alcançar a meta de 100 mil membros.



Dr. Christian Sarmiento, Diretor Regional da América do Sul; Dr. Jerry Porter, Superintendente Geral; Rev. Segundo Rimarachin, Coordenador de Estratégia para a zona Central Andina.

Para o culto matinal de domingo, todas as igrejas locais nazarenas, até mesmo as mais distantes de Chiclayo, suspenderam seus cultos e foram até a arena. Foi uma imensa celebração da escola dominical, seguida por uma mensagem desafiadora para que todos os nazarenos retornassem às suas igrejas, cidades e comunidades para pregar e ensinar a mensagem de santidade da igreja. A grande comemoração do Centenário foi concluída com uma celebração da Santa Ceia e uma oração de bênção e despedida.



Multidão na arena no culto de encerramento da comemoração do Centenário.

A plantação de igrejas continuou em todo país. Em 2018, havia 806 igrejas organizadas e 184 congregações, totalizando 990 igrejas. Os 16 distritos relataram um total de 56.058 membros plenos e mais 15.553 “membros afiliados”. Os membros afiliados estão recebendo discipulado e treinamento para fazerem parte da membresia antes se tornarem membros plenos. Esses são os frutos do evangelismo. As áreas montanhosas dos Andes centrais e sul são as regiões mais difíceis para evangelização e plantação de igrejas. Nessa área, há desafios culturais e linguísticos, além das fortes tradições religiosas e animistas. Os distritos que declararam maior crescimento no ano de 2018 foram: Distrito Central, com 871 conversões; Distrito Norte, com 1.845 conversões; Distrito Pacífico Norte, com 1.500 conversões e o Distrito La Libertad-

Chavin, com 2.416 conversões. Esses distritos também abrigam a maioria das maiores igrejas do Nazareno no país.

Embora essas estatísticas sejam impressionantes e demonstrem como a Igreja do Nazareno tem se multiplicado por todo o Peru, elas não são a única forma de medir a saúde e a vitalidade da igreja. As igrejas e pastores locais, a liderança distrital e os líderes nacionais no Peru são fiéis apoiadores da Igreja Global do Nazareno. A sólida formação teológica e bíblica dos pastores e líderes na doutrina de santidade wesleyana é evidente em todas as áreas da Igreja do Nazareno no Peru. Pregação e ensino de santidade são temas constantes em conferências distritais e nacionais. Há uma excelente comunicação dos líderes globais, regionais, nacionais e distritais com todos os pastores e igrejas locais. Mesmo nas áreas onde as diferenças culturais são significativas, o ensino cuidadoso e contínuo auxilia essas igrejas e líderes a compreenderem a doutrina e as práticas nazarenas. As práticas de adoração são também consistentes com a mensagem de santidade wesleyana.

Merece destaque especial a obediência dos jovens de ambos os sexos ao chamado de Deus para o ministério cristão. Conforme observado anteriormente, há muitas áreas no Peru onde a Igreja do Nazareno não foi estabelecida. As igrejas e distritos locais têm uma consciência fervorosa da necessidade de um ministério missionário incessante. As igrejas locais estão sempre buscando alcançar novas comunidades usando o filme JESUS para formar novas

igrejas. O chamado para o serviço missionário é uma frequente ênfase em conferências distritais e nacionais. As igrejas são muito ativas no discipulado de novos convertidos e grandes cultos de batismo são comuns, muitas vezes reunindo várias igrejas da mesma área.

Louve ao Senhor! A Igreja do Nazareno no Peru está viva e vibrante. Os nazarenos peruanos aceitaram sua missão de evangelizar sua própria nação, que não é mais considerada uma área que necessita de missionários vindos dos países que tradicionalmente os enviam. Cristo nos Andes continua a ser o chamado e prática da Igreja do Nazareno no Peru.

Apêndice

Nota do editor: Atualização estatística de 2019

Nome do distrito (Ano de abertura)	Nomes anteriores	Total de igrejas	Igrejas organizadas	Membresia
Peru Alto Amazonas (1989) Peru Baixo Amazonas; Peru Bajo Amazonas	28	20	8	550
Peru Alto Marañón (1986)	92	80	12	3,826
Peru Amazonas (1977) Peru Aguaruna; Peru Nordeste Peruano; Peru Nordeste; Peru Amazonas	110	70	40	4,688
Peru Andino (1986)	109	92	17	6,223
Peru Cajamarca (1986)	61	48	13	2,841
Peru Central (1976) Peru Sul	43	36	7	4,490
Peru Condorcanqui (1990) Peru Rio Santiago	71	54	17	2,727
Peru La Libertad-Chavín (1999)	33	32	1	11,138
Peru Loreto (1990) Peru Iquitos	48	26	22	1,177
Peru Nororiente (1980) Peru San Martin; Peru Nordeste	97	80	17	5,753
Peru Norte (1920) Peru; Peru Norte	98	75	23	12,062
Peru Oriente Central (1989) Peru Centro-Oriental	21	19	2	1,084
Peru Pacífico Norte (1995)	69	69	0	10,192
Peru Sur (1987) Peru Sul	9	9	0	941
Peru Centro-Sul (2000) Peru Sierra Centro	14	9	5	484
Peru Utcubamba (2000)	89	83	6	3,391

DISTRITOS NO PERU



SUA HORA DE AGIR

- Que características você percebe em Roger Winans e sua obediência ao chamado de Deus em sua vida?

- Roger Winans não é o único missionário que perdeu um cônjuge ou filho durante o serviço missionário. Ele perdeu vários, mas manteve-se fiel ao seu chamado. Diante de uma perda, o que você acredita que mantém uma pessoa focada em uma missão dedicada ao benefício de outros?

- Pense em sua vida. O que você precisa nutrir em sua fé e prática para poder permanecer fiel ao seu chamado?

- Muitos missionários seguiram os passos de Roger Winans, Larry Garman e outros. Você se vê como um líder ou pioneiro cujos passos outros poderia seguir para dar prosseguimento ao trabalho que você começou? Você se vê como um seguidor, dando continuidade ao trabalho de outros? Que dons espirituais você acredita serem necessários em uma vida de liderança? E em uma vida de seguidor?

- Pense em sua vida. Existem maneiras de ser um “missionário” para seus vizinhos e sua comunidade? O que você está disposto a sacrificar para que outros conheçam Jesus?

- Você consegue pensar em dificuldades enfrentadas pelos missionários nazarenos de hoje que sejam semelhantes às enfrentadas pela família Winans e outros missionários mencionados neste livro? Quando você se depara com dificuldades, no contexto de missões, como reage?